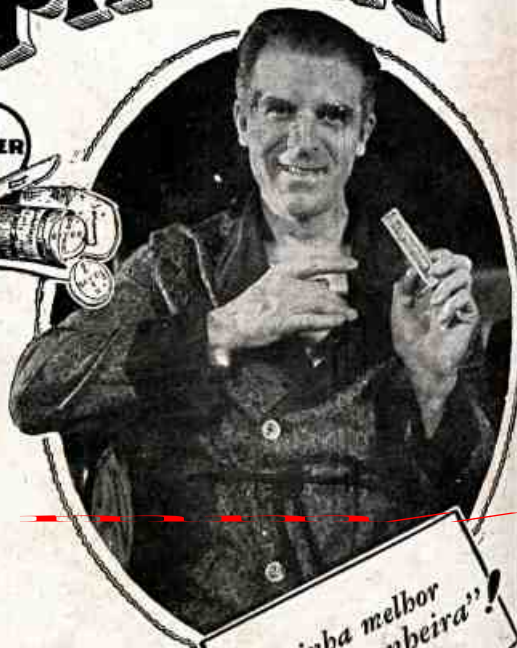
ANNO XXIII — N.º 49
Rio, 7 de Dezembro de 1929
— PREÇO: 1$000 —
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
FON
FON

O conto brasileiro

MULA SEM CABEÇA

De
R. MAGALHÃES JUNIOR

DESDE o malfadado dia em que a Balbina fugira com o Chico Gaivota, a casa do velho Bastião andava cheia de tristezas. Com a fuga da cabocla — a mais bonita e faceira que já pisou os sertões do Cariry — fugira todo o encanto, toda a alegria, toda a felicidade daquella rustica choupana, perdida no meio das caatingas adustas do Ceará.

O velho Bastião queria tanto á filha ingrata, que nem teve geito de lhe rogar uma praga, de amaldiçoal-a. Ficou de cara amargada, triste, triste, "como quem tem quebranto", sem dizer palavra...

Néco, irmão da fujona, rapazelho de quinze annos, andava tambem, como o pae, cheio de magoa, opprimido pela mesma tristeza acabrunhante.

Ambos, pae e filho, julgavam que o Chico Gaivota raptara Balbina com a intenção de desposal-a. Decerto soubera que o velho Bastião não via com bons olhos seu namoro e dahi ter tomado a resolução de fugir com a namorada.

Quinze dias já haviam passado e já houvera tres missas no arraial sem que, no emtanto, o velho Bastião tivesse recebido noticia do casorio.

Zé Lixandre, morador na fazenda vizinha, foi quem disse ao velho Bastião que o Chico Gaivota não queria "ir aos pés do padre":

— Cumpadre Bastião, diz lá o Chico Gaivota que vae vivê c'a Balbina, mas porém sem se casá. E diz que vamecê num é hôme p'ra mode i lá buscá sua fia, apois elle cose seu bucho c'a faca e dêxa vamecê c'um tanto buraco que nem renda de armofada...

— Apois dêxe 'stá... Eu amostro quem é que é hôme... — redarguiu o velho, cerrando o sobrecenho.

E mal Zé Lixandre havia sahido, foi cuidando de se armar. "Deu de garra" a um cacête de jucá assado e a uma faca de ponta acerada, decidido a enfrentar Chico Gaivota.

— Vamecê num vá, mê pae — supplicou Néco. — Oie que o Chico Gaivota num 'stá lá sozim. Tem o Nastaço, o Tiburço e o Nicolau... São quatro cronta um...

— Me dêxa, menino. Eu num perciso de consêio... sei o que eu tô fazendo...

— Apois vamecê dêxe eu i tombem...

— Vamecê é menino, num póde se mettê em briga de hôme... Fique oiando a panella... Tice fogo na trempe... — arrematou o velho.

E, calçando as alpercatas de couro crú, poz-se a caminho da Pavuna, onde morava, com seus irmãos, o Chico Gaivota. Néco, teimosamente, acompanhou-o.

— Vórta, menino — gritou o velho, quando o avistou a seguil-o. — Vórta, sinão te metto o reio...

— Dêxe eu i, mê pae. Eu quero lh'ajudá...

— Só fartava vancê me ajudá. O que vancê póde fazê é m'intrapaiá...

O rapazola voltou. Mas, quando o pae o havia perdido de vista, metteu-se no matto e, varando o embastido carrascal, tomou tambem o rumo da Pavuna.

Quando ahi chegou, a luta estava accesa. Chico Gaivota, Tiburço, Nastaço e Nicolau, uns armados de faca e outros de cacête, atacavam ferozmente o velho Bastião, que, com agilidade inaudita, tambem golpeava os seus terriveis contendores.

(Conclúe na pag. 80)

O COMMENTARIO

O jornalista Mattos Ibiapina, director do O Ceará, de Fortaleza, recentemente chegado a esta capital, concedeu uma entrevista a um vespertino sobre a actual situação politica e seu reflexo na Terra do Sol. Abstrahindo a parte desse documento relativa aos localismos politicos do Ceará, que não são de molde a interessar grandemente a opinião nacional, o ponto mais digno de nota do mesmo é este: perguntado sobre os votos da Alliança Liberal no seu Estado, respondeu desta forma: "A proposito da Alliança Liberal, aproveito a opportunidade para dizer, com franqueza, por intermedio de seu popularissimo jornal, que está causando estranheza á opinião independente do meu Estado esse realejo do respeito á vontade eleitoral. Então, os chefes da Alliança ignoram que, no Brasil, nunca se respeitou o veredicto das urnas? Porque esperar dos actuaes dominadores esse sacrificio voluntario? Essa attitude dos liberaes redunda em um forte elogio á situação vigente."

As palavras do jornalista cearense são claras. Sem duvida, é um elogio. E a opinião geral nelle se reflecte pela palavra do sr. Ibiapina. Esse elogio é a resultante fatal da honradez e da probidade, da moralidade e da segurança do governo do sr. Washington Luis e dos processos lisos sempre postos em pratica pelos candidatos paulistas.

As cartas de amor

NA noite do vigesimo quinto dia que seguiu ao da morte de sua mulher, Guilherme teve, afinal, coragem sufficiente para entrar no aposento daquella a quem havia amado com amor tão profundo e tão feliz.

Sobretudo queria respirar o perfume do passado ao ler de novo as cartas escriptas por elle nos momentos em que a vida os obrigava a crueis separações.

Joanna guardava toda aquella correspondencia em um cofrezinho de ebano e nácar, cuja chave não se afastava de seu bolso. Abriu, e appareceram varios pacotes com fitas de côres differentes e que etiquetas classificavam segundo periodos precisos: "Guilherme na Argelia", "Manobras de campanha", etc.

Em baixo havia um caderninho que Guilherme conhecia bem — especie de diario interrompido, no qual Joanna registava as sensações communs do matrimonio, seus gozos, suas amarguras.

Mas, ao tomar esse caderno, moveu Guilherme uma tira de veludo que tapava o fundo do cofrezinho. Tirou a tira, e grande foi sua surpresa ao ver um envelope amarello fechado com cinco sellos de lacre vermelho, e que parecia conter certo numero de papeis.

No envelope conheceu a letra de sua mulher. Leu: "Para ser entregue, depois de minha morte, a minha amiga Henriqueta Deize."

Guilherme não vacillou. Por mais leal que fosse e apesar de nunca ter, emquanto Joanna vivia, aberto uma carta destinada a sua mulher, com gesto brusco, sem reflectir, impellido por um instincto mais poderoso que tudo, rasgou o envelope.

Eram cartas. Cartas de homem.

Com mão tremula, tomou uma dellas.

Começava por estas palavras: "Minha adorada..."

Olhou a assignatura: "Rafael".

Immediatamente comprehendeu. Durante os mezes que haviam precedido a enfermidade de Joanna, Rafael Dormeval fôra o familiar da casa. Varias vezes, ao regressar ao lar, havia encontrado aquelle homem sentado junto de sua mulher, e Guilherme recordou com exactidão os silencios que acolhiam sua inopportuna chegada.

Naquelle momento, o relogio domestico dava as onze horas.

Guilherme levantou-se, sahiu do aposento, tomou sua capa e seu chapéo; e sahiu.

Um automovel de praça levou-o ao club da rua dos Capuchinhos. Subiu.

Em varias salas havia mesas de bridge. No fundo, em uma sala mais espaçosa, jogavam o bacarat.

Rafael Dormeval fazia de banqueiro.

Guilherme poz alguns luizes em um quadro.

Alguns minutos depois, sem motivo, ou ao menos por tão futil motivo, que os demais jogadores se olharam espantados, insultou a Dormeval de modo grosseiro. Houve troca de cartões e se nomearam padrinhos.

Guilherme regressou a sua casa. Dois retratos de Joanna adornavam a chaminé: queimou-os. Depois foi para o salão, tirou o retrato a oleo de sua mulher, cortou a tela na moldura e, pedaço a pedaço, a queimou tambem.

Feito isto, se deitou, dormiu com bastante tranquillidade; quando no dia seguinte se levantou, estava mais sereno. Parecia-lhe ter morto a morta uma segunda vez, têl-a morto nelle definitivamente, para sempre, e que nunca mais o obsecaria a espantosa recordação da traição. Só um ser poderia perpetuar aquella recordação: Rafael Dormeval. Aquelle ia morrer, e breve nada restaria do passado.

A's dez horas se reuniram os padrinhos. A's quatro, se realizou o duello.

Logo que se viu deante de seu adversario, Guilherme vibrou de odio terrivel. Só então soffreu, e sentiu, da maneira mais profunda, que não seria possivel a vida emquanto continuasse vivendo aquelle homem.

Duas vezes o atacou com violencia excepcional. Foi preciso que os separassem. No terceiro encontro, de novo se atirou sobre elle e o atravessou com uma estocada.

Dormeval cahiu. Estava morto.

Depois de se despedir de seus padrinhos, Guilherme deu um longo passeio pelo "Bois de Bologne". Nenhum pensamento o agitava. Sentia seu cerebro pesado, confuso, e do qual as idéas não conseguiam desprender-se. Sofria? Havia saciado seu odio?

A' hora do jantar, estava de novo em sua casa. Seu criado disse-lhe que, havia pelo menos uma hora, uma senhora o estava esperando no salão. Reconheceu Henriqueta Deize, a amiga intima, a confidente a quem Joanna legára suas cartas de amor.

Desde a morte de sua mulher, Guilherme não tornara a ver Henriqueta, por se ter esta ausentado no dia seguinte áquelle em que occorrera a grande desgraça.

Trocaram algumas palavras. Henriqueta annunciou-lhe que acabava de chegar do Melodia, que por fim obtivera o divorcio contra seu marido e que tinha a intenção de novamente se casar logo que expirasse o praso legal.

— Ah! — disse Guilherme, indifferente.

E em seguida lhe perguntou ella, com certa reserva:

— Não encontrou o senhor, entre os papeis de Joanna, um pequeno pacote para mim?... Um enveloppe lacrado?

Guilherme olhou a joven com expressão adusta, e esteve quasi a reprovar-lhe a cumplicidade. Mas, para que? Respondeu:

— Sim, encontrei um enveloppe com o nome da senhora.

— Tem-no ahi?

— Queimei-o.

Ella pareceu muito desapontada, e exclamou:

— Como! Queimou-o? Pois o senhor não tinha o direito de queimal-o.

— Não tinha o direito de queimal-o?

— Não. As cartas que havia nelle me pertenciam. Joanna guardava-as para fazer-me um favor. Mas bem combinado estava que um dia ou outro...

Vendo que Guilherme não parecia comprehender, exclamou, com estranheza:

— Mas, nada lhe havia dito Joanna? Pobre amiga minha! Não lhe pedira eu tanta reserva, em relação ao senhor!

— Como, como?! — disse Guilherme, com expressão de terror.

— De certo — explicou Henriqueta. — Como estava eu em instancia de divorcio, temi que descobrissem as alludidas cartas em minha casa... E eu tinha tanta amizade a essas cartas... Unicamente Joanna podia guardar-mas pois só ella conhecia o segredo do minha vida.

— Que segredo? — balbuciou Guilherme.

Maurice Leblanc

— Ah! Não o sabe o senhor? Eu amava alguem... a um dos amigos de sua casa... que frequentemente vinha aqui...

Guilherme teve sufficiente força para articular:

— Rafael Dormeval?

— Sim. Rafael. Vamo-nos casar quando eu ficar livre de tudo. Sahindo daqui, irei vel-o.

Henriqueta estava de pé, já resolvida a partir. Tinha uma linda cara feliz, illuminada por sua alegria, e nos olhos, que sorriam, um pouco humidos, como que enternecidos por tanta ventura.

Elle gaguejou:

— Já... vae?... Já... vae?...

— Sim. Vou á casa delle. Rafael só me esperava amanhã. Que surpresa! Por isso é que eu gostaria de ter suas cartas. Tinhamos resolvido lel-as juntos, uma vez livres.

— Escute... Escute...

Guilherme teve a sensação de que enlouquecia. Comprehendia que alguma cousa formidavel, monstruosa havia occorrido. Alguma cousa que lhe deixaria uma recordação mais terrivel, mais atormentadora que a propria morte de sua mulher. Quizera preparal-a para a espantosa noticia. Mas, não sabia que dizer. Seus labios se negavam a pronunciar as hediondas e tremondas palavras. Olhava Henriqueta, tremendo, como olhamos aquelles sobre quem caem desgraças que superam ás forças humanas.

E, sem uma palavra, sem um gesto, tiritando de medo e de angustia, deixou que ella partisse...

(Illustrações de Marcelo Roberto)

A SUBSCRIPÇÃO.

NO Parlamento grandes triumphos como orador, mais academico do que tribunicio, obtivera José Bonifacio, cognominado o Moço ou o Segundo, emquanto o outro, o patriarcha da independencia do Imperio, cultor da litteratura, da poesia, estudioso das sciencias naturaes, fôra a negação completa para a oratoria.

Morto o eloquente representante da então provincia de São Paulo, apresenta-se alguem no Senado da Monarchia com uma subscripção, em virtude da qual contribuiria cada senador com a quantia de cincoenta mil réis afim de render homenagem posthuma ao conselheiro illustre, ao orador e poeta de apreciavel talento.

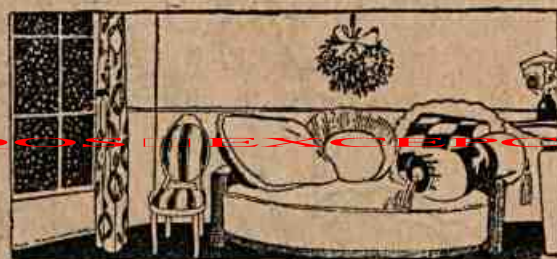
Apresentada a certo senador inculto e commodista, nega-se a dar a sua assignatura sob futil pretexto. Allegada falsa a desculpa, insiste a pessôa encarregado de alcançar a benevolencia de todos os collegas do homenageado, pedindo áquelle não venha constituir feia excepção. Não encontrado recurso para recusa formal, por fim interroga mal humorado:

— Mas, afinal de contas, que fez o José?

"Que fez o José...?" repete no dia seguinte jornalista inclemente, e explica ao referido senador o que fizéra no Senado o nobre José Bonifacio de Andrade e Silva, sempre filiado ao partido liberal, todavia sempre contrario ás paixões demagogicas; e diz-lhe o muito dos seus triumphos oratorios.

Fez o que não poderia fazer nunca, em absoluto, o senador em causa, por lhe faltar preparo, por carecer de talento, pelo seu egoismo immoderado.

Admira-se de haver o imperador escolhido o seu nome no meio de uma lista triplice apresentada pela sua Provincia, após eleição feita com eleitores especiaes, consoante as determinações da Constituição politica jurada a 25 de Março de 1824; admira-se, porque certamente em melhor condição de ser nomeado senador do Imperio estaria qualquer dos companheiros das pelejas eleitoraes.

— Sabe já o que fez o José, não é assim? Sabe perfeitamente não poderia fazer o que fez elle, não é verdade? Pois bem, prosegue o jornalista, não seja avarento, senador, e assigne a subscripção!

HORMINO LYRA

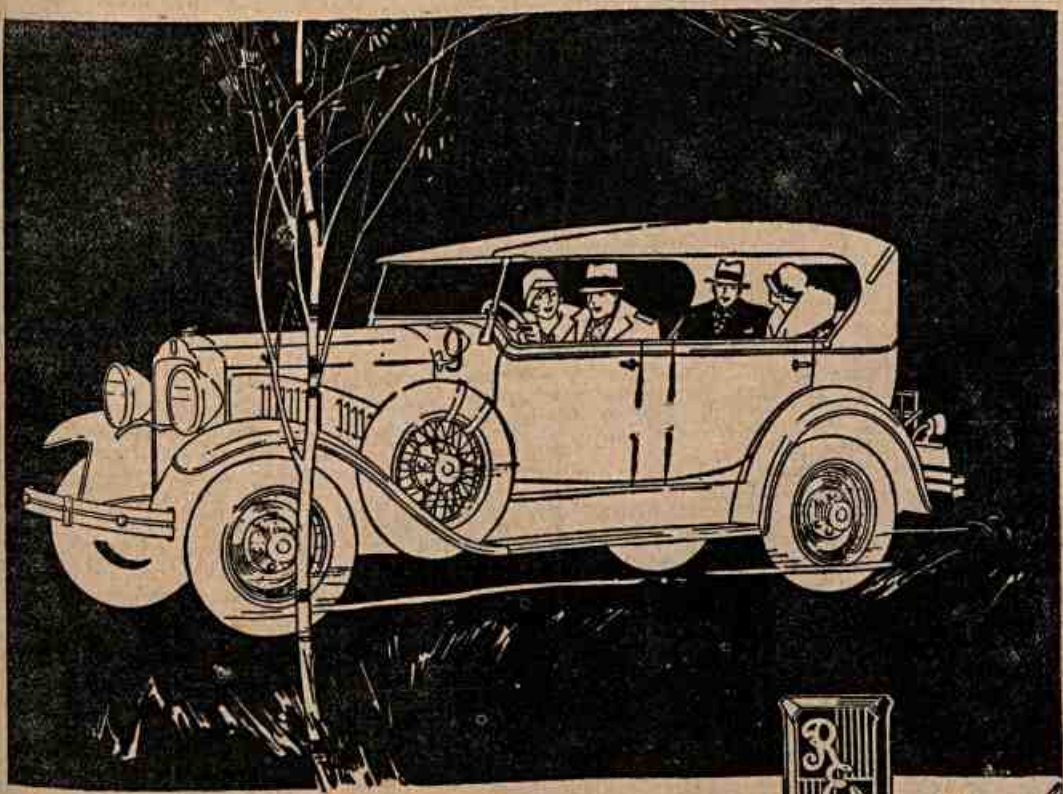
REO*

ATÉ NAS MÁS ESTRADAS É CONFORTAVEL

O conforto do "REO" é uma cousa tão universalmente conhecida no meio automobilistico, como a segurança de seu funccionamento e longa duração.

Tanto motorista como passageiros dispõem de amplo espaço para as pernas e as almofadas dos assentos são de um tamanho e macieza pouco vulgares.

As molas compridas, flexiveis e semi-ellipticas são providas ainda de blocos de cautchouc para absorpção completa dos choques.

A commodidade de marcha é ainda augmentada, especialmente nas más estradas, pelo uso, á frente e á retaguarda, de amortecedores hydraulicos de choques.

Distribuidores para o Sul e Centro do Brasil
S. A. IMPORTADORA DE AUTOMOVEIS
Alameda Cleveland, 49-53 — S. Paulo

Agentes autorizados
SERGIO PEREIRA & CIA.
Rua Mariz e Barros, 338 — Rio de Janeiro

* REO são as iniciaes de Ranson E. Olds, um dos pioneiros da industria automobilistica, um dos fundadores da REO MOTOR CAR COMPANY e actualmente presidente da directoria da dita firma.

ROSALIA, (S. Paulo) — Sim. Já está a venda a 2.ª edição d'*A Costella de Adão*, o livro de contos de Berilo Neves, que tanto exito alcançou, ha poucos mezes, quando do seu apparecimento. V. Ex. poderá encontral-o em todas as livrarias, principalmente, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, e nas suas filiaes dos Estados.

A Costella de Adão é um trabalho elegante como confecção graphica. E' illustrado pelo nosso companheiro Renato Palmeira.

RECTIFICAÇÃO. — Escrever para o publico é, de certo, uma grande responsabilidade que se assume. Por muitos motivos. Mas, sem duvida, estes são ainda mais serios, quando se redige uma secção como a presente.

Aggravam muito essa responsabilidade os erros de revisão. De modo que, de quando em quando, é necessario fazer uma especie de expurgo, de prophylaxia, afim de que o *virus* da cassangeogia não prolifére.

E' o que agora acontece. Comecemos o nosso trabalho de hygiene...

Em nosso numero de 23 de novembro ultimo, a revisão deixou escapar, como de outras vezes, os seguintes *lapsus*:

Na resposta a S. (Capital), se lê: "Isso para não alludir o que chega". Deve-se lêr: "alludir *ao* que chega". Na resposta, dirigida a Afranio de Paula Cortes, (Capital), ha este erro: "exhalando *emmanações delecterias*. O que escrevi foi: "emanações deleterias".

Respondendo a Santiago Merety, (S. Paulo) a revisão deixou passar esta construcção: "só recebo em sympathia", quando o certo é: — "só recebo *com* sympathia". A' Djenane, (?): Nada encerram de novo, e lhes falta essa flamma que *o clarão*, inconfundivel, dos espiritos que sobresaiem por si". Agora o correcto: "Nada encerram de novo, *e falta-lhes* essa flamma *que é o clarão inconfundivel* dos espiritos que sobresáem por si". No periodo que se refere a Gilberto Gonzaga, (S. Paulo) ha este erro: "a hora do jantar". O certo é "á hora do jantar". Cléo, (São Paulo), teve esta resposta: "não *digijére* senão idéas *obtrusas*... com *batatatas*..." Ora o que está no original é isto: "não *digére* senão idéas abstrusas... com *batatas*". Adeante, ha: "E por favor não me dê uma cutelada! Que cutelaria sinistra! Mas, srs. o que escrevi foi: "uma cutilada! Que cutilaria!"

Ha ainda outros pequenos erros e falhas que o leitor corrigirá, segundo a praxe...

BIGUE, (?) — Lá vem litteratura. Dois pontos:

"Yves — Meus cumprimentos. — confesso-me arrependido de ter lido o exame de sua letra.

Ha muito que mantenho entre os meus desejos, o de minha lettra soffrer uma observação de seo estudo, baseada na sciencia de abalisados mestres.

Yves, como sabes, ainda não chegamos á perfeição de conhecermos o nosso proprio caracter, a não ser com o auxilio de outra pessôa.

Apezar de viver sentindo sempre e cada vez mais, a necessidade absoluta de me aperceber do meo eu, mas um certo acanhamento me impedia de lhe dirigir, receando uma negativa, que seria uma decepção e tristeza, alem de outras já passadas.

Creia, Yves, que estou te fallando a verdade. Se o meu desejo encontrar echo em sua bôa vontade, lhe ficarei immensamente grata; mas em caso contrario, o muito pezar para a

P. S. — Caso mereça sua attenção, desejo para a resposta o pseudonymo de Bigue, sim, Yves?"

Pois sim, Bigue...

DAPHNIS, (?) — Não faço o estudo de sua letra porque o resultado seria doloroso para V. Ex.

MLLE. BISCUIT, (Curitiba) — Como V. Ex. declara que deseja conhecer a sua graphologia, vou attender o seu pedido.

Comecemos... A sua graphia é a de uma pessoa insincera e dissimulada. E' violenta, apesar de suas attitudes lentas e mansas. Patua, é de uma vaidade exagerada, embora a sua vaidade não dê para irritar. E' sovina. E' dessas creaturas incapazes de gastar um nickel. Si puder, passa carona no bonde, para não pagar a passagem. Chi!

Preguiçosa, muito calma, gosta mais de estar em repouso, do que trabalhando. E' combativa, teimosa, implicante e, sobretudo, mediocre de espirito. E' triste. Pelo menos, nessa carta que me envia, a sua letra revela melancolia. Felizmente não é neurasthenica. Pelo contrario, é zombeteira e gosta de rir furtivamente das proprias pessôas que a rodeiam.

Agora, como V. Ex. me elogia e se intressa pela minha saude, declarando que tem sympathia por mim, (palavras de mulher leva-as o vento...) estou embaraçado e

MARILIA, (S. Paulo) — Olá! Até que emfim appareceu. E, como sempre, V. Ex. me dá uma idéa de finura e distincção pessoal.

Não me recordo da carta a que se refere. Mas si a collaboração é mesma de agora, devo ser sincero em declarar-lhe que ella não honra o seu nome. Esse genero literario está muito explorado. E' preciso saber escolher o aspecto ainda pouco explorado, para tirar algum partido. O conto é como certas vasilhas em que todos bebem. A' vezes procuramos o local que nos parece menos visitado por outros labios e, no emtanto, é o mesmo que outros, anteriormente, procuraram. Mas não desanime. Mande outro.

O meu romance "Uma garçonne carioca" só apparecerá agora no anno vindouro. Talvez em fevereiro. Paciencia.

Sou muito sensivel ás suas palavras, a proposito do meu conto *Salvação*.

Quanto ao seu mimo, devo dizer que fiquei confundido. A marca não importa, nem tambem o perfume, apezar de adoral-o. O que mais me impressionou foi, a sua lembrança. E' muito consolador sabermos que alguem se lembrou de nós e objectivou essa lembrança na delicadeza de um mimo qualquer. Mesmo pouco valioso.

Certa vez, alguem tambem me offereceu um vidro de perfume. Hoje, sou indifferente a esse alguem. Mas como todo perfume é evocativo, não ha occasião em que a minha sensibilidade olfativa perceba que me não recorde delle.

O mesmo poderá acontecer desta vez, com V. Ex. em relação ao magnifico presente que teve a fidalguia de offerecer-me.

Até breve.

VIRTUOSE, (?) — Um "Stradivarius" legitimo, presentemente, deve custar de vinte a trinta contos. Nunca menos disso. Mas não creio que possúa um exemplar de tão famosos violinos. Porque os que ainda existem estão em mãos de celebridades do arco.

LILIA, (Estado do Rio) — Aqui está a sua missiva côr de perola. Foi uma bella visita, que recebi hoje de manhã.

Primeiramente, quero dizer-lhe que me sinto muito lisongeado com as referencias que fez ao meu poema *O Suave enlevo*.

Diz V. Ex. que ao virar a sua ultima pagina, só encontrou esta phrase, para me dizer: "Muito obrigada, Yves!" — Muito obrigado por tanta gentileza é o que lhe devo dizer.

Pergunta-me se ainda me lembro de sua pessoa? De sua pessôa, não

pois ainda estou á espera de que cumpra a promessa que fez de se me fazer apresentar. Lembro-me, porém, de suas cartas lapidares, reveladoras de um espirito subtil e penetrante.

Deixei de responder-lhe porque as suas ultimas cartas eram, pode-se dizer, de assumpto privado, e só interessavam a minha pessôa. Ora, si eram assim, é claro que só lhe poderia dar uma resposta, — pessoalmente ou para o seu endereço. E a mim não me cabia pedir-lhe esse endereço.

Agora V. Ex. me pede uma photographia. Muito bem: V. Ex. tel-a-á. Mas terá que esperar que eu vá ao photographo. Depois, V. Ex. — si não me fôr apresentada — certamente me enviará a sua, mas

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

a sua, realmente, e não a de uma artista de cinema: todas ellas muito conhecidas...

Não entendi o ultimo trecho de sua carta: "Desta vez ainda não lhe mando o meu endereço", etc.

E' possivel que seja uma honra tão grande para mim, o facto de saber o seu destino, e quem seja a minha illustre consulente, que até custe menos communicar-me com a princeza Giovanna, da Italia, ou com a imperatriz japoneza... Mas a verdade é que, nem sequer, fiz a mais simples insinuação a tal respeito.

LILAZ. (Pernambuco) — Muito obrigado pelos elogios que faz ao meu poema. "Uma garçonne carioca" não apparecerá mais este anno. Talvez em fevereiro proximo.

Pelo que me escreve, fico sabendo que o Recife está um segundo Rio. Antes assim. Mas o que eu desejaria era que o Rio se tornasse um segundo Recife — com as suas lindas praias cheias de coqueiros e pescadores ingenuos.

As praias cariocas são mostruarios da nossa vida elegante... semi-núa... quasi paradisiaca... E tudo cança, dizia o Conselheiro Accacio, o irmão de Calino, tio de Pacheco e avô de João Bôbo...

Não conhece o Conselheiro Accacio? Oh! é delicioso! E' um homem captivante. E' o ispirador de multas de minhas consulentes.

Até V. Ex., sem querer, revelou na sua missiva, que recebe inspirações do illustre e pascacio cidadão portuguez.

COCCINELLE (Capital) — Aqui está a sua missiva, *mélange* de *argot* e francez...

"Monsieur Yves. — "Qui ne risque rien, n'a rien"... et je risque que ma lettre aille rejoindre tant d'infortunées compagnes dans la corbeille de ce terrible Monsieur Yves.

Tant pis le sort en est *jéte.*

Je souhaite de tout cœur que vous m'accordiez une toute petite minute et que vous me fassiez mon (estudo graphologica)... Je vous en serais tellement reconnaissante.

Fon-Fon est mon grand ami mon professeur portugais, il distrait et instruit la petite "cabocla" que je suis devenue.

Helas!!!... peut être ferez-vous fi d'une petite paysanne qui sollicite vos lumiéres pour éclairer bien for tous ses défauts.

Coutchois comme il est nécessaire que le j'ecrive sur vingt lignes.

2º j'ecrive mon vrai nom.

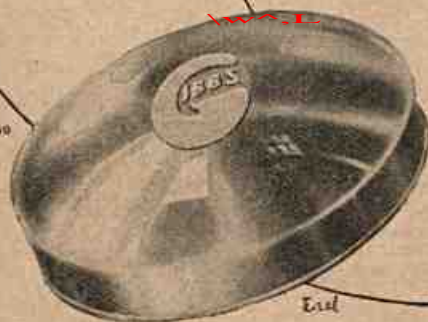
3º trés lisiblement, prenez patience Monseur Yves, pardonnez la bavarde qui accapare un temps si précieux, et répondez lui je vous prie sous le nom de "Coccinelle".

Pouvre que vous ne me répondiez pas: Não sou graphologo."

Au revoir, Monseur Yves, que Dieu sourie toujours á ceux que vous aimez ici mon vrai nom."

Muito bem. V. Ex. fez, na graphologia, como uma dama que tivesse de ir a um baile e, depois de vestida, com tudo apuro, esfriasse a proposito a malha da meia, bem perto do calçado — no tornozello.

V. Ex. preecheu todas as formalidades para um exame grapholo-

gico. Mas pautou, a lapis, o papel em que devia escrever.

Si o principal é traçar a letra em papel liso, de linho...

LAMPADA BRUXOLEANTE, (E. do Rio) — Uma cartinha azul-celeste. Uma letra fina, revelando um temperamento sensual... Um pseudonymo: "Lampada Bruxoleante".

Tudo isso é muito suggestivo. Não sei por que, me vieram á imaginação os versos de Sanguinetti... Conhece-os?

"Por la lumbre de fuego de tus ojos majita
que escintilan con leves temblores siderantes;
por la ssuave ternura de tus manos ducales,
instrumentos de artista en amor erudita;
por las flores de loto de tu gracia perlada
y tu ngenio con vuelos de golondrina loca;
por tu gracil silueta de tanagra enlutoda
y tu ingenio con vuelos de go londrina loca,
te proclamo señora de mi amor paradójico
con los brazos abiertos, la mirada en la luna
y todo dolorido de un mal extraño e ilógico
(te busco en todas partes y no te hallo en ninguna)."

Ha cartas assim: portadoras de bellezas, ellas só nos suggérem bellezas. Mas na de hoje, ha uma nota muito triste, que me commove. E' a que se refere ao episodio que dá origem ao seu pseudonymo. Queiram os deuses que a sua vida não se extinga depressa como faz suppor; nem que esteja a apagar-se como uma "lampada bruxoleante..."

Infelizmente a sua missiva encerra detalhes aos quaes não posso responder por esta pagina. Assim, espero que se restabeleça de todo; e, então, quando vier ao Rio, eu lhe falarei pessoalmente. Por emquanto, tenho que ficar por aqui.

VIOLETA, (Pernambuco) — Sim, só o facto de ser minha conterranea seria uma razão para que fizesse a sua graphologia. Mas é que V. Ex., preenchendo certas formalidades, para obter um exame graphologico, abandonou outras egualmente imprescindiveis.

Assim, escreveu em papel liso, de linho. Está certo. Mandou uma assignatura, que diz ser verdadeira. Está certo. Mas traçou menos de vinte linhas e, depois, preparou o papel, dobradinho, deixando margem, como si fizesse um requerimento ou qualquer outro documento official.

Ora, em graphologia o importante é escrever em papel liso, de linho, como fez, mas uma carta, onde entre o elemento psychico e se expandam todas as qualidades do caracter. Essa carta deve ser escripta em posição normal, e com a letra habitual, de modo que tudo apresente a maior naturalidade. Basta a alteração de uma letra, de um traço, de um córte de t ou qualquer outra letra, para que o exame saia imperfeito. E é por isso que o consulente deixando de obedecer a todos esses requisitos, quer que o estudo seja uma maravilha — inclusive os detalhes do seu caracter.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Pois sim...

BENEDICTO CESAR, (Estado do Rio) — O seu soneto "Terra cançada" vae ser publicado. Mas, francamente, o sr. faz uma revelação alarmante: "nunca mais darei um fructo..."

Como o sr. se deve sentir blasé!

AMIGUINHA TRISTE, (Paraná) — "Amiguinha Triste!" E' bem de vêr que seja triste. Pudera! A sua missiva parece uma viuva — de defunto pauperrimo — que fosse transformada... em carta literaria. Si acha essa imagem idiota, direi que a sua carta me suggére um tanque de lagrimas onde se lavam as magoas que mancham os corações doloridos. Dir-se-ia ainda que é um foguete de lagrimas... coloridas de rôxo... Em fim, depois de tão longa definição, creio que o melhor é publical-a sua carta. Vamos a ella:

"Caro Yves. Um momentinho de attenção, sim?...

Não preciso dizer que você é muito querido pelas leitoras do Fon-Fon, que a sua secção de "Saibam Todos" é muito apreciada e que você é muito bomzinho. Por que Yves deve estar cançado de ouvir essa cantilena, que elle mais do que ninguem já sabe e disso se orgulha, não é!

Yves, eu queria... Não é graphologia, não... Queria que você escrevesse uma poesia para o meu album. Mas, queria uma poesia mais ou menos do estylo de "Mal Secreto".

Não me responda com sua ironia fina, mas que fere, nem me responda que sou muito intelligente, que sou um oceano de intelligencia como "Miss Atlantico".

Você me attende, sim Yves, é o primeiro pedido que lhe faço.

E esperando benevolencia da sua parte, muito lhe agradece a

Amiguinha Triste"

Agora, vamos aos commentarios. Por itens.

1.º — Devo declarar que não sou bonzinho. Deus me livre de ser tal coisa!

Alphonse Karr dizia: "Quando não se pode dizer que uma mulher é bonita, moça e intelligente, ha sempre um meio de se dizer: "Ella é bôasinha". Estará V. Ex. nesse caso? Não o creio; 2.º — Com muito prazer, escreveria a poesia que me pede. Mas não sou alfaiate, nem modista. Não se espante! Não diga que esses dois representantes do côrte nada têm com a resposta que lhe devo. A poesia que me pede deve ser endereçada a uma costureira, pois é poesia por medida, no genero "Mal secreto". As poesias que escrevo não são feitas de crêpe georgette nem cortadas a tesoura e medidas com fita metrica, depois de experimentadas no manequim. Ellas, nem sequer, são medidas nos dedos: são medidas com a imaginação; 3.º — Não direi que V. Ex. seja como "Miss Atlantico", embora ache que ambas são bôasinhas. (Oh! desculpe!) quero dizer: V. Ex. não é boasinha, como define Alphonse Karr, nem é um "oceano de intelligencia", como "Miss Atlantico". V. Ex. é um poço de sabedoria. Está bem?

Adeusinho! Dê lembranças aos mosquitos de Paranaguá. E quando quizer, faça a encommenda da sua poesia ás costureiras cariocas...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos toáas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

"Graphologia — Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2. — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON-FON — 7-12-929

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Aos nossos segurados e amigos, com os nossos votos de Bôas Festas e reconhecimento pela confiança com que nos têm honrado.

COUPON A' Sul America: Caixa 971 Rio

Queira enviar-me gratis um exemplar do folheto "O Vosso Futuro".

Nome.

Endereço: F. F.

SUL AMERICA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACCIDENTES

A MESMA ADMINISTRAÇÃO DA SUL AMERICA

O que nem todos sabem

Os colleccionadores de sellos descobriram o segredo para preservar suas collecções da acção destruidora do pó e da traça. Para isso encerram os sellos em albuns de crystal.

* * *

Os governos da Italia e da França estão estudando a construcção de um tunel por baixo do Monte Branco para dar passagem a uma estrada de ferro.

O tunnel projectado terá uma extensão de 10 kilometros. A nova linha, que se desenvolverá toda nos montes, comprehenderá numerosos tunneis de pequena extensão, mas de forte declive. O tunnel maior será, porém, o do Monte Branco. O custeio das obras será feito mediante um emprestimo lançado no mercado europeu e garantido pelos governos da França e Inglaterra.

A importancia da nova derrota provém do facto de encurtar de tres horas o tempo empregado pelos trens directissimos internacionaes de Roma e Milão para Paris e Londres.

O traçado da linha começa em Aosta, e, seguindo por Pré Saint-Didier em direcção á Entrèves, subirá pelo valle do rio Dora. Depois de atravessar o Monte Branco, a linha desembocará em Chamonix, na Saboia e depois no valle do Rhodano alcançará Lausanne, entroncando com os trens internacionaes.

* * *

Ha estrellas cujo brilho soffre uma variação periodica. Assim, ás vezes têm um resplendor singularmente intenso e outras vezes se apresentam quasi perdidas na escuridão.

* * *

Quaes são os animaes de mais rapido vôo?

A essa pergunta póde-se responder que a aguia é invensivel no vôo, pois percorre 1875 metros em um minuto, o que corresponde a um pouco mais de 22 legoas por hora.

Quanto aos outros passaros, a distancia maxima que pódem transpôr em um dia é de 250 legoas.

Henrique II, rei de França, que caçava uma vez a garça real, viu desapparecer um dos seus falcões que vinte e quatro horas depois era apanhado em Malta, isto é, a 27[illegible] legoas do ponto de partida.

Quanto á lentidão, lembremos que o caracol percorre 40 centimetros em 6 minutos e meio. A formiga faz o mesmo percurso em menos de um minuto.

* * *

As salinas mais notaveis que se conhecem são as de Wieliczka, na Polonia, de 2.500 metros de comprimento por 100 de largura e 200 de profundidade.

*

Reshid-Eddin, celebre historiador persa, diz, numa de suas obras, que os chinezes já usavam, no anno de 1303, as impressões digitaes como meio de identificação.

— Querido!

— Santo Deus!

E os dois — o homem e a mulher que vinham em sentido opposto — unindo a acção á palavra, correram a levantar o pequeno que havia dado uma tremenda queda na vereda.

As quatro mãos se encontraram no pequenino corpo da criança.

Ella, com seu lencinho perfumado, enxugou as lagrimas que corriam pelo rostinho rosado, e elle, por sua vez, tirou uma moeda do bolso e a deu á pequena victima.

— Não chores. Toma, para comprares caramelos.

O menino sorriu ainda, não se sabe bem si pelas caricias ou pela moeda, e se afastou contente, e já consolado.

Então, o homem e a mulher se olharam.

Ella tinha uns lindos olhos azues e o sorriso cordial lhe illuminava o rosto.

Elle pensou:

— Si eu tivesse a certeza de que ella me acariciaria com seu lenço perfumado, cahiria agora mesmo.

Elle tinha uns profundos olhos negros e a bocca sensual e sympathica.

Ella meditou:

— Este homem é carinhoso com uma criança desconhecida. Como não seria com um filho delle... e meu!

E o pensamento audaz a fez sorrir.

Assim se conheceram e assim começou o idyllio, um divino idyllio de amor.

* * *

Ella, Elvira, vinte annos. Elle, Roberto, vinte e cinco.

São de corpo e alma, limpos de todo peccado, isentos de vaidade, livres de ambições.

Não encerraram seu amor entre as quatro paredes de uma sala, a prazo fixo, nos dias semanaes indicados com antecedencia.

Viram-se e conversaram na rua — fonte de toda vida e dôr —, nos passeios, nas praças, no campo, nos bondes, nas salas de espera dos theatros e cinemas, deante das vitrinas illuminadas e nas esquinas em penumbra.

Caminhavam sem falar, de braços dados, pelas margens do rio, em muitos entardeceres de outomno, quando as luzes das embarcações ancoradas se diluiam na neblina intensa.

Iam quarteirões e quarteirões, sem rumo. Elle tinha os passos largos e firmes. Ella, meudos e desiguaes. Mas nenhum dos dois se cansava, e quando os fracos pésinhos della começavam a render-se, ella se segurava mais fortemente ao braço do amado.

— Iremos até á Tijuca. Alli verás...

— Vamos.

E novamente se punham a caminhar, e quando chegavam, de novo voltavam, apenas detendo-se nas sombras de alguma arvore para se beijarem. Um ligeiro beijo nos labios para expressar de alguma fórma, já que não falavam, toda a felicidade que cantava em seus corações.

Juntos foram ao theatro e juntos entraram no cinema.

Começavam muito serios lendo detidamente o programma, commentavam o titulo da fita, observavam as primeiras scenas...

Depois, a sombra propicia ao sonho, a mão que procura insistentemente os outros dedos suaves, a musica que entrecerra as palpebras.

E á sahida

— Que linda fita!

— Muito bonita... De que tratava?

— Não sei. Mas, queres ver como terminava?

E elle a tomava nos braços, tal como os actores de cinema beijam a mulher amada nos finaes de pellicula.

E ella protestava, porque sabia que a cada protesto mais elle a beijaria...

— Levar-te-ei a ouvir musica.

— Gostas muito?

— Muito. Antes de te conhecer, a musica era minha noiva. Entregava-me a ella e me consolava.

— Tinhas alguma pena?

— Sim. Esperava-te, e não chegavas; presentia-te, e não sabia como eras; procurava-te, e não te podia encontrar. Essa era minha pena.

Foram ouvir musica.

Elle, ao vel-a:

— Como vens seductora! Que linda estás!

E ella:

— Si venho enfrentar-me com minha rival...

Riam os dois. Depois, emmudeciam, escutando. Os labios entreabertos em ansiedade, os olhos sem olharem, ambos se entregavam á musica, mas elle mais intensamente.

Mas bastava que ella lhe tocasse distrahidamente no braço para que elle voltasse á formosa realidade e opprimisse entre sua mão firme os dedos tepidos de sua noiva.

Assim, em um divino idyllio, percorreram juntos todos os recantos da cidade e na noite chuvosa um auto os passeou pela avenida Beira-Mar, humida e sombria para os outros, brilhante e cálida para elles, quando se olhavam nos olhos.

E a verdade era que os olhos de ambos estavam limpos e claros, porque limpos e claros de toda paixão impura tinham seus corações.

* * *

Entretanto, elle formava o ninho.

— Sabes? Já tenho para os moveis do dormitorio.

— Simples, simples. Não importa que não brilhem nelles o bronze e o páo rosa. Illuminal-os-á nosso amor. Simples, simples...

E quando a casinha estava completa, se reuniram, numa tarde de sol, os paes de ambos, os irmãos, os amigos...

Na longa mesa comeram e conversaram todos.

Elvira estava um pouco pallida e Roberto tinha os labios apertados, quasi graves, quando os paes de ambos abençoaram a união dos noivos.

Depois dançaram os jovens, e elles tambem dançaram, mas a emoção os fazia esquecer o compasso, até que mais tarde sahiram da sala, onde os outros se divertiam, e se dirigiram a sua casa.

A casinha, feita a pouco e pouco, com a esperança e a illusão de seu amor, ficava a quatro quarteirões da casa dos paes de Elvira.

Não tomaram carro. Foram-se despedindo, com o olhar impregnado de ternura, do jardimzinho, da madresilva onde tantas vezes se occultaram para se beijar, da porta, da vereda onde caminharam juntos, da tendinha de frente, cujo dono os surprehendeu mais de uma vez abraçados, da esquina por onde apparecia elle, apressado sempre, e por onde dobrava para se ir embora voltando a cabeça pela ultima vez.

Não trocaram uma só palavra emquanto caminharam os quatro quarteirões.

Mas iam fazendo versos os tacões...

* * *

O senhor quer um conto, director? Ahi lhe mando um conto verdadeiro: essas cousas, hoje, não se passam, sinão na imaginação de uma mulher a quem se pede um conto...

Um Conto Verdadeiro

De HERMINIA C. BRUMANA

Um casamento bizarro

de J. H. Rosny ainé

AOS vinte e sete annos, Carlos Sancerré soffreu uma crise perigosa: foi accommettido de uma doença que o pregou durante seis semanas sobre o leito e o impediu de reapparecer no club, no restaurante e no theatro. Recebeu os cuidados de um medico querido e teve a assistencia de enfermeiros habeis. Não conheceu dias e tardes mais intoleraveis...

Desesperadamente só, aspirava, com paixão, á presença de um ser dedicado: mas tal ser não existia, para elle, na cidade de Paris.

Uma melancolia sem nome o tomou — justamente quando elle se sentia curado. Ella o acompanhava sempre, nos seus prazeres e aventuras. Até então, elle tinha vivido de uma maneira confortavel e descuidada. Porque elle estava seguro de sua pessoa; tinha maneiras agradaveis e um sorriso amavel. Elle achava, facilmente, além das damas tarifadas, pessoas que lhe testemunhavam sympathia fervorosa.

Essas ligações não perturbavam as familias, porque Carlos tinha respeito pelo casamento e não supportava a idéa de que um homem digno pudesse ser desgraçado ou ridiculo por sua culpa... Elle não se dirigia senão ás viuvas e ás divorciadas. Além disso não fazia a côrte áquellas que sonham amor eterno. Emfim, elle conhecia a arte de "distender" as relações, quando ellas começavam a se tornar tépidas. As suas regras de conducta lhe haviam feito perder occasiões magnificas: era o premio da sua quietude.

* * *

Depois da sua enfermidade, aconteceu-lhe pensar no casamento. Mas justamente porque elle era leal e generoso, concebeu o casamento como uma aventura prodigiosamente perigosa. A natureza lhe tinha dado talvez um gosto excessivo da verdade. Sentia muito bem que seria incapaz de ser constantemente fiel e, por consequencia, affligiria uma esposa eventual.

O problema se complicou, devido a um erro que elle commetteu, nessa época, e que foi a causa de grandes embaraços e de scenas penosas.

Elle tinha feito, sem difficuldade, a conquista de uma dama liberta, pelo julgamento dos laços de um matrimonio detestavel. Essa linda peccadora devia estar desgostosa do casamento. Não pensava senão com horror nos dias passados com o sr. Mauricio Carmelle.

Demais, a sua situação era invejavel: ella possuia uma bella fortuna — em parte pertencente ao seu companheiro de cadeia conjugal. E si bem que não tivesse feito ceremonia para acceitar as homenagens substanciaes de Carlos, não se via razão para que mettesse na cabeça a idéa de casar com o rapaz. Tanto mais quanto ella não parecia ter nascido para adorar, constantemente, o mesmo amante.

Fosse lá como fosse, ella trabalhava para conseguir o que desejava.

Elle amava-a. Não podia ver a sua cabelleira fulgir sem um estremecimento de amor... Mas percebia, muito bem, que essa maravilhosa companheira de viagem seria uma perigosa dona de casa. E, depois, como muitas outras, ella não era carinhosa. Ora, para o casamento — admittindo que elle o achasse possivel — Carlos teria desejado affecto, antes de tudo, ternura deliciosa da mulher que se mistura ao instincto maternal. Mesmo, elle teria preferido a tudo uma boa mulher que o não tivesse amado, senão dessa maneira, para a qual elle não seria um amante, mas unicamente um companheiro querido.

* * *

Uma tarde, a loura Roseline o surprehendeu mais que de costume. Em uma longa scena, em que as caricias succediam admiravelmente as turras entre elles, ella ensaiou o seu poder: tentou um assalto decisivo... Elle voltou da entrevista com a cabeça cheia e o coração pesado de magoa. Quando elle entrou na sua casa, passou uma noite lugubre, ao mesmo tempo, desolado. Desolado de estar só no mundo e apavorado com a tenacidade de Roseline...

Si ella o vencesse, pensava elle, a sua miseria era certa. Ora, ha momentos de vertigem em que eu perco a cabeça. Um dia, talvez proximo, ella ganhará a partida.

Não teve coragem de sahir: fumou innumeros cigarros, — procurando na fumaça algum conselho salvador...

Por fim, resolveu deixar Paris, durante oito dias e, tendo de se deixar, redigiu um telegramma, que endereçou a Roseline, e no qual invocava pretextos obscuros e graves.

* * *

No dia seguinte, á tarde, desembarcou no valle de Yvreusse, onde possuia um pequeno castello. A sua primeira visita foi para Jacqueline Pasquerelle, que, outróra, o havia amamentado, ao mesmo tempo que lhe dedicava uma affeição maternal. Jacqueline morava numa casa bonita, rodeada de um jardim cheio de flores e frutos.

Não era uma camponeza.

Quando era a *nourrice* de Carlos tinha apenas dezoito annos e acabava de perder a sua filha: ella passava por provações bem penosas. De repente, começou a gostar do rapaz e concebeu por elle uma dedicação sem limites.

Como sempre, a visita de Carlos foi uma grande alegria para o seu coração. Contemplava o joven com uma admiração exaltada. Depois, como o achasse um pouco magro, ella se inquietou:

— E' preciso passar tempos no campo! — disse ella.

Elle a fixou com um sorriso. E o projecto esboçado pela velha lhe pareceu razoavel.

— Não, Jacqueline — disse elle — não é Paris que me faz mal. Ha um vacuo na minha vida... E' preciso que tenha ao pé de mim, alguem que cuide da minha casa e me ame... como você me ama... Si isso não a enfada, desejaria que esse alguem fosse você.

— Meu querido — exclamou ella — eu iria ao fim do mundo, para te evitar um soffrimento.

— Acredito, Jacqueline... E porque eu acredito em você, é que desejaria um pouco mais... Não se espante... Você foi sempre a que substituiu minha mãe... Mas, ao mesmo tempo, você seria um entrave para mim... E' preciso, Jacqueline, que você se case commigo!

— Casar comtigo! — exclamou ella, estupefacta.

Apesar do espanto e da opposição de Jacqueline, elle não quiz insistir. E fez bem. Fez bem porque, desde então, elle teve, ao pé de si, uma ternura sem limites, prompta a todos os sacrificios, ao mesmo tempo que uma protecção segura, contra Roseline, que, depois de uma ruptura, voltou para elle e tornou-se sua amante, durante muitos annos.

GRATIDÃO

De LUIS MARIA JORDAN

O doutor X. é um advogado distinctissimo. Desde estudante chamou a attenção de seus collegas por seu espirito fino, sua intelligencia agil no manejo dos mais desconcertantes paradoxos, sua cultura pessoal, seu trato de esquisita cortezia e suas maneiras vagamente adamadas, apesar do porte tranquillamente varonil de suas attitudes. Em sua mocidade foi jornalista, desenhista, pintor e musico amador. Numa palavra: um espirito culto e uma intelligencia muito clara e muito sympathica.

Uma vez, os azares da vida o levaram, como juiz de crime, a uma provincia longinqua. Aquelle moço tão fino, tão culto, tão senhor, apesar da escassez de seus recursos, se encontrou em pessimos hoteis, ás voltas com os soalhos de taboas grossas, com os lavatorios transportaveis, com os quartos de banho de ingratas recordações, e tudo o mais. O elegante da Avenida (a Avenida de então, carioca, conservadora, tradicionalista, tão differente da de hoje, onde ninguem conhece realmente ninguem, e si o reconhece simula não tel-o visto, por cem razões que todos nós sabemos) — o elegante da Avenida chegou á provincia como cahido de um quinto andar. O que havia nelle de artista gozou profunda e sinceramente com o sumptuoso panorama que se lhe descortinava á vista: montanhas de ouro, nácar, marfim e lapis lazuli; rios que levam, em seu louco deslisar, verdadeiros thesouros de brilhantes liquidos; arco-iris fantasticos, que para além do céo juntavam, em um abraço ethereo, a crista dos serros de incalculavel altura; plantas selvagens de nomes exoticos, que traziam á sua memoria, pelo seu perfume capitoso (oh, tempos, aquelles!), as paginas mais atormentadas de *Au Rebours* e paizagens, paizagens e paizagens quasi até a tortura continua dos sentidos...

O magistrado gozou com tudo aquillo, e absorveu o fantastico do meio physico com as mais subtis potencias de sua alma. Eu não quero dizer como iria aquella comarca. O juiz possuia muito talento e muita sensibilidade para se pôr a averiguar quem tinha razão: si o que havia falsificado um documento para roubar o vizinho, ou o vizinho que havia levado papeis e testemunhas falsas para ter razão sobre seu adversario. Depois, o Codigo Penal, tão respeitavel, tão austero, tão pesadamente escripto, não podia despertar em nosso magistrado sinão o rancorzinho entre burlesco e amargo que nos despertam a todos os homens as eternas exigencias da justiça. E esse juiz, apesar de seu posto, era um homem indiscutivelmente recto e honrado... Nisto, não ha o mais leve signal de ironia...

Aconteceu que, uma vez, no cumprimento da lei, que elle fez respeitar como ninguem, devia effectuar uma visita ao carcere da provincia. Viu, naturalmente, as cousas que se vêem em qualquer estabelecimento desses: o criminoso, o infeliz, a peccadora, o ladrão e os tres ou quatro typos equivalentes que encontramos nas penitenciarias e logares identicos. Um dos condemnados contou-lhe uma historia inverosimil: estava preso por ter morto um homem com uma guitarra.

— Com uma guitarra? — perguntou, espantado, o juiz.

— Sim, senhor, com uma guitarra cheia de pedras... Elle havia diffamado minha mulher...

E aqui o eterno assumpto que constituiu o epilogo dos assassinios por esse motivo.

O juiz voltou a seu gabinete de trabalho, leu, entre outros, o processo do homem da guitarra, verificando que elle já havia cumprido sua pena e, portanto, devia ser, immediatamente, posto em liberdade. E assim se fez.

Uma tarde, o juiz, farto de ver miserias que não podia remediar, foi vagar sozinho, na severa e util companhia das montanhas. Entre aquella immensidade se sentia melhor que entre os homens, e o que havia nelle de artista se elevava rapidamente ao céo daquelle panorama feito mais para os olhos dos deuses do que para as pupillas myopes dos homens.

No cruzamento de um caminho lhe embargou o passo um homem do povo. O juiz previu um ataque, mas, como bom juiz, ia desarmado e se dispoz a morrer nas mãos daquelle desconhecido.

— Não se assuste, *seu doutô* — disse o desconhecido. — Sou Fulano de tal, o homem da guitarra... e vim ao encontro de vossa senhoria, porque lhe quero falar a sós.

O magistrado comprehendeu que se tratava de algo grave, olhos nos olhos o caminhante e deixou-o falar.

O homem estava agradecido, simplesmente.

Estava certo de que ninguem o poria em liberdade, apesar de ter cumprido sua pena, porque não tinha padrinhos politicos e não tinha dinheiro.

— Eu apodreceria alli, *seu doutô*... — acrescentára o infeliz.

Por isso, seu reconhecimento para com aquelle homem providencial, que o soltára da cadeia, chegava ao limite do incrivel. Desde aquelle momento o juiz poderia utilizal-o como bem entendesse. Estava ás ordens delle.

— Eu não tenho mais pae nem mãe, nem familia — adeantava. — Vossa senhoria é toda a minha familia, *seu doutô*. Mande-me que me atire ao rio, e eu me atirarei mesmo.

O juiz não sabia que fazer com aquelle homem excessivamente agradecido. Mas ficou ainda mais perplexo quando o ex-presidiario lhe disse, em tom confidencial:

— Si vossa senhoria quizer matar alguem, *seu doutô*, é só avisar-me...

O juiz agradeceu o offerecimento como o teria agradecido qualquer um de nós, e falou de outra cousa. Meia hora depois, quando se despediam, o homem insistiu no que havia dito antes:

— Vossa senhoria fica sabendo, *seu doutô*: é só ordenar, e eu *liquido* qualquer um.

E o ex-magistrado, que é fino e conserva seu talento, e tem bom gosto e é homem de bôa paz e não pode crer nas bobagens que se inventam para regosijo dos outros, terminava sua historia ajuntando, com certo rictus de amargura:

— E o mais triste é que, do ponto de vista de nossas leis, a opinião e o voto desse infeliz valem tanto quanto a minha e a sua opinião e o nosso voto.

E o peor do conto é que o meu amigo doutor X. tem muita razão...

Malas Armario HARTMANN
e de mão com cabides, diversos modelos
Unico depositario:
A TORRE EIFFEL
97, OUVIDOR, 99

RECALCINA
DÁ VIGOR ÁS CREANÇAS
EVITA A TUBERCULOSE

Uma Surpresa

(Julio Claretie)

O joven Gastão passeava por uma rua central quando tropeçou com um diminuto sapato de mulher. A' força de dar voltas a seu achado, poude descobrir que o mesmo estava marcado com umas letras nas quaes se podia ler claramente: *Emilia Logred, rua Saint-Simon*, 84.

Surprehendeu-o um pouco que a proprietaria daquelle sapato houvesse commettido a extravagancia de marcal-o. Mas pensou que cada pessoa tem seus costumes e que elle, dada a sua timidez, não estava muito ao par dos detalhes intimos das mulheres.

O joven Gastão entrou em um café, pediu papel de escrever e, depois de traçar umas linhas, as entregou, juntamente com o sapato achado na rua, a um mensageiro de sua confiança, para fazer chegar aquillo ás mãos de sua dona.

O mensageiro se apresentou no logar indicado, perguntou pela senhorita Logred e em pouco estava em presença de uma senhora quarentona e repulsiva. Quando essa senhora rasgou o envelloppe que lhe apresentava o mensageiro, leu:

"Exma. senhora: Não se póde ver nada tão delicioso como o sapatinho que junto remetto a V. Ex. Quizera ter mil iguaes para fazel-os objecto de minha admiração mais esquisita. Aos pés de V. Ex., *Gastão Menetier*."

— Oh, que lyrismo! — exclamou Emilia Logred, quando acabou de ler á carta.

E immediatamente se apressou a pedir ao mensageiro e endereço de Gastão, e a perguntar si este era negociante.

— Não, senhora. Tem mais de cincoenta contos de renda.

— Está bem. Póde retirar-se. Hoje não perdi o dia.

* * *

QUINZE dias depois, Gastão, que não havia esquecido o encontro do sapato, e que pensava em ir rondar a residencia de Emilia Logred, estava se barbeando, quando sua criada entrou muito espantada, dizendo:

— Patrão, onde vamos collocar todas as caixas que trouxeram para o senhor em um carro?

— Deve ser um erro — atalhou Gastão, correndo para o vestibulo, interrompendo sua barba.

— E' o senhor Gastão Menetier? — perguntou-lhe o portador que havia levado as caixas, apresentando-lhe a factura. — Pois aqui tem o senhor: são trinta e dois contos de réis.

E entregou-lhe um papel, que Gastão leu. Dizia assim:

"Casa Emilia Logred. Especialidade em sapatos de senhora. Rua Saint-Simon, 84 O senhor Gastão Menetier deve: Por mil pares de sapatos, de accordo com o pedido feito em sua carta de 7 do corrente, segundo modelo que juntava á mesma trinta e dois contos de réis. Recebi. *Emilia Logred*".

Só então Gastão percebeu que aquelle nome, no qual pensou com tanto amor, era o da proprietaria de uma fabrica de calçados, e que o sapato que havia devolvido fôra tomado como modelo para o grande pedido que lhe entregavam agora, e que não teve outro remedio sinão pagar religiosamente.

OS CABELLOS E A MODA

A nossa objectiva constata o crescente progresso da nossa urbe, focalisando o *Instituto Physioplastico* de *Americo & Cia.*, á rua 7 de Setembro, n. 95, 1º andar, que acaba de adaptar em seu antigo e conceituado estabelecimento uma das mais possantes installações de ar encanado para seccamento do cabello com maxima presteza, supprimindo os seccadores electricos barulhentos. Este melhoramento é sem duvida um dos mais importantes do mundo e o primeiro installado no Rio de Janeiro.

Com a adaptação de taes recursos modernos o *Instituto Physioplastico*, de *Americo & C.a*, attenderá com a melhor presteza sua numerosa clientella para o serviço de ondulações permanentes, mise-en-plis, todos os trabalhos de cabelleireiro e de embellezamento da pelle; possuindo para esse fim 40 competentes profissionaes de ambos os sexos.

Entre as especialidades de productos á venda já bastante acreditados citaremos:

Faivine, Creme Anti-Rides, Creme Cryséa, Creme Juvéna, Baume Herminia, Baume Blanc, Baume Cryséa, Baume Cryséa Branco, Pó de Arroz Juvéna, Rouge la Veloutée, Bistre, Rosovy, Rouge Cryséa, Rosoris, Albanine, Anti-Rides-Nucla, Huile de Fleurs, El-Kolva, Fluide Juvéna, Acnol, Loção Cryséa, Rouge Cryséa, Pébracil, Pillidine, Sels Juvéna, Pate Manuphile, Loção Salvia, Jasmim Orf-Léne, Agua de Colonia Orf-Léne, Agua de Quina Orf-Léne, Schampooing Orf-Léne, Brilhantina Orf-Léne, Pasta Dentrificia Cryséa (tonica), Pasta Cryséa (para unhas), Hismalkina, Hydro-Véne, Orf-Léne-Henné, Orf-Léne-Liquido.

Além destes *Americo & Cia.* acabam de lançar os magnificos productos de sua exclusiva fabricação: Pó de Arroz *Demeric*, Creme para embellezar *Demeric*, Creme para massagem *Demeric*, Loção Anticaspa *Demeric*, Creme para massagem *Demeric*, Balsamo epidermico *Demeric*, Loção Adstringente *Demeric*, que desfructam já a melhor aceitação.

Felicitamos aos Srs. Americo & Cia. pelo constante progresso de seu antigo e reputado estabelecimento.

30-7=?

ANNO XXIII

NUMERO 49

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1929

Psychologia Feminina

BASTOS PORTELLA

BRILLAT-Savarin, o famoso gastronomo, creou o seguinte aphorismo: "Dis-moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es". Com isso, pretende elle significar que o espirito e o caracter de uma pessoa podem ser definidos pela escolha das iguarias que figuram no seu cardapio.

Parodiando o celebre "gourmeur", posso dizer, sem medo de errar: "Dá-me a tua bolsa e eu te direi quem tu és".

Lavater, o homem que inventou a physiognomonia, esqueceu que a bolsa de uma mulher, por exemplo, é um magnifico elemento para um estudo de psychologia.

Na verdade, uma bolsa feminina, isto é, uma bolsa destinada ao uso das filhas de Nosso Senhor, tem algo de semelhante com as almas das suas donas. Isso a admittir a hypothese de que ellas possuam alma.

Vejamos. Aqui temos esta bolsa. E' de couro da Russia. Elegante, com fecho de tartaruga. Modelo Jean Patou. Ella aqui está, esquecida, sobre este *mapplé*. Qual terá sido a mão que a esqueceu?

Eil-a! Está escancarada. Um cartão? E o nome? E' o de conhecido capitalista. Agora, vejo um arsenal de "maquillage" e uma relação de artigos femininos: uma duzia de meias de sêda, um par de luvas de pellica, um chapéo de verão, um collar... Tem uma assignatura: *Ninon*.

Continuemos. Um bilhete em francez: "Mon chéri — Je vous aime de tout mon coeur. Pour le moment, j'ai besoin de un "conto de reis". Gros baisers. — Ninon."

Contas: do chapeleiro, da modista, da manicure, do *coiffeur pour dames*.

Será necessario dizer quem é a dona da bolsa?

Outra. Temos agora uma linda carteira da moda — dessas que trazem um bolso para o lencinho de sêda.

Dentro della, encontro uma photo de Ramon Novarro. No verso — esta legenda: "O meu queridinho Ramon". Um programma de cinema. Xickeis. Um *carnet* com uma serie de numeros de telephones e notas de festas elegantes. Alguns nomes de jogadores de football e de tangos modernos. Toda a bateria de uma melindrosa: *rouge*, bistre, *baton*, pó de arroz.... A copia de um poemeto de Paul Géraldy. Remexo mais. Descubro uma lista de livros. Os autores? Delly, Ardel, Gyp... Basta!

Que é uma melindrosa, a proprietaria da *prenda*, já não ha duvida sobre isso. Mas, a sua edade? Dezeseis a dezenove.

Nada mais, nada menos...

E esta bolsa que a sua dona deixou ficar neste *guéridon* de dentista? Abril-a seria indiscreção. Mas sem indiscreção não se faz psychologia feminina.

Será de uma literata, genuino typo *bas bleu*? De uma declamadora? De uma burgueza? "Quelle est donc cette femme?" — pergunto como no soneto d'Arvers.

Aproveito a opportunidade e, cautelosamente, como si commettesse um feio furto, procuro devassar aquella alma, isto é, aquella bolsa, que parece a alma de uma dama do seculo XX...

Deus do céo! Ella é myope e elegante. Aqui está o seu *lorgnon*. E este bilhete, escripto ás pressas, no cartão de um cavalheiro? — "Madame — Espero-a amanhã, ás cinco da tarde, para o chá combinado. — Z..."

— Um "ménage à trois", digo eu, distrahido.

— E com o conhecimento pleno do esposo — adverte alguem a meu lado.

Quem me fala é um curioso que acompanha todos os meus movimentos.

— Por que? — inquiro eu.

— Porque ella traz na bolsa o retrato delle, o esposo, de par com o bilhete do "outro". Indica isso que elles tres se entendem ás mil maravilhas.

Desta vez dou a mão á palmatoria do psychologo, meu interlocutor...

A solennidade do encerramento das aulas na Escola Naval de Guerra realizou-se sabbado ultimo, com a presença do representante do chefe da Nação, do ministro da Marinha e de outras altas autoridades militares. Por essa occasião foi feita a entrega dos diplomas aos officiaes que acabam de terminar o curso de commando e alto commando naquelle estabelecimento.

ARABESCOS

A noite penetrou como uma sombra de saudade tristonha e amargurada pela janella do meu quarto e veio cobrir de negro a treva de minh'alma.

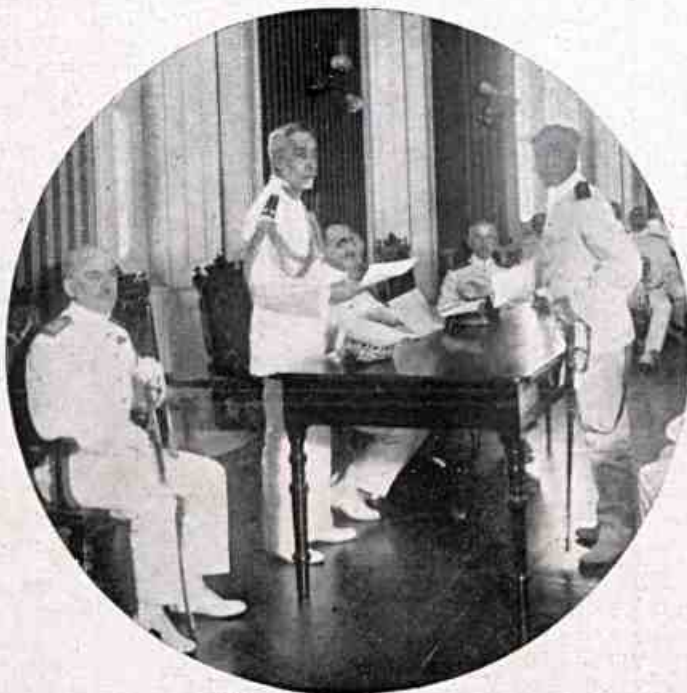
Foi a saudade que cobriu de luto minh'alma triste, neste isolamento. E essa mesma saudade ás vezes canta, quando te espero e penso que has de vir; quando te vejo no meu pensamento com teu sorriso lindo de creança, com teu olhar fulgente como um sonho.

Por que te foste? Nem sei bem Que importa o motivo, o pretexto?... Sei que soffro, sei que a saudade — o meu maior tormento — é a lembrança melhor que me deixaste — a saudade, os espinhos que ficaram da rosa espetalada do meu sonho...

MATTOS ALEM.

GLYCINIAS

Hontem, saudoso de ti, fui sentir um pouco da tua lembrança naquelle velho muro em ruinas, onde, nas noites quentes de verão, costumávamos nós dois apreciar a cidade, com as suas mil luzes faiscando na sombra accesa...

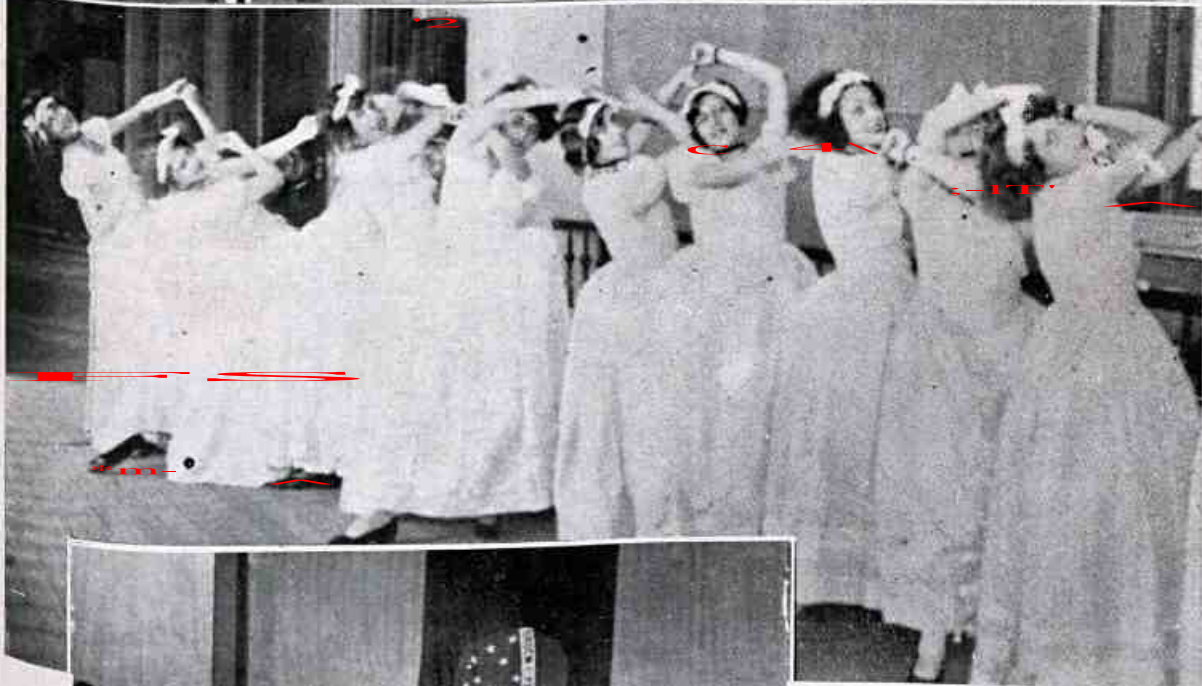
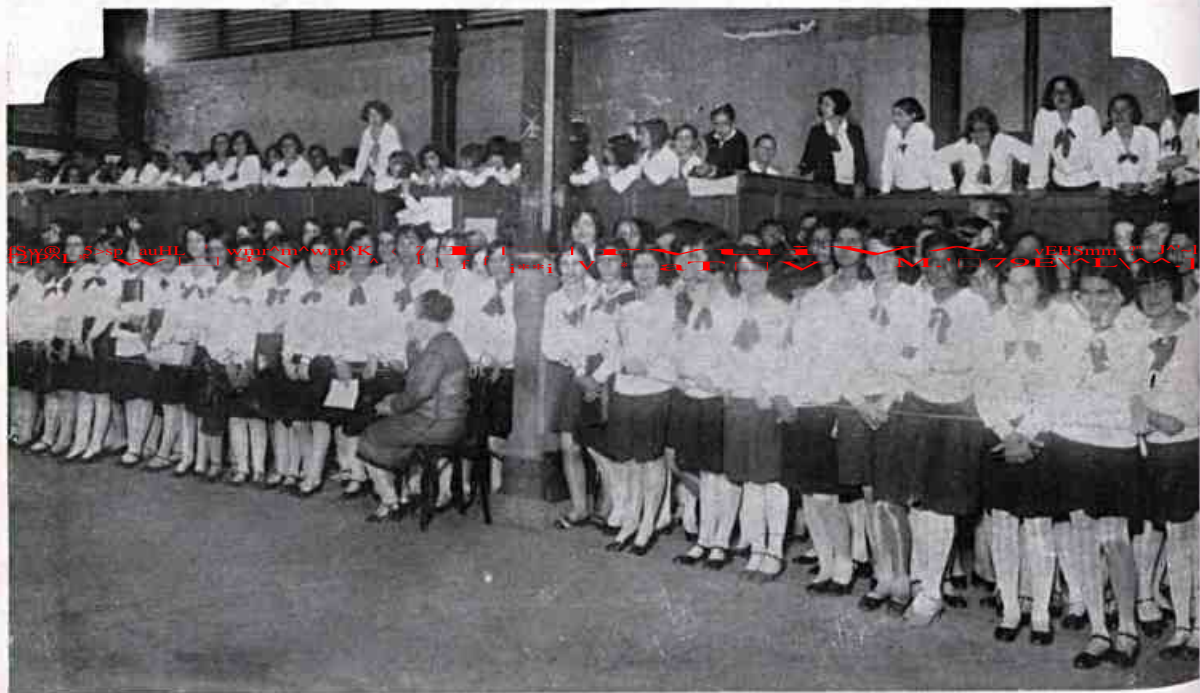
E cheguei á rua sinuosa por onde subiamos para os nossos enlevos de então... E, caminhando devagar, pensando em ti, attingi o cimo da colina d nosso amor... Lá estava desolado e mais triste, o velho muro em ruinas, sobre o qual, muitas vezes, em noites iguaes áquella, nos debruçámos para fingir que olhavamos o incendio da illuminação urbana, quando a verdade é que apenas contemplávamos o seu reflexo dentro dos nossos proprios olhos...

O general Teixeira de Freitas, que representou o dr. Washington Luis na cerimonia de sabbado, na Escola Naval de Guerra, entregando o diploma a um dos officiaes-alumnos daquelle instituto superior da Armada.

Fiquei ali longo tempo, espiando a ci- dade, lá em baixo... A cidade que outr- nos espiava, invej- da nossa ventura ephemera, da ventura de um mo- mento...

Cheguei até a so- nhar. A sonhar com- tigo... Via-te ao lado, linda e loira, abrindo na noite o cla- rão do teu sorriso, que rutilava só para mim, só para os meus olhos felizes...

Entretanto, estava tão longe de mim... Aquillo era apenas uma suave miragem no deserto da minha saudade...

Mas ao menos tive o consolo o rever com o pensamento o coração...

Milagres do velho muro em ruinas, temunha silenciosa e discreta da nossa grande e longinqua felicidade...

Cheia de côres, de rythmos, de alegria e sorrisos lindos, — porque festa de graça feminina — foi a que se realizou no encerramento das aulas da Escola Normal. Nesse festival, que alcançou tão grande exito, tomaram parte varias alumnas daquelle estabelecimento de ensino. A solennidade do encerramento do anno lectivo, que o precedeu, foi presidida pelas autoridades municipaes e professores da Escola. Ahi estão tres detalhes photographicos da festa.

Alumnas da Escola Normal. Certamente, as mais risonhas são as que foram approvadas...

FILIGRANAS

Na nave immensa da igreja, entre a toalha doirada que a recamava toda, boiava o fumo odorante do incenso e a harmonia profunda e solenne do canto gregoriano. E o meu espirito, nas asas da musica emocionante, buscou o oriente longinquo, lendario, de onde veio a grande liturgia catholica, a citharodia de Antiochia, capital christan, os cantochãos psalmodicos das velhas synagogas...

LAMPEJOS

Onde anda você? Em que mundo, em que sol você se occulta? Por que os seus olhos côr de ouro estão brilhando longe dos meus olhos côr de noite escura? Por que a sua voz macia e doce nunca mais sonorizou as minhas horas amargas? Por que você prolonga este silencio que enche de desalento a minha vida? Por que?...

Você bem sabe que, sem a luz dos seus olhos, os meus dias são tristes e sombrios. E sabe tambem que uma palavra de seus labios significa um mundo de harmonias para a solidão em que vivo. Você sabe de tudo isso, e anda longe de mim. Silenciosa e distante. Torturando-me. Deixando-me desolado na minha solidão. Sem nenhum consolo. Nem mesmo o de ouvir-lhe a voz pelo telephone, que a reproduz tão bem...

Por que?...

Familias e paes de alumnas que assistiram á festa do encerramento das aulas na Escola Normal.

EVANIDADE...

RECORDAR... PARA QUE?

Não creio neste axioma infantil: "Recordar é viver". Recordar — bem póde não ser a morte. Mas quem recorda, evidentemente, não vive senão a sua propria dôr. A tragedia da sua dôr.

Não ha contentamento numa recordação. Mesmo que ella desabroche no interior de nossa alma, com o encanto, o deslumbramento de um jardim de Semiramis, — que foi uma das sete maravilhas do mundo.

Ha sempre um véo lilaz de melancolia que se desdobra sobre ella.

Estou com Amado Nervo, que disse num dos seus poemas em prosa: "A nossa recordação está sempre cheia de mortos: ou as pessôas que recordamos já não existem, ou já não são como nós as recordamos — o que afinal vem a ser a mesma cousa."

E' verdade que, si recordamos alguem, a quem amamos na mocidade, esse alguem só nos apparece á imaginação tal como o vimos pela ultima vez. Quando, porém, consideramos que a recordação implica o tempo que se esvaiu, na ciranda das horas, percebemos tambem que a imagem evocada por nós — pela nossa saudade — já não corresponde á verdade, á verdade objectiva, material, á realidade, em summa.

De qualquer modo, a nossa memória se povôa de mortos, como diz o mystico de "La Amada immovil".

E acaso haverá algum contrasenso nessa affirmativa? Acaso não é verdade que os mortos vivem sempre comnosco? Pelo menos elles nos rodeam. Isso a acreditar em Maeterlinck, que assevera: "Os mortos continuam a viver em redor de nós; mas não logram, apezar dos seus esforços, fazer-se reconhecer, nem dar-nos uma idéa de sua presença, porque não possuimos o orgão necessario para percebel-os."

Madame Vidal Rodrigues Barrios, distincta figura da nossa sociedade.

(Photo De los Rios).

Seja como fôr, recordar é um acto triste de nossa vida.

Não se concebe que um de nós, recordando uma felicidade que passou, possa viver novamente essa felicidade extincta.

A vida presupõe vibração, dynamismo, calor, movimento, alegria. E o passado, esse passado que Anatole France tanto louva, como sendo "le seul lieu où nous puissions échapper á nos ennuis quotidiens", não póde ser uma expressão de alegria, nem são dealegria, nem de vida.

Schiller, fazendo a apologia da Parca, emitte este conceito funebre: "Um facto de caracter universal como a morte deve ser um grande beneficio."

Maior beneficio seria si ella começasse por nos matar, dia a dia, as recordações dos nossos bens que passaram.

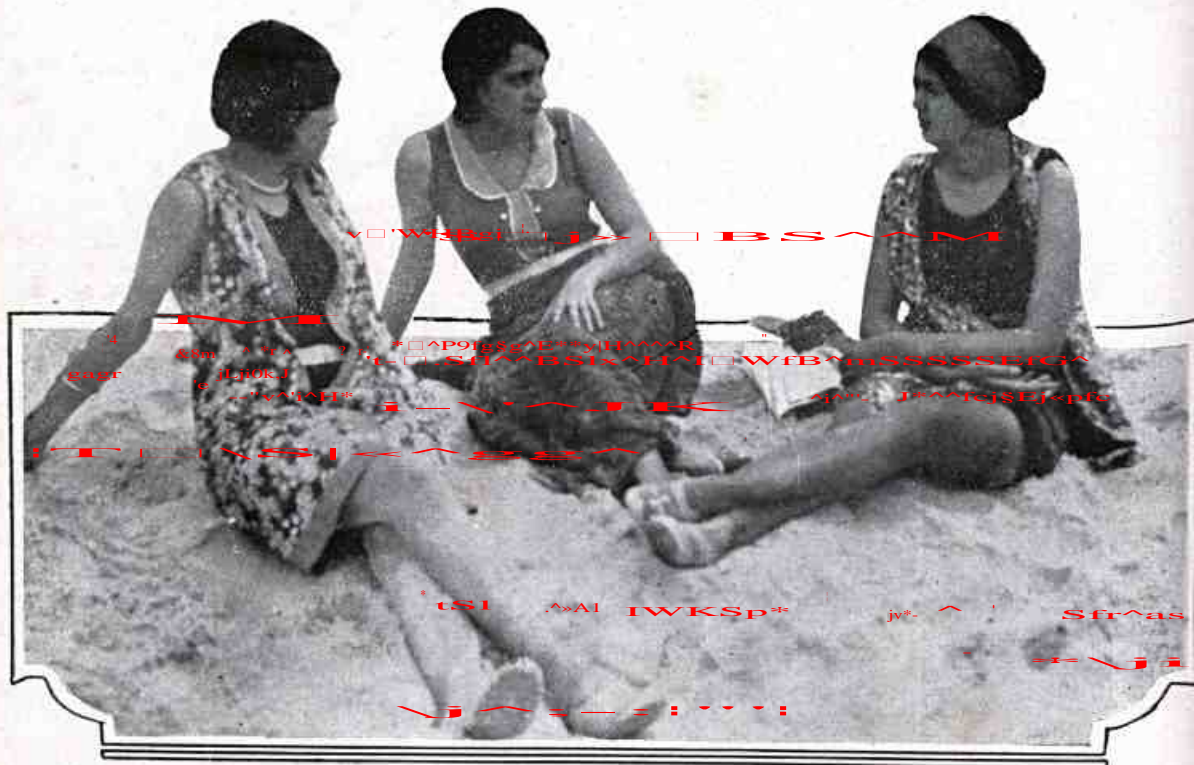
Em favor da minha fraca these, não posso deixar de inscrever, neste fim de periodo, os versos candentes e eternos da Divina Comedia:

"Nessun maggior dolore
che ricordarsi del tempo felice
nella miseria..."

Recordar! Para que!

CARICATURA — "Miss Mosquito" — Foi a primeira idéa que me occorreu quando vi aquelle monstrengosinho, andando pela Avenida.

Ah, aquillo era uma delicia de ridiculo, não era uma mulher. Ah não era! Não creio que aquella creatura fosse uma mulher. Si era mulher, eu estava cégo...

Si não, vejamos. Ella passou. Olhei de cá e vi duas pernas finas e compridas de mosquito. Um vestido de organdy amarello, gemma de ovo, cobrindo (ou descobrindo?) as pernas finas. A saia era espontada em angulos agudos, como são as da moda. Mas que

«Dolce far niente»...

braços de aranha! E por que é que aquelle projecto de gente, aquelle esqueleto vestido levava aquelle chapéo do tamanho de uma *sombrinha*? E por que é que ella levava aquella *sombrinha* do tamanho de um chapéo?

Não, meus senhores! Não podia ser uma mulherzinha com aquelle feitio! Parecia um daquelles thermas de desenho linear que a gente faz na escola, quando é a negação para a pintura...

Pois creiam — não é mentira! — aquelle gnomosinho, aquelle fantasma do paiz de Liliput (ella era pequenina, além de tudo) fallou com uma conhecida que encontrou no seu caminho. Ouvi-lhe a voz.

Sabem como era? Tinha a inflexão daquellas vozes defuntas de que o mystico Verlaine nos falla no "Rêve familier".

Ella fallou:

— Ah, Maricota! Queres arranjar-me um convite para o Fluminense?

— Que haverá lá?

— Baile. Baile sumptuoso. Já mandei fazer uma toilette que ficou um assombro.

— Não sabia desse baile — declara a outra.

— Pois olha, estou *cavando* um convite para o meu *pequeno*.

Claculem só: *aquillo* vae a bailes e tem um *pequeno*.

"Era só o que faltava:

"Miss Mosquito" amando e dansando...

OS HOMENS... AS MULHERES — De Yves — Na sala vizinha ao terraço onde eu me achava, uma voz doce, cantante como si viesse de um violino, declamou estas palavras de um bello poema em prosa:

— "L'amour est d'abord un regard; c'est ensuite un sourire; puis une parole; une promesse; une rencontre"...

Ergui-me da cadeira de vime, e fui ver quem era que recitava. Uma cabeça loura voltou-se para mim, assustada como um passaro e acolheu-me com um sorriso meio desconcertado:

— Que susto o sr. me fez! — disse Heloysa. Estava lendo, distraida, este poema arabe, vertido para o francez, na supposição de que estivesse sosinha; e, no emtanto, o sr. maliciosamente me escutava...

Deixou o *mappic* e veio ao meu encontro. Ondulante, gelatinosa, branca e perfumada, nas vestes vaporosas de crépe georgette.

Sentou-se, junto a mim, no terraço. Foi só então que lhe disse, como despertando de um extase, ainda embriagado pelo encanto daquella novidade, daquella elegancia, daquella carnatura esplendida e radiosa:

— Perdão, mlle Heloysa. Não a estava escutando. Ouvi aquellas palavras no silencio da sala e, como estivesse aqui a meditar em coisas lindas, interessei-me por ellas. O amor é tudo aquillo que dizia. Mas no fim, pode dizer:

...*une promesse,*
une rencontre
et un ennui...

O tedio! Sim, o tedio, mas esse tedio que é uma especie de desencanto, de amargura e melancolia. Depois de um amor, o que fica é sempre esse "ennui"...

Heloysa olhou-me um pouco surprehendida:

— Mas, o sr. que escreve versos lyricos, e tece lôas ao amor, encarando-o com tanto pessimismo! E' de estranhar...

— Não o encaro com pessimismo: eu o defino tal qual é elle. Pelo menos como o sinto sempre.

— Então quer dizer que no principio tudo são flores...

— Sim. Concedo o logar commum do conceito, porque se trata de uma exemplificação. Mas pelo amor de Deus, mlle. não me repita phrases feitas e vulgares como esta: "Tudo são flores!" Pelo amor de Deus!

— Si o sr. começa a fazer ironia, eu me levanto e vou-me embora.

E fez menção de retirar-se com o seu poema arabe...

— Perdão, sei que fui insolito. Perdão, sim, mlle... Deixe dar-lhe um beijo...

Ella, vividamente:

— Na bocca, não!

— Deixe dar-lhe um beijo de arrependimento...

Ella procura fugir, mas já era tarde: o meu beijo pousara na sua bocca. Muito vermelha, ou fingindo que ficara rubra de pudor, ella reprovou debilmente. — Mau!

E, de repente, com uma falta de coherencia só digna de uma creaturinha de saia, typo boneca de Domergue ou bibelot da Dinamarca:

— Agora vá dizer que o amor é, primeiramente, um olhar; em seguida, um sorriso; e depois...

— Uma palavra — atalhei:

— E depois, — prosegue ella — uma promessa, um encontro e um desencanto...

Falando, o tremor da sua voz, a indecisão das suas palavras, a emoção que a empolgava, o alheiamento com que argumentava, tudo nella revelava essa perturbação muito commum a um homem e uma mulher que se encontram sós e se sentem attrahidos, magneticamente, um pelo outro...

A minha bocca roçou-lhe, mui de leve, os fios de ouro dos seus cabellos emmaranhados elegantemente. E murmurei, emquanto os seus olhos se cerravam:

— O amor!... Uma vertigem que passa, como um sonho...

FARPAS — Uff! até que emfim! Já passei uma semana — de sabbado a sabbado — sem ser amolado por uma troteadora. (Seria melhor dizer — amoladora).

Oito dias sem ser incommodado por essas mocinhas desoccupadas — si não é tirar a sorte grande é, pelo menos, tirar o mesmo dinheiro. "Minima de malis"... Deixem passar o latim. (O latim é uma crise semelhante á cephalagia, á grippe pulmonar ou qualquer outra doença impertinente).

Peor do que o latim é uma mulher que não amamos — e nos persegue como a nossa propria sombra... (Vide Schopenhaeur).

Ora muito bem!

Eu queria me gabar da ventura de ter passado já uma semana sem ser amolado pelas mocinhas que dão trote. Até devia rezar a *Magnificat*: "Minha alma engrandece ao Senhor. E meu espirito se transforma em santa alegria"...

E já que consegui essa dita, apraz-me fazer um commentario, a proposito das taes troteadoras.

Imaginem que ellas são interessantes — justamente porque não nos interessam em nada.

Umas dizem:

— E' o sr. Fulano?

— Sim, sou eu mesmo.

— Quem falla aqui é uma admiradora.

— Muito prazer em ouvil-a. Que deseja de mim?

— Queria ouvir a sua voz.

Phone no gancho.

Outra:

— Allô? Queria falar com seu Fulano.

— E' elle mesmo quem fala.

— Ah, *seu* marôto... Como vae a pequena de luto, da rua tal?

— Vae bem. Ella diz que está de luto em signal de pezar pela morte do espirito (?) das mocinhas que dão trote.

Agora é ella quem põe o phone no gancho. Graças a Deus!

Outro tilintar do apparelho de Graham Bell. E' alguem que nos chama.

— Prompto! Quem fala aqui é Fulano?

— Ah, é você? Coincidencia! Desejava muito conhecel-o.

— Está bem. O prazer será todo meu. Como se chama?

Todas ellas têm um pseudonymo... de "bas bleus"...

— Chamo-me Gaby.

— Gaby? Não será Maud?

— Não brinque.

— E' que Gaby é nome de franceza. E já conheci uma Gaby que era Gaby para uns e Maud para outros...

A mocinha acha que a observação é irônica. Faz questão de provar que "não é como as outras"... E porque isto, e porque aquillo... Mais aquillo outro...

Afinal, acaba marcando uma entrevista banal: á porta do cinema, ás tantas horas, vestido côr de macaco, etc.

Pobre de espirito! Na sua ingenuidade suppõem que nós homens intellectuaes, treinados em trotes pueris, vivemos á cata de conquistas telephonicas.

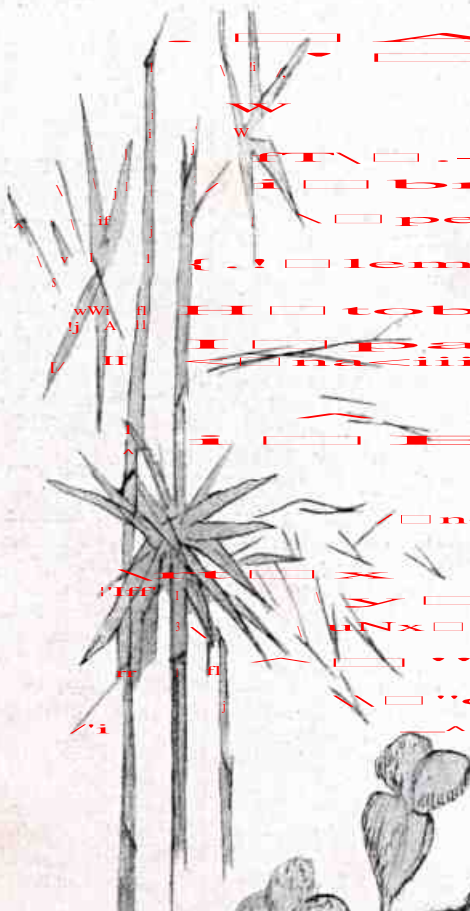
E' verdade que ellas marcam o encontro. Dão uma toilette que não é a della. E o typo da sua manicure.

Em compensação quem vae á tal entrevista é o continuo da redacção.

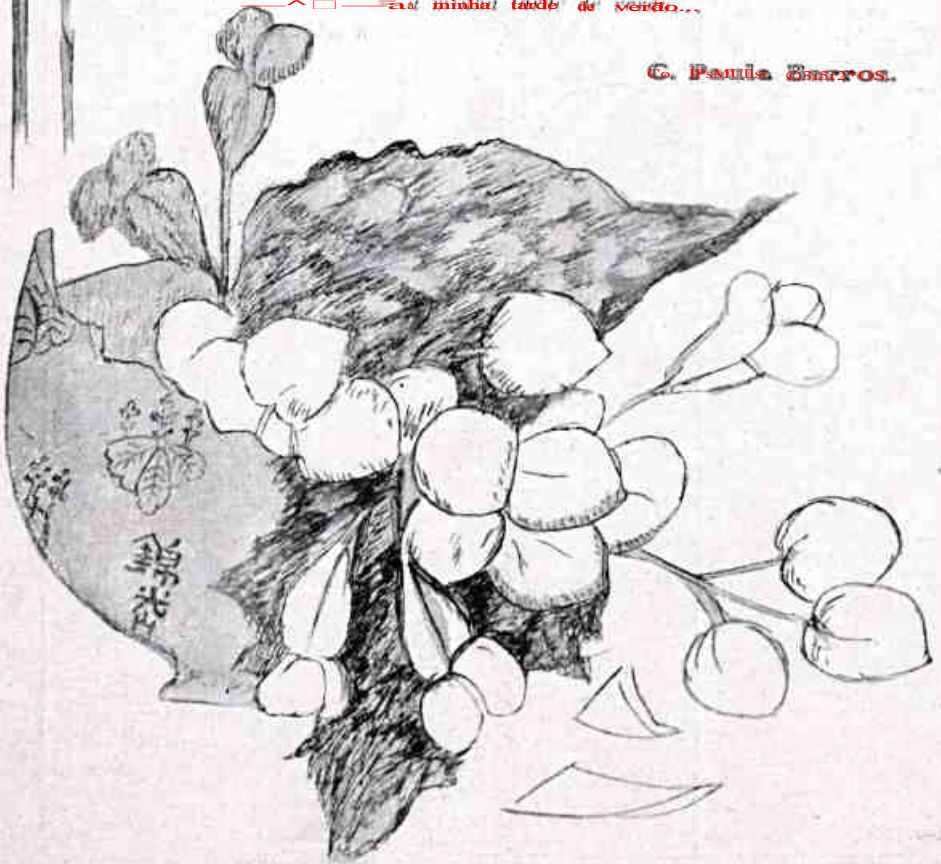
Ingênuas, coitadinhas!

Attitudes balnearias...

NUM KAKIMONO

AO GASTÃO PENALVA
O POEMA E A ILLUSTRAÇÃO

E' eu sempre achei que esse teu riso alegre,
brejeiro, em tua bocca,
pelo menos a mim, á minha idéa irrequieta,
lembra um desenho de sol, num relevo engraçado
sobre um pequeno pucaro, esmaltado
por Kinkozan ou por Toshiro,
naquella antiga louça do Japão...

E' si, assim como agora — (e eu prefiro)
syncronisado escuto o teu sorriso
nessas risadas joviaes e francas:
Vem-me á cabeça em loucos pensamentos
que a porcellana fez-se em fragmentos
para mostrar ao sol o interior repleto
de begonias rarissimas e brancas,
com que alegras tão gloriosamente —
a minha tarde de verão...

C. Paula Barros.

A colonia americana nesta capital, celebrou, quinta-feira ultima, com a solennidade habitual, o «Thanks Giving Day» — o dia de dar graças a Deus — tradicional festa nacional yankee, de caracter religioso. Estampamos nesta pagina alguns flagrantes da cerimonia, realizada no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, e á qual tomou parte, tambem, além de varios membros de destaque da colonia americana, o sr. Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos acreditado junto ao governo brasileiro.

ADÃO & EVA

PETITE SOURCE

O Homem que nunca estava só

CARO Alberto. — Venho desabafar comtigo, depositar em tua amizade as palavras que se vão acumulando em meu pensamento sob o interdicto terminante da larynge. Como nos tempos de nossa despreoccupada camaradagem.

Eis-me, pois, dentro da tão famosa fortaleza para a qual a metade da humanidade deseja entrar e da qual a outra metade almeja sahir.

Sempre conheceste meu horror aos julgamentos extremados, minha repugnancia pela attitude ridícula, gênero Schopenhauer ou Vargas Vila, do homem que pontifica de sua decepção e faz doutrina com a infelicidade particular e intima, ostentando-a com arrogância como uma gloria. Assim, pois, não creias que venho exclamar "Malditas sejam as mulheres!" como os poetas românticos de longas cabelleiras e curto bom senso.

Tivesse eu razão de queixa contra minha mulher, e contentar-me-ia com sentencial-a em tribunal particular, sem incorrer no absurdo que Deus ensinou aos homens no Paraiso, condemnando gerações inteiras por causa do crime de dois.

Socega, porém, porquanto nenhum motivo tenho para incriminar ajquella que ha mezes apenas tomei por companheira de tristezas e alegrias.

Antes poderia insm'gir-me contra a própria instituição do casamento: mas nem isso. As circumstancias da vida são o que são; têm suas vantagens e contrariedades e estas ultimas vêm tão inherentes ás primeiras, que difficil seria á imaginação mais fecunda idealizar umas sem as outras, em perfeito conhecimento de causa.

Tantas vezes me lastimei do meu isolamento moral desde que te foste para esse meio provinciano onde é possível que muito em breve imites meu exemplo.

E' bom que conheças o reverso da medalha, que saibas o que actualmente me vem contrariando como a fallada pedrinha no calçado, que principia causando uma vaga irritação e póde acabar provocando inflammação, infecção consecutiva e até a morte.

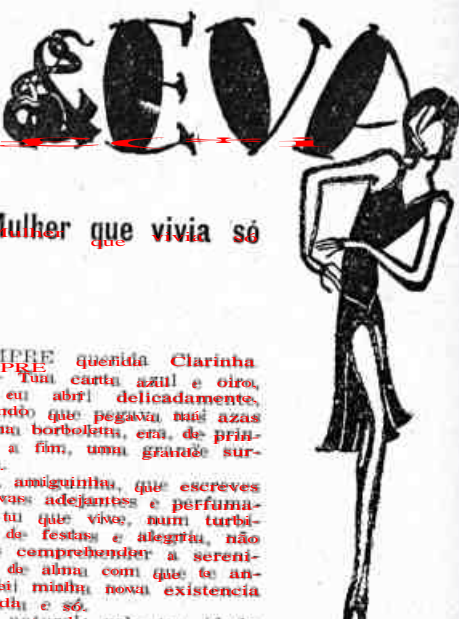
Depois de me queixar de minha solidão, queixo-me agora de nunca estar só.

Parece isso, á primeira vista, contradicção doentia, coisa de mulher, uma das muitas "coisas intimas" de que ellas são victimas constantes, conforme me dizias com tua emphase de esculapio. Mas não é. Em primeiro logar, porque detestar dois extremos não é signal de desiquilibrio, e sim de amor á harmonia que sempre está no mesmo termo.

Depois, porque eu me aborrecia da solidão, moral, e agora é a impossibilidade de estar só physicamente que me irrita. Minha adoravel mulherzinha não me deixa um só instante, não se aparta de mim um momento. Durante o dia, já sabes, o turbilhão da vida jornalística; em casa um rodopio de carinhos, beijos, tagarelices sem fim. E nenhuma possibilidade de concentração, de trabalho intellectual. A continuar assim, não produzirei nada mais, é certo.

A vida diverte-se em nos dar aspirações em constante contradicção com as possibilidades que nos offerece. O ideal seria a certeza do apoio moral, a proximidade milagrosa da companhia espiritual na repousante solidão physica. E é tão mais fácil estar a gente absolutamente só, desoladoramente só em meio a seres que nos fatigam sem cessar com sua presença!

Qualquer dia arrumo as malas e, enfrentando, impavido, as lagrimas da esposa [illegible] barco para uma cura de distenção physica e psychica a teu lado.

Teu saudoso — *Raul.*

A Mulher que vivia só

SEMPRE querida Clarinha — Tua carta azul e oiro, que eu abri delicadamente, cuidando que pegava nas azas de uma borboleta, era, de principio a fim, uma grande surpresa.

Tu, amiguinha, que escreves missivas adejantes e perfumadas, tu que vive, num turbilhão de festas e alegria, não podes comprehender a serenidade de alma com que te annunciei minha nova existencia retirada e só.

E' natural; pela tua idade, pelo teu temperamento, pela personalidade que a vida te tem feito, és essencialmente avesa ao isolamento. A felicidade ainda nisto está de accordo com a velha imaginação que a compara aos bellos dias de sol; força-nos a sahir, chama-nos para fóra, torna-nos expansivos e bulhentos. O soffrimento é como o frio da noite: convida ao recolhimento do lar, habitua-nos á posição em que nos dobramos sobre nós mesmos, afim de deixar a menor porção da epiderme sentimental exposta ao ar.

A alegria vem traçando as letras de tua existencia com arabescos de oiro, doce amiga, e bem diverso tem sido meu destino.

Mais ainda, porém, do que essa divergencia de sorte influe para a tua incomprehensão do meu voluntario exílio a differença de idade que medeia entre nós.

Vês tu, Clarinha, que as creaturas humanas, com quando jovens, têm avidez pela vida: o espirito abre-se ás impressões externas como a casa franqueada pela manhã aos raios do sol e á brisa da alvorada.

Um conhecimento novo é recebido com alegria, a hypothese de uma transformação nos hábitos é acceita com soffreguidão. Tudo quanto póde proporcionar um contacto inédito com as coisas e os seres é bemvindo.

Repara como as moças accorrem pressurosas a um chamado telephonico, mesmo si não lhe podem dar a interpretação de sentimento. Uma carta que [illegible] uma pessoa que bate as faz vibrar de curiosidade. E' a época das janelias escancaradas, é a época da absorpção. O espirito precisa sugar a vida para florescer e frutificar.

Depois, Clarinha, conforme os annos se vão indo, as creaturas que vão passando em nosso âmbito, atravessando nosso ser intimo ou siquer roçando na nossa personalidade intellectual, vão deixando um pouco de si proprios: idéas, feitios moraes, ás vezes até manias e hábitos materiaes. Também das coisas e dos factos vamos sorvendo emoções, e impressões e extrahindo conceitos e opiniões.

Chega um ponto em que se dá a saturação. Começamos, então, a rejeitar, instinctivamente, toda acquisição nova. Nosso ser espiritual fóge á dispersão, concentra-se, vae cerrando, uma a uma, as janelias das communicações externas. Então é que se dá em nós a formação da verdadeira individualidade; e esta exclue a marca das outras. Uma relação nova aborrece-nos; a intromissão de qualquer facto inesperado [illegible]

Então, as aguas paradas e tranquillas da solidão nos parecem propicias. Nellas boia á vontade a victoria regia de nossas almas, que a vida formou e desabrochou.

Assim sou eu, flor dos pantanos quedos e silenciosos; amedrontam-me as correntezas turbilhontes.

Não te surprehendas, pois, de minha reclusão. E quando quizeres apparece — devassa meus dominios como rutilante abelha doirada de pollen... o pollen da alegria que vaes colhendo nas flores do prazer. Traz-me sem receio o mel de tua amizade, doce amiga, pois elle não faz parte dos elementos novos que meu coração regeite. E', bem o sabes, um antigo e querido habito.

Tua velha — *Luzia.*

.A MULHER CHIC.

Um grande modelo de Paquin para noite.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

MARIA ANTONIA

A pianista Maria Antonia.

HA muita gente no Brasil que julga ser de facto pianista.

E' facil o conseguir-se. (Aliás não é verificavel isso sómente com as pianistas.) Um palminho de rósto, meiguice no olhar e na palavra, procuram o director ou o secretario do jornal ou da revista... E prompto. Está tudo arranjado. Lá vem o bello clichê, ás vezes de pagina, com a legenda, onde está gravada a gloria admittida de quem nunca a conseguiu.

Maria Antonia, felizmente, nunca esteve inclusa entre os prisioneiros das falsas genialidades.

Foi desde o seu debutar como creança-prodigio, uma legitima representante da precocidade na musica de nossa terra.

Aos sete annos interpretava conscientemente Schumann, Liszt, Beethoven, Chopin, Webber, Haydinn.

Logo após, era ouvida pelos melhores auditorios da Europa, onde a sua fama repercutiu intensamente.

Voltando á Patria, Maria Antonia reaffirmou os titulos conquistados pelo aperfeiçoamento de seus estudos a evidenciarem a pujança de seu mechanismo e a vocação indiscutivel de su'alma de artista, serena, primorosa.

A vocação dos musicistas commummente se exterioriza logo aos primeiros descortinios da vida de relação. Os casos tardios, como o de Paderewsky, são excepções bem raras.

Já na pintura os factos mostram que em geral os pendores se fazem sentir bem tardiamente. Ha, do mesmo modo, excepções. Precoces foram V. Meirelles, P. Americo, Velasquez, Raphael, Murillo. Mas o observado é que a pintura requer o desenvolvimento completo das faculdades intellectivas e principalmente do senso observador e avaliativo.

Maria Antonia, em sua primeira viagem á França, foi distinguida pela critica de lá com os artigos mais encomiasticos possiveis, dos que só conseguem os artistas de fina categoria.

Na sua segunda *tournée*, era uma personalidade consagrada, a imprensa comprovou as asserções sobre o seu evoluir, que deixava entrever uma ascenção sem *plateau*.

Visão, colorido, firmeza e sensibilidade são as melhores credenciaes da "virtuose" patricia.

Maria Antonia, no seu retrahimento, na sua modestia e simplicidade, é uma authentica victoria de sua geração, sobresahindo das culturas de "*salão-de-chá* e *tango*", desse moderno superficialismo das meninas do nosso tempo, pela sua invulgar complecção intellectual, amôr ao estudo e idolatria pela sua Arte esplendida.

Hernani de Irajá.

EDITH BULHÕES MARCIAL

E' outra das verdadeiras precocidades do piano indigena.

Todas as qualidades innatas aos grandes pianistas, Edith as possue, nitidas, precisas, em gráo elevado.

São doze apenas os annos que conta. Aos oito, sobresahia com uma notável "performance" sobre as collegas de estudos.

Recentemente venceu de modo magnifico uma rude prova de concurso que foi instituido em São Paulo. E os seus concurrentes, bem mais *taludos*, offereciam grandes possibilidades de resistencia.

Na sua ultima apresentação em concerto, com acompanhamento de orchestra, no Municipal, demonstrou qualidades incriveis numa menina de seu physico.

O professor A. Gluckmann, seu regente, após o recital, meditava, com a mão no queixo, a modos do "Pensador" de Rodin.

— "Que é, maestro, está doente?

— Não; é que não comprehendo como uma creança comprehende essas *Cadencias* de *Liszt* do *Concerto em Dó menor de Beethoven!* Impossivel!!"

H. DE I.

DA ILLUSÃO...

ESCUTA, amigo... Estás tecendo, com o fio brando do teu sonho, a corda de esparto que te ha de estrangular, na garganta, a vontade de viver... O teu mais rancoroso inimigo és tu mesmo. Como as serpentes que se nutrem dos seus proprios filhos embryonarios, que são a sua propria carne, o coração nutre-se de si mesmo e a si mesmo se devora. O sentimento é um trahidor que alimentamos com o nosso sangue para depois abrir-nos a alma a todas as desgraças que a rondam, e farejam, como barbaros ao redor de um castello de oiro e de sonho, onde ha uma princeza innocente que dormita...

E, pois, que a amas muito, esquece-a! O verdadeiro amor é o que não se realiza. Já viste o que succede ás grandes idéas que se concretizam em realidade? Aviltam-se, abastardam-se, envilecem-se... O sonho da Liberdade, tão lindo, que é, hoje? A Russia, a sangueira, o cháos. E a Fé, tão doce e bella? Em muitas almas, é, apenas, o pavor do inferno, a phobia das trevas sem fim. E o sonho do Amor, que gerou os mundos e floriu as sepulturas? E' a mentira, a trahição, o adulterio, o negocio mercantil e rendoso...

Nunca, jamais as grandes aspirações foram felizes quando attingiram a sua etapa final. Porque viu a terra girar em torno do sol, Galileu foi recolhido ás masmorras. Porque disse que o sangue girava nas veias, Harvey foi tido como louco pelos seus contemporaneos e irmãos em sciencia. Porque deu ao mundo um novo Continente, Colombo morreu de tristeza e de abandono. E foi Vespucio quem legou o nome á nova terra... Todos nós somos, na vida, Colombos que descobrimos novos mundos para outras almas e alheias glorias...

Ouve, ainda! A Mulher dos nossos sonhos nunca deve ser *nossa*, porque só será verdadeiramente nossa emquanto não a tivermos nos braços. O primeiro beijo de duas boccas que se desejam é o ultimo suspiro do seu amor... Porque o amor é Idéa e é Sentimento. E a realidade polue a Idéa e abastarda o Sentimento...

Para que realizar, se a realidade implica na morte da emoção? Prefiro o amor que morre á bala e a punhal ao amor que morre de tedio... De tedio morrem os suinos e os carneiros, animaes toucinhentos, cujos nervos se afogam por entre a hypertrophia dos tecidos adiposos. O tigre, nervoso e ousado; o leão, altivo e heroico; a aguia, dominadora e perversa, não morrem de tedio... Só os animaes inferiores é que se pervertem ao contacto dos homens, e morrem de tedio...

Sonha, e contenta-te com o teu sonho. O céo, a terra, o mar e a montanha não têm côr definida. Elles são como a nossa alma os vê. Procura vel-os sempre azul, e a tua vida será perennemente, e formosamente, azul...

BERILO NEVES

Carlos Botelho Junior

O dr. Carlos Botelho Júnior, o conhecido sábio brasileiro cujos trabalhos sobre o cancer, no Hotel Dieu, de Paris, consagraram mundialmente o seu nome, acaba de passar por esta capital, de regresso para a Europa, onde vae continuar as suas extraordinarias pesquizas sobre o soro-tratamento do câncer.

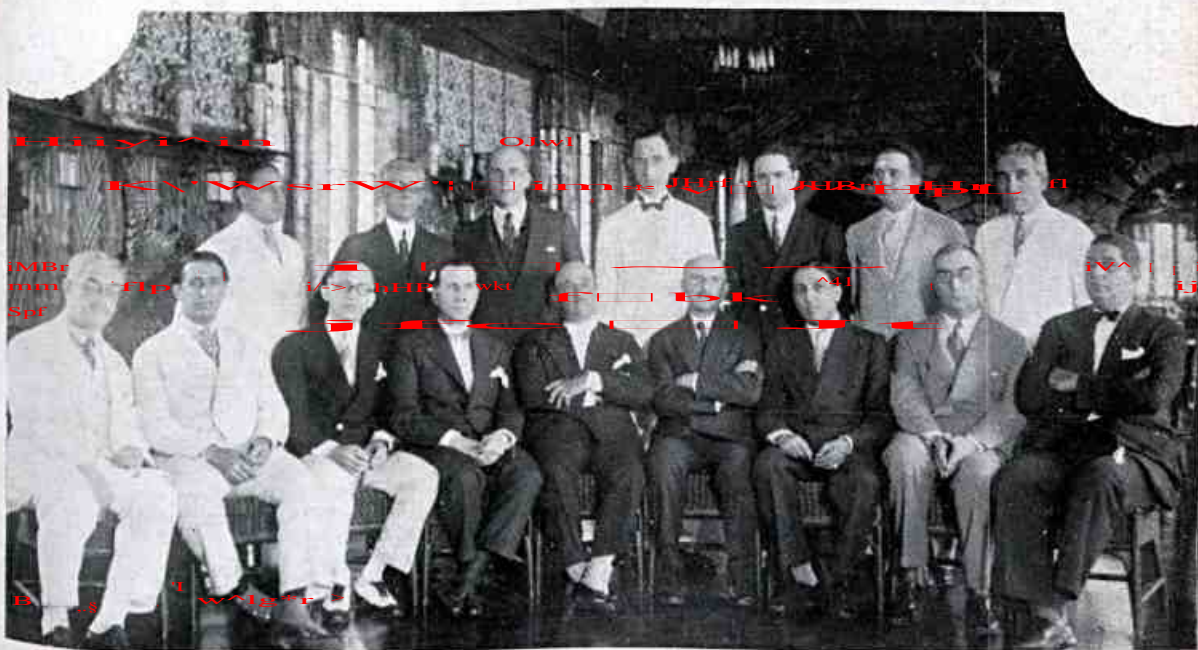
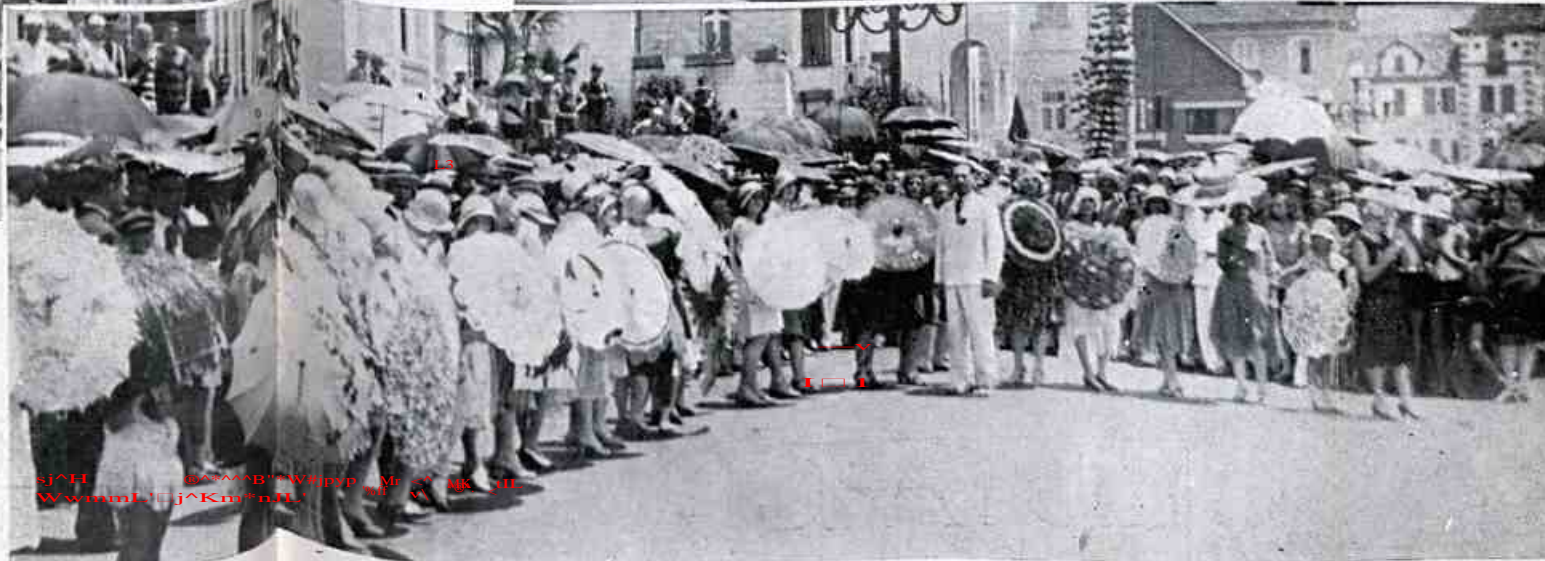
Já tendo descoberto o meio mais seguro, conhecido em sciencia, para o diagnostico do câncer — a soro reacção de Botelho — trabalha nestes últimos quatro annos o nosso sábio patricio com o fim de conseguir a cura desse terrível flagello, por intermedio de um soro proveniente de cavallos previamente cancerizados, por enxerto de tumores malignos, já tendo obtido surprehendentes resultados em alguns doentes desse mal.

Para chegar ao fim almejado o dr. Botelho não poupa esforços, nem sacrifícios, gastando a sua fortuna pessoal no custeio dos seus memoráveis trabalhos, dando, assim, um excepcional exemplo do seu altruismo e da sua grande fé nas convicções scientificas que povoam o seu cerebro.

Foi esse homem raro, ao mesmo tempo sábio, philanthropo e patriota exaltado, que a classe medica do Rio de Janeiro homenageou no Club dos Bandeirantes, nas poucas horas que aqui passou, num almoço intimo, presidido pelo prof. Miguel Couto, que lhe disse, em phrases de grande elevação, todo o enthusiasmo do Brasil e dos seus collegas pelo exito feliz dos seus sensacionaes estudos.

Regressando ao seu laboratorio em Paris, após uma rápida visita a sua patria, que não via ha 15 annos — todos entregues ao estudo e pesquizas em beneficio da humanidade — o dr. Carlos Botelho Júnior partiu levando no seu coração a certeza de que os brasileiros acompanham, com vivo interesse e sincera emoção, o desenrolar dessa luta gigantesca entre a perseverança, o arrojo e o ideal de um sabio e as resistencias formidáveis de um flagello como o cancer.

Segunda-feira á noite realizou-se uma expressiva solennidade no Externato do Collegio Pedro II: a collação de gráo dos bacharéis em sciencias e letras da turma do corrente anno. Compareceram á cerimonia, que decorreu brilhantissima, além do representante do presidente da Republica, o sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, o director do Departamento Nacional do Ensino, dr. Aloysio de Castro, e o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva. Esta pagina fixa tres detalhes photographicos da festa dos novos bacharéis do Pedro II.

O dr. Porto da Silveira, director d'«A Republica», de Curityba, e secretario da presidencia do Paraná, e que fôra aos Estados Unidos e á America Central como delegado geral dos Estados do Paraná e Santa Catharina para a propaganda do matte, acaba de regressar ao Brasil, depois de dar brilhante desempenho á sua importante missão. O nosso illustre confrade, que esteve tambem na Argentina, veiu acompanhado de sua exma. familia, tendo aqui chegado na manhã de quarta-feira penultima, a bordo do «Ávila Star». Seus amigos prestaram-lhe, por essa occasião, expressiva e carinhosa homenagem, indo cumprimental-o a bordo daquelle luxuoso transatlantico. Na photographia que estampamos acima apparecem o casal Porto da Silveira e seu filhinho Roberto, entre algumas das pessoas que compareceram ao seu desembarque.

O dr. Carlos Botelho Junior entre os seus collegas que o homenagearam com um almoço, no Club dos Bandeirantes, por occasião de sua passagem pelo Rio, sabbado ultimo. Em outro logar da presente edição vae publicada uma nota sobre a personalidade e a obra scientifica do grande medico brasileiro, que em Paris tanto tem elevado o nome do Brasil.

Sob o sol lindo da manhã radiosa, a elegancia da praia de Copacabana reluziu, domingo ultimo, não só pelo esplendor das suas aguas, ondeando em reflexos de prata e de ouro, e pelo azul diaphano do céo claro, mas ainda pela festa de côres, que foi aquelle borboletear de sombrinhas, a par dos sorrisos mais lindos. A Festa das Sombrinhas já entrou nos hábitos elegantes dos cariocas, notadamente dos que fazem a vida chic dos balnearios. O Praia Club se tem esmerado sempre para que esse bello certamen de graça e alegria resulte num acontecimento de grande repercussão mundana. Mas, este anno, a festa, ou o «borboletear das sombrinhas», que se alastravam entre o 4.º e 6.º postos de Copacabana, teve mais do que o encanto de uma reunião elegante: foi um espectaculo de belleza, de novidade e estheoia.

CONCERTO E CONFERENCIA

Violão de Bárrios, nostalgia errante
da primitiva America, no mundo.
civilizado!
Violão profundo,
tão de dentro de nós e tão distante,
e, assim na ausencia, ou na presença, amado!

Violão de cordas magicas e flébeis,
de sustenidos e de pianofortes,
capaz de commover as almas debeis
e alevantar os caracteres fortes.

Não é um simples extase ou desmaio,
encarnação explicita e exoterica
do sonho paraguayo
cantando e soluçando para a America:

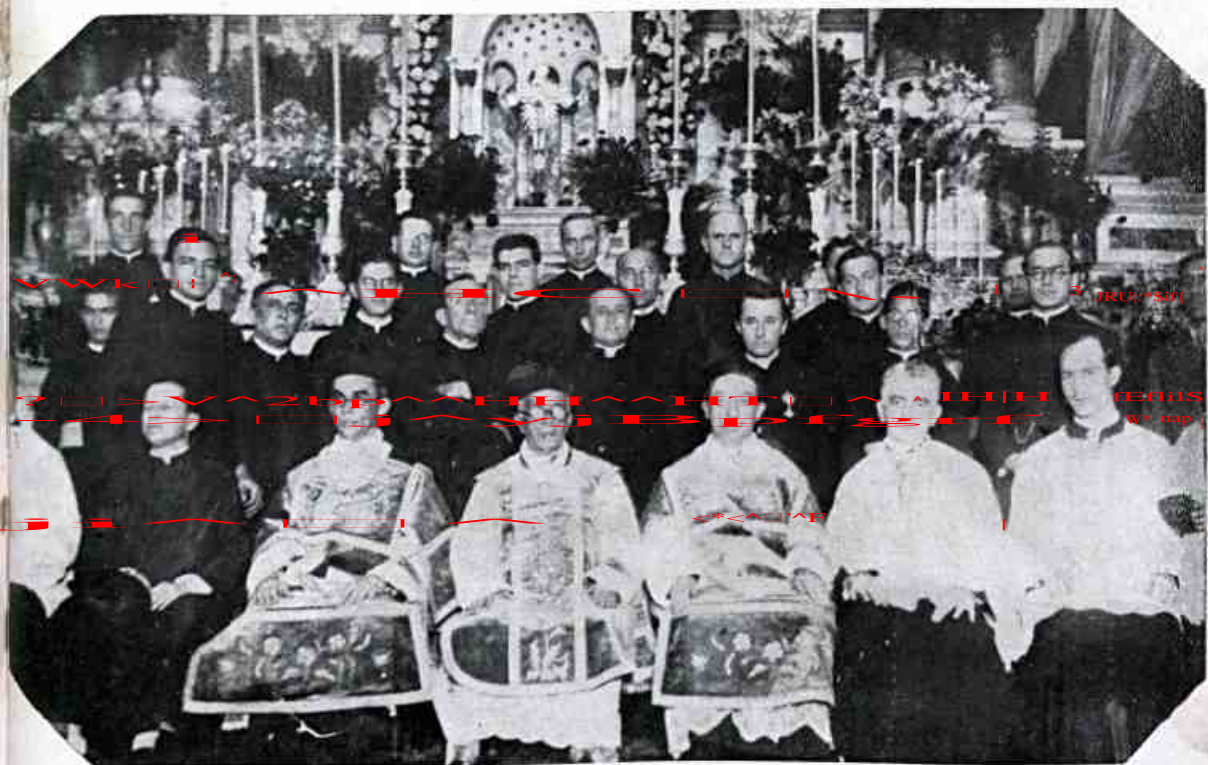
Não. O que esse violão profundo exprime,
é silencio de bosque, voz de oceano,
é toda a agitação do gulf-stream,
é muito mais o que elle exprime — exprime
o Coração humano...
— Sonoro stradivario que transborda
a alma do sonhador,
morrendo e reinfibrando em cada corda
a corda nova de uma eterna dôr.

Leitorazinha amavel, foram estas
as impressões maiores da semana
nos salões e nas festas
de agitação mundana.

Duas festas legitimas de ideal:
Concerto Bárrios, no Municipal,
e a palestra-moldura
do Beira-mar Casino,
em que a alma bôa e pura
e o superior talento feminino
da nossa excepcional Maria Eugenia
conseguiram marcar, em bôa hora,
uma hora homogenea,
homogenea e sonora,
adoravel,
só comparavel, como voz humana,
ao profundo violão de Bárrios, comparavel
o canto com a palavra,
— ella, escriptora de primeira plana,
elle, virtuosi do maior fulgor.
E o chronista modesto, que ora lavra
a chroniqueta de commentador,
pede a palavra
para dizer bem alto o seu louvor.

O dr. Luiz Gallotti, recentemente nomeado procurador da Republica na secção do Districto Federal, foi, por esse motivo, domingo ultimo, homenageado pelos seus collegas e amigos, que lhe offereceram um almoço, no Palace Hotel. O agape foi presidido pelo ministro Victor Konder e teve a presença dos ministros Pinto da Luz, Pires e Albuquerque, Pedro dos Santos e outras pessoas de destaque.

FILIGRANAS

O Rio transborda presentemente de casas de gramophone. E' uma gritaria infernal de victrolas e orthophonicas por todos os lados, alternando os sambas com os cantos liturgicos ou as operas de Wagner com os jazzs negroides. Atravessando as ruas, perseguido pela fanhosidade de taes instrumentos e mais dos altos falantes, amaldiçôo intimamente Rousseau. Pois esse camarada não teve o descôco de definir a musica como "a arte de combinar os sons de modo agradavel ao ouvido?"

Monsenhor Antonio Lopes de Araujo, vigario da parochia de Sant'Anna, ao commemorar, domingo passado, o seu jubileu sacerdotal, teve occasião de receber varias demonstrações de apreço promovidas pelos seus innumeros amigos e pelos seus parochianos. Na photographia acima apparece s. revma. entre os sacerdotes que assistiram á missa solemne por elle mesmo celebrada, na manhã daquelle dia, na matriz de Sant'Anna.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Disse-lhe, um dia, que você veiu para mim, para a *rêverie en fleur*, do meu "balcão", para os rosaes mysticos da minha vida interior, como uma flor de melancolia que eu tivesse colhido, em algum tempo, numa tarde de garôa de sua terra, para que ella, transplantada nas jarras de Sévres acolhedoras e amigas de meu coração, perfumasse-o sempre, embora illusoriamente, feitiçamente como uma... miragem que era.

Não foi bem assim, não foi bem com essas palavras que a acolhi, minha amiguinha desconhecida e distante, que hoje me dá a impressão de estar sempre presente, sempre a meu lado, na companhia das sombras mais queridas da minha vida. E, nesse ambiente de paz, de serenidade e de saudade, seu vulto — seu vulto? — seu ser inquieto, sua alma de sensitiva, parece-me tão familiar como se ha muito, ha muitos annos, eu tivesse o prazer de seu convivio bom e tambem consolador.

"Por que você soffreu?" — pergunta-me, na sua ultima carta, com um interesse que parece não envolver somente uma curiosidade.

Para que responder-lhe? Quem é que já não soffreu, na vida?

E, hoje, creia, bemdigo esse soffrimento porque foi nelle, na sua infinita amargura, que encontrei a revelação de mim proprio. Na rocha negra, e só apparentemente inaccessivel e impenetravel da minha dôr, minha amiga, é que bati e colhi o maná com que refrigerei a sêde da inquietação interior que me arrastava pela vida afóra, sem que eu me encontrasse a mim proprio.

Não, o coração não "se cansa de tudo", como você disse. Nem de esperar, nem de crer, nem de soffrer, nem de... ser feliz. Elle, para agitar-se, para vibrar, precisa sempre de um rythmo, — rythmo de dôr ou de alegria, de exaltação ou de saudade, de revolta ou de angustia.

No saber regular sua maior ou menor intensidade, afim de que elle se harmonize com o immenso rythmo da vida profunda e mysteriosa, é que está o segredo de toda harmonia interior.

Você, porque uma grande desillusão encheu de tristeza, um dia, sua vida, cerrou as portas de seu pobre coração torturado á fascinação e ao encanto de novas e desconhecidas ondas de harmonia que fazem a infinita orchestração de todas as emoções de sua alma.

O rythmo, porém, largo e sincero da minha, parece haver ecoado no recinto fechado da sua desillusão. E a palavra do "apostolo" se fez ouvir no ermo silen-

A interessante e notavel «virtuose» do piano, Edith Bulhões Marcial, que em outro local deste numero é focalizada pelo nosso critico de arte.

cioso de sua angustia, na "quietude pensativa da pequena alma de judia", que veiu para mim com o feitiço encanto de uma suave miragem crepuscular.

Ainda bem e que seja eu o revelador de si propria, de você, minha amiga, que tanto precisa do rythmo de outra alma e de outro coração, para que você possa cantar, um dia, a linda canção da alegria e da felicidade.

Falo-lhe tanto da felicidade, eu que até hoje ainda não a conheci, mas que a desejo para todos os que a procuram, para todos os que a buscam como eu, ha muito tempo, tambem o fiz.

Parler du bonheur, n'est-ce pas un peu l'enseigner?

Prononcer son nom chaque jour, n'est-ce pas l'appeller?

E, no emtanto, julgo-me, hoje feliz, se ser feliz é — não haver ultrapassado a inquietude da felicidade, como disse Maeterlinck mas a da dôr. Porque eu ultrapassei a inquietação de todos os soffrimentos...

Não sei se você me comprehendeu. Estou, hoje, um tanto... nebuloso, a recordar um pouco a alma e o coração que eu já fui... e que eram meus, intensa e profundamente meus, e que a dôr — o rio da vida — mudando-lhes o curso, fez tão differentes, agora!

Mas, o meu orgulho, esse foi sempre grande demais, tão grande que eu venci e dominei todas as angustias, todos os soffrimentos para, na essencia delles mesmos, distillar, um dia, a gotta de assucar da minha felicidade, embora, para mim, ella seja essa felicidade *qui vient après que les yeux sont fermés...*

Place me in your heart.

SEARA ALHEIA

RUEGO

De Juana de Ibarbourou

Diez dias de espera, diez dias de[l] hierro
Que curvan mis hombros y emblan-
[can mi carne.
Diez noches de fiebre que bebe mi
[sueño
Y cierra mis ojos cansados, al alba.

Me brotan violetas de Agosto en los
[párpados.
La heiada nocturna me cuaja en el
[alma.
Me he vuelto tan triste que todos
[preguntan:
— Que tiene? De pronto se ha pues-
[to tan pálida.

Señor: tu que sabes la causa, el
[bueno
Y enseña a mi vida tu signo de
[gracia.
Señor que comprendes, Señor que
[perdonas,
Ya basta de angustia: que llegue
[su carta!

PETIT BLEU

Meu amor, no céo azul accendem-se as estrellas e tambem na cidade se accendem todas as luzes.

E o céo, assim illuminado, pareço festejar a tua proxima chegada — a vinda daquella que tem o segredo de saber accender as estrellas do céo de meu coração.

E são apenas duas as estrellas que o illuminam — duas, porém, que brilham, que scintillam mais, muito mais do que todas as que, incrustadas no azul do firmamento infinito, derramam, agora, sobre a terra, a tremula fulguração doirada de suas pupillas.

Meu amor, tambem todas as luzes que, festivas, fazem, agora, a ronda luminosa da cidade, não brilham nem scintillam tanto quanto a que os carvões accesos de teus olhos negros projecta e derrama no mundo de meu coração, que só se illumina quando a caricia morna de tuas pupillas desce sobre elle.

Meu amor, no céo e na cidade ha uma festa de luz, e tu não vens para illuminar a noite de meu coração...

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu amor tambem go... céo — "Tantos dias, tantas semanas, sem que uma palavra tua, uma palavra de consolação viesse em auxilio da tua pobre e esquecida Maria, daquella que foi, um dia, tambem a Santa Therezinha das rosas mysticas de teu céo na terra!"

Querida! Sempre querida e adorada, por que julgares, por que pensares que te esqueci se, hoje, crê, mais do que nunca te amo e venero?

Meu silencio? A razão deste longo silencio, Maria?

Uma maldade, talvez, mas uma maldade bem intencionada: a de forçar tua vinda, teu regresso para a cidade maravilhosa onde te conheci e amei, já que eu não podia ir ao teu encontro.

Perdôa-me, mas não sei porque, tenho a impressão de que, com esse longo afastamento, acabarás por me esquecer, e no altar de meu coração, erigido em tua honra, as rosas de Santa Therezinha estão a murchar, a murchar e a desfolhar-se, tristes e afflictas, porque sobre ellas ha muito não desce a luz vivificadora e miraculosa de teus olhos de santa.

Perdôa-me e vem, vem para a alegria e para a festa do nosso amor de céo e de peccado.

SORRINDO

Disseste-me, um dia, que teu amor seria um amor para sempre, um amor *fort comme la mort*. E tantas e tão grandes foram as provas, as demonstrações de teu carinho, de tua dedicação, que cheguei á convicção de que num pequenino coração de mulher se podia conter um mundo de bondade, de devotamento, um amor infinito e absoluto, sempre vigilante e solicito, capaz de todos os sacrificios.

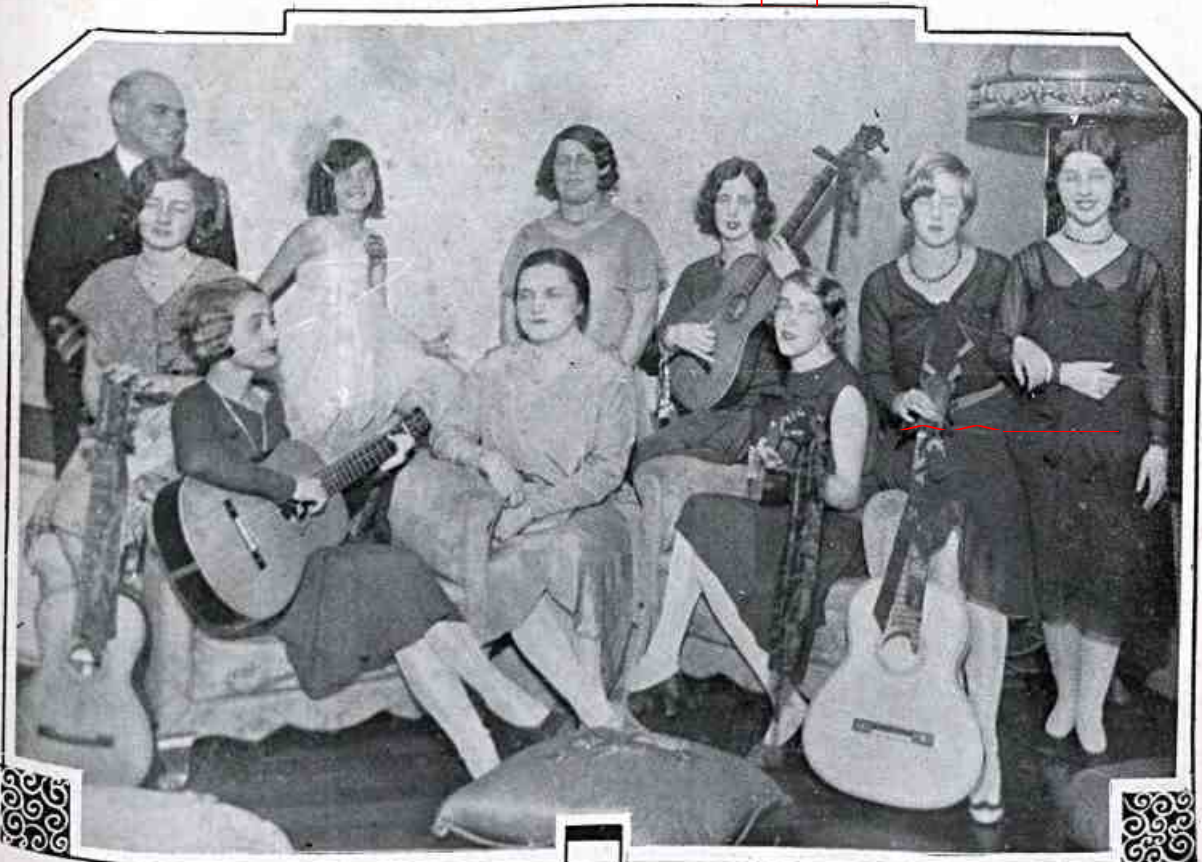
Um dia, porém, o destino separou-nos. Um abraço commovido, um beijo molhado de lagrimas, um adeus, um lencinho branco a acenar-me de longe...

Algumas cartas ainda e depois o silencio, como resposta ás ultimas que te escrevi.

Voltei, annos depois. Revi-te, profundamente emocionado. Eras de outro, já.

— Nosso amor, teu amor que dizias infinito, eterno?...

— O destino, a fatalidade tudo desfez... Mesmo tudo passa, mas sinto, ainda hoje, que com o nosso amor se foi tambem a minha felicidade...

— Talvez. Eu te queria tanto! Mas tens razão: "nossas almas são um continuo amor e um continuo adeus."

Mlle. Alydéa Galvão, que é uma encantadora lourinha, fina e espiritual, organizou um festival, no Atlantico Club, em homenagem á escriptora Mercedes Dantas. Essa «hora de arte» foi muito original; e do seu programma bem póde dar uma idéa nitida esse elegante conjuncto de figuras da nossa élite social e dos nossos meios artisticos.

LANTERNAS DE PAPEL

RETALHOS

A bôa palestra é o melhor dos divertimentos. Até os santos não puderam fugir á sua attracção. S. Francisco de Salles considerava a bôa conversa uma virtude, baseado sem duvida no que a proposito

Secretario de legação e official de gabinete do sr. ministro das Relações Exteriores, o dr. Berenguer César é um joven diplomata a quem a «carriére» de certo proporcionará muitos triumphos. Dispondo de apreciaveis recursos mentaes e culturaes, o distincto patricio é uma das figuras sympathicas do Itamaraty, captivando quantos com elle privam pela fidalguia de seu trato.

diz S. Thomaz de Aquino, e Basilio aconselhava aos monges que suas palavras fossem cheias de graça e capazes de perfumar os espiritos. E os Proverbios da Biblia assim se exprimem: "As palavras bôas e benevolentes são como uma caricia immaterial enviada por uma alma a outra alma."

* *

A vida social é uma caceteação continua dentro duma futilidade eterna. Tocqueville define-a desta sorte: "a obrigação das pessôas se incommodarem mutuamente." E glosa: "A quem não aconteceu já cem vezes ir visitar uma pessôa que o caceteia e que elle proprio caceteia, afim de obrigal-a a se aborrecer e a vir aborrecer-se na visita de restituição?"

* *

Ha certas almas de mulher que são mysteriosas e perigosas como um abysmo. Ellas mesmo talvez nem saibam por que. Mas no seu ser crystalliza-se o mal e delle se irradia como um veneno subtil. Cabe-lhes bem o final dum dos Sonnets capricieux de Autran:

Dans son trou ténébreux quand le loup rentre au soir,
Il a fait moins de mal que cette blonde femme
Qui défait sa coiffure et rit à son miroir...

* *

A mordacidade é um signal de indigencia do espirito, accentuou La Bruyère. E já vistes algum desses eternos destruidores de reputação, desses constantes dizedores de pilherias sobre os outros que valesse, de verdade, alguma coisa?...

* *

E' um adagio: o livro é um amigo. Quantas vezes, porém, não é o livro o peor dos inimigos?

* *

Em uma poesia famosa, Arinelli contou seu encontro com o Tempo. Perguntou-lhe pelos imperios antigos, pelas cidades poderosas — Babylonia e Roma, Athenas e Tyro, Argos e Thebas. O Tempo respondeu-lhe, atirando ao chão trapos de purpura, retalhos de mantos reaes, pedaços de armaduras e troços de espadas e sceptros. Si um de nós encontrasse o Tempo e lhe pedisse noticia dos politicões desta nossa triste Republica, creio que sua resposta ainda seria mais triste: mostraria as mãos vasias...

* *

Ha pouco mais dum lustro, Rivoire indagava numa carta de Henri Bordeaux: "... que dirieis dum fazedor de versos que puzesse de lado a rima e a metrica para ter campo mais livre?" Não sei qual foi a resposta do grande escriptor. O que sei é que os que actualmente se intitulam poetas largaram de mão a métrica e a rima, e desembestaram...

* *

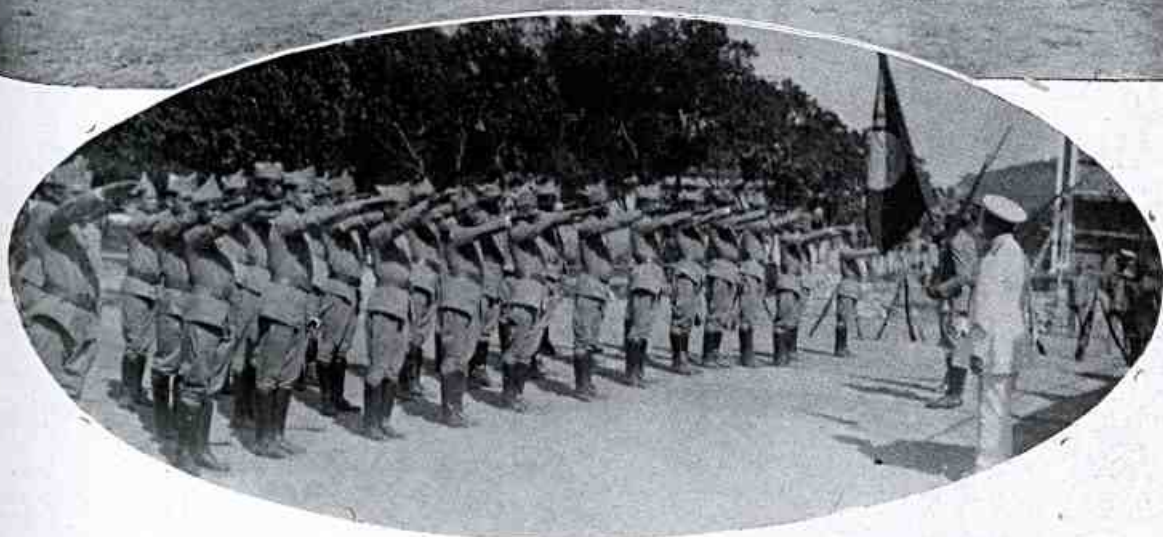
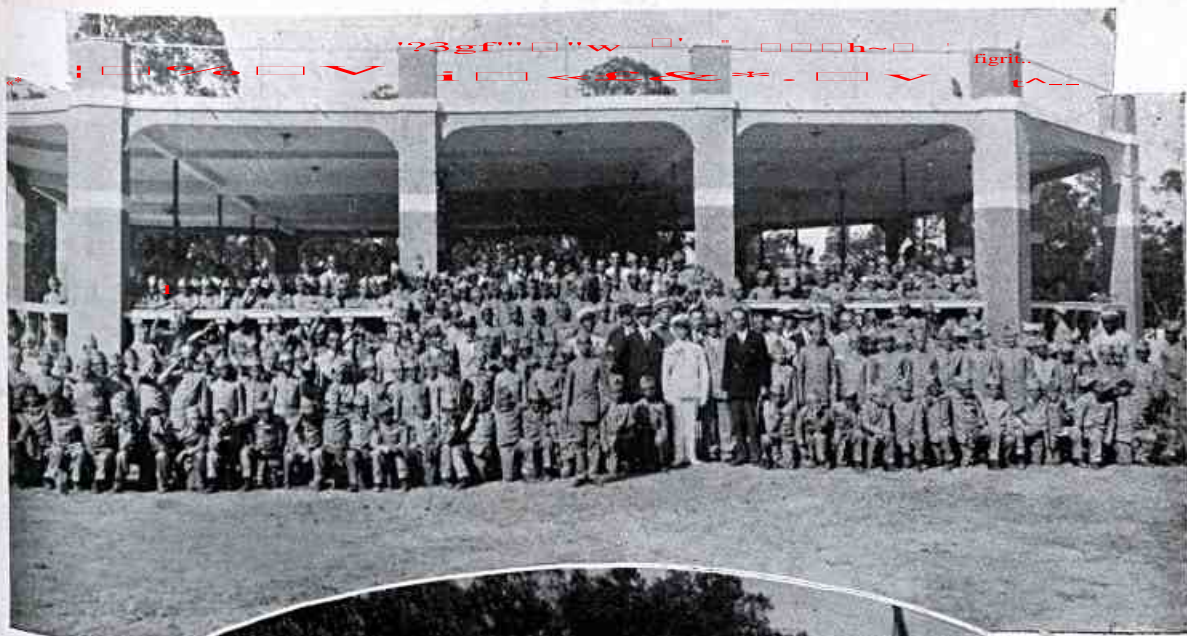
Para Rousseau, o theatro, que nada valia afim de corrigir os costumes, muito valia para corrompel-os. E Rousseau não conhecia os theatros do Rio de Janeiro..

* *

O padre Vuillermet escreveu este pedacinho de ouro sobre os jornaes modernos: "... a intoxicação lenta e segura do máu jornal, em cujas columnas o leitor encontra diariamente tudo o que é preciso para excitar suas paixões, narrações de crimes e aventuras no noticiario dos tribunaes, o folhetim, os perigos da rua em que o vicio se ostenta cynicamente sem nada respeitar, nem mesmo a infancia, o abuso dos entorpecentes que dá o frenesi das exigencias morbidas..."

Bello e verdadeiro quadro! O jornal é a phylloxera que róe a vinha humana nos nossos dias.

CLAUDIO FRANÇA

O revmo. José Soter Silveira é um novo sacerdote brasileiro, que, com muito brilho, se ordenou, recentemente, no Collegio Pio Americano, de Roma.

A Escola 15 de Novembro esteve em festa, domingo passado, com as solennidades que alli se realizaram, e para as quaes o dr. Lemos Britto e senhora nos dirigiram amavel convite. Essas solennidades consistiram na ceremonia inaugural do Pavilhão Abrigo Washington Luis e da Exposição Escolar, e bem assim na entrega das cadernetas aos reservistas de 1929. Após esses actos, o director da Escola e senhora Lemos Britto offereceram, no Pavilhão Arthur Bernardes, uma tarde dançante aos seus convidados.

O «comité» nacional encarregado de examinar a reforma do calendario, preconizada pela Liga das Nações, esteve reunido, quinta-feira penultima, na séde da Associação Commercial do Rio de Janeiro, tendo discutido varios pontos da mesma reforma e organizado os sub-«comités» para estudarem o assumpto.

AS NOSSAS VIOLETAS...

Uma tarde doirada de verão. Rio de Janeiro. Rodolpho, másculo, em pleno vigor dos 30 annos. Foi a uma casa de flores — lá existiam tantas! Elegantemente, escolheu maravilhosas violetas. Recebeu-as carinhosamente — encaminhou-se para o seu automovel. Alguns minutos — chegou a lindo "bungalow", no Leblon. Uma silhueta, discretamente, apparecia entre um artistico "store" valenciano. Entrou. Deliciosa creatura o recebeu com o seu sorriso melhor. 27 annos, quando muito. Um corpo esculptural. Uma bocca sensual. Uns olhos... emfim, uma mulher!... Rodolpho

ENLACES

Jacyra Barbalho-Carlos Galvão Figueira. Natal. Rio Grande do Norte.

Clarisse Monteiro Vianna-dr. Alcides Baillariny. Rio de Janeiro.

Laura Loureiro-Ubiratan da Silva Paranhos. Rio de Janeiro.

Naír Soledade-Newton Hernandez de Andrade França. Rio de Janeiro

beijou os seus lindos dedos longos. Um gesto rapido e as violetas ainda humidas espalhadas sobre ella. Rodolpho, delicadamente, pediu-lhe que ficasse immovel. Explicou. Queria que as violetas ficassem impregnadas do perfume de seu corpo. Muito calor — as violetas frias fizeram-lhe bem. Quasi encolhida, lembrando uma gatinha de raça, não teve o menor gesto de defesa. Rodolpho, religiosamente, colheu-as uma a uma. Guardou-as com carinho; quando sahiu, levava uma caixa bem menor.

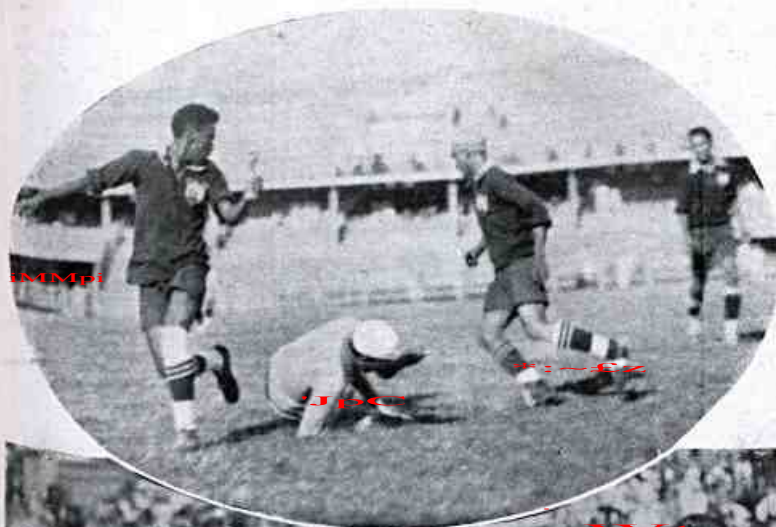
* * *

Dois mezes após, Rodolpho partia — era secretario de legação. Nesse dia, em nova encarnação de "Butterfly", ella tinha a fronte collada á vidraça, quando recebeu um registado: Eram lindas violetas em pleno viço. Junto a ellas, outras murchas e uma carta: "Minha delicada amiga. Junto encontrarás algumas violetas: umas murchas, quasi em pó; outras, com todo o seu vigor. Entretanto, minha delicada amiga, estas que já perderam o viço e que estão murchas, são bem mais significativas para nós. Talvez não te lembres mais, porém ellas estão ainda impregnadas do teu perfume e o perfume é o desejo. A saudade é perfume... e ellas são a volatilização dos nossos sentimentos. Como perfume, estarás sempre, impregnando o meu corpo e teu espirito será um mágico evocador. Desde Verlaine, "o perfume é o eterno evocador"... E quando fugir a ultima gotta da essencia e que ellas se transformem em pó, ainda serão eternamente o symbolo das nossas ansias, dos nossos desejos. Felizmente tudo é real — não foi sonho. O sonho é o mais subtil e venenoso de todos os perfumes e nós estavamos bem acordados, bem despertos!... Que linda historia, a das nossas violetas! — Rodolpho."

Duas lagrimas — um corpo de mulher que cae na voragem de um desejo.

Decius Docái.

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

Os srs. Sonia & Boffoni, da conceituada Livraria Odeon, á avenida Rio Branco, 157, tiveram a gentileza de nos offerecer exemplares dos ultimos numeros das seguintes publicações, de que são agentes nesta capital: *L'Illustration*, *Le Jardin des Modes* e *La Rampe*, de Paris; *Vogue*, de Nova-York, *Puck*, da Inglaterra, e *Corriere dei Piccoli*, supplemento illustrado, infantil, do *Corriere della Sera*, de Milão.

No «stadium» do Fluminense F. C. foi disputada, domingo ultimo, a partida semi-final do campeonato brasileiro de football no corrente anno. Defrontaram-se os seleccionados representativos do Estado do Pará e desta capital, numa pugna movimentada, de lances interessantes, em que, por fim, sahiram vencedores os cariocas. Nesta pagina, além de duas phases do jogo, vêem-se o «team» paraense e o do seleccionado carioca.

TREPAÇÕES

A vida do conhecido rapaz poderia ser descripta em um grosso volume com este titulo suggestivo: "A obra de um pirata..."

Porque elle outra coisa não tem praticado senão piratarias, de todos os matizes, de todos os generos, para todos os paladares.

Ora é a historia de uma viuva moça, bonita, rica, arrastada pela labia do seductor, para ser, mais tarde, atirada ao esquecimento, depois de muito explorada, quasi ás portas da miseria.

Ou então, o complicado romance de uma senhora matrona, que arranca dinheiro e mais dinheiro do marido, sob varios pretextos, para sustentar a vida perdularia do rapaz.

Mais adeante, o drama de uma creaturinha loira, que amargou com lagrimas a perda da sua illusão no amor.

Depois, o caso de uns titulos falsificados, cujo epilogo, si não fôra ainda a complacencia de uma alma feminina, teria sido na policia.

Mas, apesar de tudo isto, parece que ainda não terminou a vida rocambolesca do rapaz.

Como não tem geito para trabalhar honestamente, visa agora uma professora, naturalmente com o intuito descarado de ser pensionista da Municipalidade sem figurar na folha dos empregados desta.

Que espantalhão!...

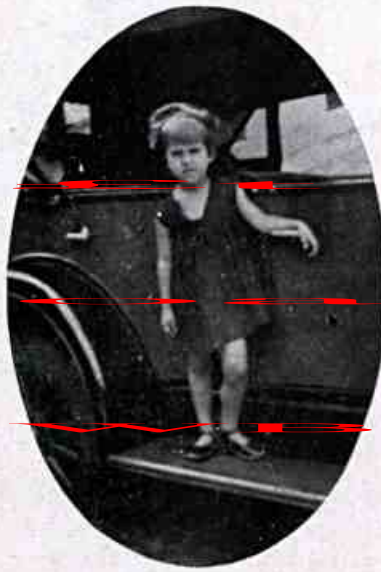
O homem risonho, aquelle cavalheiro que faz *blague* a proposito de tudo, e ri de todos os apaixonados, está pagando o que a sua penna tem feito. E é um caso mesmo de espantar, vel-o inteiramente preoccupado com a formosa paulista que lhe pregou uma peça de mestra em amores...

O episodio foi mais ou menos assim. Ella telephonou-lhe marcando-lhe um encontro, pois desejava conhecel-o. Elle foi ao encontro della... Quando voltou, estava apaixonado. Ella era linda porque era morena e o impressionára — declarou — por que fazia versos. A paulista declarou-lhe que viria passar o Natal no Rio e só regressaria depois do carnaval.

No outro dia, elles se communicavam pelo telephone:

O menino Fernando Carlos, filho do dr. Braz Dias de Pinho e de d. Maria de Lourdes Roma de Pinho.
(Photo De los Rios)

— Olhe, amanhã espero vel-o.

Combinou novo encontro. Mas o caso é que elle só foi ter noticias della uma semana depois, quando a morena romantica lhe telephonou de... S. Paulo.

A galante menina Marilia, filhinha do dr. Antonio Marques Henriques, advogado e economista.

O homemzinho anda triste, e está pagando a zombaria que faz dos que amam.

Um dia é da caça...

PARECE que a alta sociedade terá, breve, um prato de sensação para saborear com aquelle prazer proprio dos deuses...

O boato perverso surgiu de manso, porém, cresceu, tomou corpo, espalhou-se, e já todo o mundo commenta o caso.

Uma historia banal de amor, como são todas, cujo epilogo é o casamento...

Nesta, porém, apparece uma dama que absolutamente não tinha o direito de contrahir matrimonio com um *chauffeur*, segundo o modo de pensar da sociedade em que ella vive.

Nós, entretanto, não vemos no caso nada de extraordinario...

Numa época em que princezas authenticas se casam com lavadores de prato, nenhum mal existe em uma dama offerecer a sua mão a um *chauffeur*, que, afinal, é uma profissão como qualquer outra, e até, ás vezes, bastante rendosa.

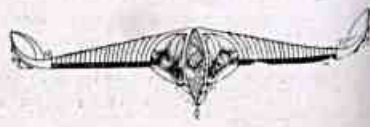
O mais que pode acontecer é o heróe do romance passar para o ról dos *chauffeurs* celebres...

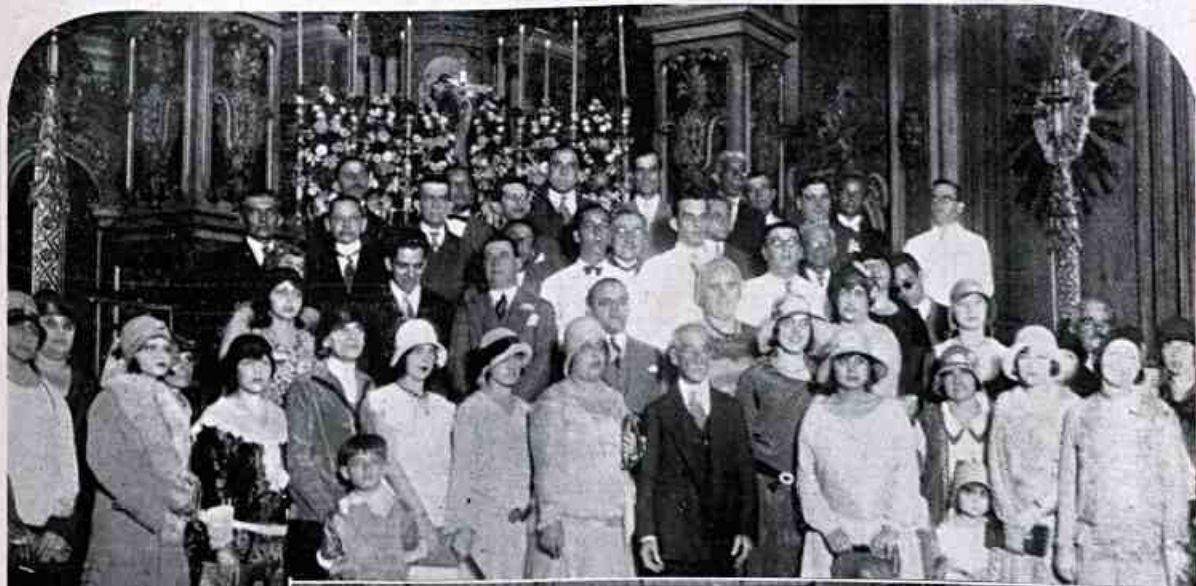
MADAME, superiormente elegante, depois de um passeio bastante gradavel, fez-se ainda acompanhar do rapaz magro, de luto recente, até as immediações da casa.

No trajecto de omnibus, tão entretidos estavam na palestra, que não notaram os vizinhos, nem a inconveniencia da linguagem.

Quando fizeram parar o omnibus, lá para as bandas do arraial de *chic*, saltaram ambos para uma despedida demorada, em que as mãos ficaram esquecidas numa affectuosa saudação.

Esse derradeiro instante, ella aproveitou para as ultimas recommendações e muitas promessas de outros deliciosos passeios, porque o rapaz de preto curvou o busto, lhe beijou a mão, agradecendo, reconhecido, a bondade de *madame*.

Bem se diz que, quem vê cara, não vê coração, pois *madame* é o typo da mulher que vive voltada sómente para as doçuras de um lar honesto.

Por occasião do encerramento das aulas do curso livre de obstetricia do professor Octavio de Souza, os doutorandos alumnos daquelle mestre fizeram-lhe carinhosa manifestação de apreço, na Maternidade das Larangeiras, onde funcciona o mesmo curso. E' um aspecto dessa homenagem o que focaliza a gravura acima.

(Photo Annunciato.

O dr. Luiz Ribeiro Rosado, illustre director do Tribunal de Contas, festejou, a 28 do mez passado, o seu jubileu de serviço publico. Por esse motivo, recebeu varias homenagens promovidas pelos seus amigos e admiradores, os quaes mandaram celebrar uma missa em acção de graças, e se associaram á manifestação dos funccionarios do Tribunal de Contas ao seu venerando chefe.

MIUDEZAS

Ella vestia de rosa naquella tarde clara e quente de verão. E eu lhe segredei ao ouvido os versos lindos de Garnier:

Rose, ta chair mystique a sous le
[ciel d'opale,
La divine saveur d'une chair idéale,
Où l'amour sans partage éternise
[un baiser;
Et, quand la bouche en fiévre ose
[s'y reposer.

Plus lourde de parfum qu'une
[grappe á la treille,
La lévre pour ton coeur a le poids
[d'une abeille...

* * *

Sabbado de sol. A Avenida regorgita de gente suburbana. Toda a artilharia pesada que se aquartela entre Mangueira e Cascadura, Triagem e Merity expõe aos desoccupados dos passeios os seus vestidos e chapéos inconfundiveis, as suas gorduras molles. E eu trauteio entre dentes uma trova pilherica de Paris:

Les vieilles de notre pays
ne sont pas de vieilles moroses...
L'une porte des plumes roses,
des panaches, tout un fouillis...
Les vieilles de notre pays...

* * *

A bolina não é um esporte carioca. E' um vicio mundial. Pelo menos assim o deixa entrevir uma chronica de Fantasio:

"Que faire dans une salle de cinéma, losque le spectacle est idiot, qu'on est seul et que le fauteuil voisin est occupé par une femme que l'on devine gentille?

Donnir serait lui faire affront.

Essayer d'engager la conversation du bont... des doigst est sans doute préférable..."

O melhor em amor é talvez fugir antes de possuir a mulher que o acaso nos offereceu. Sentiu-se a força dum desejo despertado e a illusão de momentos agradaveis. E a criatura que, assim, passou sem que a prendessemos a nós, deixa na nossa lembrança um doce perfume inapagavel...

Quem sabe que tristezas, que magoas, que aborrecimentos, mesmo que remorsos não nos fôram poupados?...

* * *

O homem que tem em casa hoje em dia uma mulher faladora, dessas que parecem ter cocegas na lingua e passam noite e dia taratatás e patatás, não pode mais nem ter o refugio discreto dum cinema, afim de divertir o espirito olhando as fitas e ouvindo as orchestras em surdina... Todos os filmes hoje são mais parlapatões do que as mulheres...

Que estupenda invenção!...

(Conclue na pag. 53)

O Centro Carioca, commemorando a data do nascimento de Pedro II, prestou, segunda-feira pela manhã, tocante homenagem á memória do grande imperador, realizando uma cerimonia civica junto de sua estatua, na Quinta da Bôa Vista. Foi orador official da solennidade o illustre poeta e academico Luiz Carlos, que proferiu vibrante oração evocando a figura magnanima de Pedro II. A senhorita Olga Azevedo recitou versos do poeta Soares Júnior.

MIUDEZAS — (Conclusão)

A's vezes, a minha solidão soluça em mim como um chôro de criança. E o meu desejo de amar sobe da profundez da alma com uma violencia tal que é preciso toda a força da vontade para que elle não me despenhe no desespero...

*
* *

O verdadeiro destino da mulher no mundo é ser bella ou bôa, disse um philosopho. Parece que elle não admittia as duas coisas juntas...

*
* *

A terra está coberta por biliões de entes mediocres e menos do que mediocres. Os poucos homens na verdade intelligentes são o vinho fino que a civilização extrahe dessa borra. Entretanto, ha theorias que entendem que ella é que deve governar o mundo...

*
* *

A sciencia é feita de dedicação e desinteresse. Renan entendia que, por isso, os paizes immoraes ou superficiaes não consentiam na formação de verdadeiros sabios. Estes são tão raros no Brasil que podemos affirmar jamais terem existido...

*
* *

A differença entre o espirito philosophico do Oriente e do Occidente: é que aquelle procura a chave dos hieroglyphos da natureza dentro da propria alma, desenvolvendo todas as faculdades internas superiores pela ascése, pelo dominio dos instinctos, e este a busca no mundo exterior pela observação directa, pela experiencia e pela experimentação, pouco se lhe dando o estado moral do espirito que indaga.

*
* *

A voz do bem que se eleva do fundo da consciencia humana é tanto maior quando a natureza que a cerca é indifferente e immoral.

D. JAYME.

A actual administração do Lloyd Brasileiro vem prestando á nossa principal empresa de navegação serviços que muito recommendam sua actuação nos varios departamentos da importante companhia. Constituida por technicos, de comprovada capacidade, a directoria do Lloyd tem tomado, ultimamente, uma serie de providencias cuja efficiencia se vem praticamente affirmando, numa demonstração segura e positiva do acerto das medidas adoptadas. Nesta pagina, vêem-se, ao alto, o sr. Amantino Camara, director-presidente do Lloyd Brasileiro; ao centro, o commandante Julio Brigido, superintendente da navegação, e, em baixo, o capitão de corveta Romeu Braga, director technico da importante empresa da marinha mercante nacional.

POEMA DO AMOR

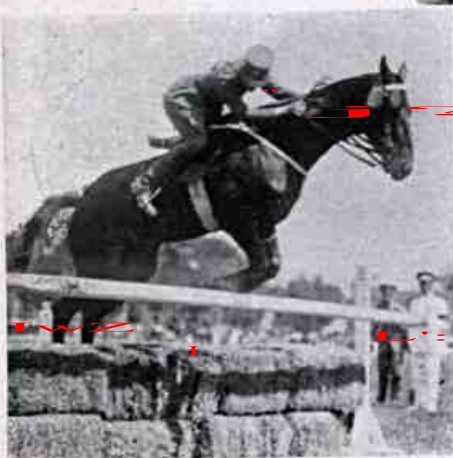
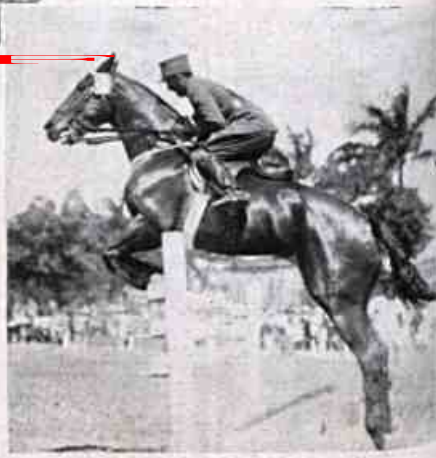
Hei de ir, como um poema vivo, todo emoção e todo suavidade...

Hei de envolver meus pulsos delicados com a cobrinha de prata que symboliza o teu amor... com um longo collar de perolas á guisa de pulseira; hei de envolver meu pescoço roliço num fio pequenino de perolas rosadas; hei de pôr no meu collo macio um fio tenue de prata com uma pequena cruz pendente, scintillando de brilhantes, como o raio de luz bemdito de um sorriso divino abençoando as santas lagrimas doloridas das minhas lindas perolas...

Hei de pôr sobre o doce poema de saudade do meu vestido novo, para quebrar de leve a melancolia que o envolve, o rythmo suave de uma rosa de seda e de veludo, cujas petalas rosadas, angustiosamente, voluptuosamente, se deixam tingir de purpura nos delicados bordos...

Hei de sonhar os lindos sonhos que povoam meu coração nas horas sublimes de extase! Hei de gozar as sensações mais doces quando a minha carne palpitar de leve sob a caricia colleante do tafetá heraldico côr de saudade e de melancolia...

Minha alma ha de cantar, no macio silencio do meu coração, as mais lindas e raras epopéas de amor, de um puro e infinito amor...

Meu pensamento irá, como um passaro invisivel, pressuroso, ao encontro da tua alma...

Nos circulos sportivos desta capital constituiu um acontecimento de grande interesse e attracção, a «Semana hippica» promovida pela Liga de Sports do Exercito, e com tanto brilho e exito levada a effeito na «pelouse» do Campo de São Christovam. Nesta pagina, além das varias autoridades, focalizamos diversas phases das provas finaes de domingo.

As provas sensacionaes da «Semana hippica» foram disputadas, tambem, por uma eximia amazona — a senhora Graziella Porchat, de São Paulo, que apparece nesta pagina em duas interessantes «poses», vendo-se tambem varios outros flagrantes da parada hippica de domingo ultimo, cujo successo foi realmente extraordinario.

Eu hei de ser feliz! Eu hei de ser feliz!...

Sentir-me-ei tão só, tão sósinha, que hei de sorrir lembrando a caricia divina dos teus olhos, a graça delicada do teu gesto, a melodia magica da tua voz sem rival!

Hão de me ver sorrir e sorrirão talvez... Chamar-me-ão de louca, romantica, e me agraciarão com a ironia fina dos olhares que zombam...

Mas eu nada verei... porque a minha alma, arrebatada pelo sonho, vive para o encanto triumphal do Amor e da Belleza!...

FILIGRANAS

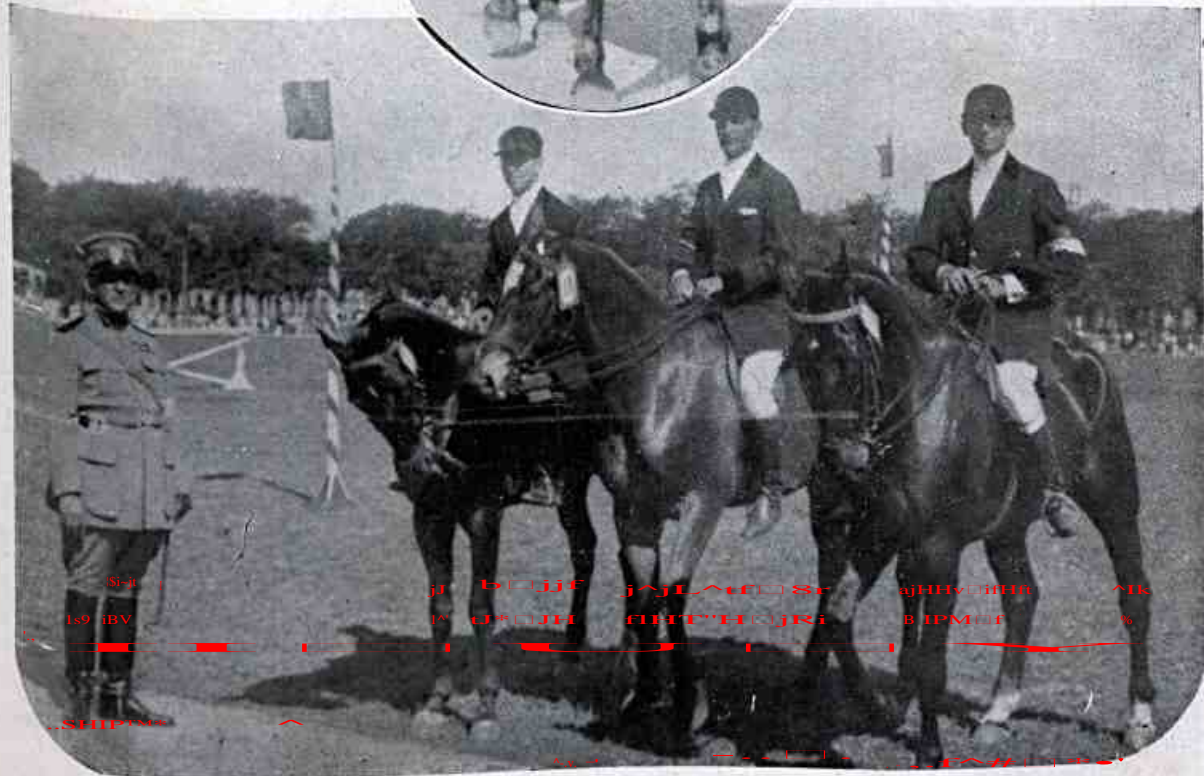
A velhice poderá entristecer-me, mas não assustar-me, pois estou convencido de que se deve envelhecer com dignidade. A velhice é um repouso e uma preparação. Repouso da obra que se consumou. Preparação para a morte inilludivel. Sigamos aquelle bom conselho dum pregador francez: "Accueillez la vieillesse comme un hôte attendu, á qui depuis longtemps on a préparée une place, comme une amie qui apporte de sa longue expérience á travérs la vie, non des rancunes et des dégouts, mais une foule de leçons douces et fortes qu'il fera un écouter....."

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

ACHO uma graça enorme a Melindrosa sempre que ella se amúa por qualquer cousa. E, por isso mesmo, para rir, intimamente, ao vêl-a zangada, é que, de vez em vez, provoco uma "scena". Ella — a pobrezinha — fica tiririca, quando não fica jururú. Seus olhinhos negros faiscam, fuzilam, dansam, inquietos, para acabarem cheios de lagrimas. Então, entro com o meu "jogo". Attraio-a para junto de mim, deito sua cabecinha tonta sobre o meu hombro e tudo acaba num beijo puxado, longo, demorado, ate em que ella diz que eu sou perito, a ponto de achar que eu daria um perfeito galã cinematographico.

HONTEM fui ao cinema com Melindre. E, emquanto marchavamos para o quarteirão Serrador, brigámos a valer.

Por que?

Unicamente porque Melindre, sem nada me dizer, mandou fazer um vestido em que a saia desce ao meio da perna!

E ella, que me appareceu tão alegre, a julgar que eu iria achar lindo — e era lindo mesmo — seu vestido novo, de crêpe grenard, ficou desapontada quando lhe disse, seccamente:

— Pareces uma garça vermelha!

— Não gostaste, Esaúsinho? Todo mundo achou que me ficava bem...

— Essa saia comprida...

— Mas, Esaú, tu não vivias a censurar-me por causa das minhas saias curtas?...

— Sim, a principio; depois, porém, habituei-me, e, hoje, já não sei comprehender Melindrosa sem saia acima do joelho. Cobrir, agora o que se poz á mostra durante tanto tempo, para que?

— Mas, meu filhinho, sê razoavel: é moda, e tua Melindre deve acompanhar o que a moda impõe.

— Qual moda! Qual nada! Assim como tu estás, já não és Melindre, perdeste muito do teu encanto de hontem ainda e meus olhos vão soffrer tanto!

— Esaúzinho, é por causa das pernas, que ficam cobertas?

— Isso e outras coisas...

— Eu darei geito; tu as verás, sempre que quizeres. E — vaes ver — ainda sentirás maior satisfação, por isso mesmo que ellas não estavam á mostra...

— Nada. Não me comprehendes. Hoje, para o homem, vocês mulheres podem trajar mesmo á moda turca, antiga, deixando só o nariz de fóra, que tudo isso nada adeanta. Ver a mulher en chemise ou não, já nos é indifferente...

«No Camarim» é o titulo deste quadro do pintor F. Acquarone, exposto este anno no Salão da Escola de Bellas Artes.

— E's muito gr[illegible]. Muito grosseiro e [illegible]to. Obrigada. Adeus. [illegible] feliz. Estimo que enc[illegible]tres uma mulher núa [illegible] velada capaz de int[illegible]sar-te ainda.

E Melindrosa, fazendo signal com a mão, [illegible]ria parar um om[illegible] que passava em [illegible]lada.

— Vem cá, que signi[illegible] isso?

— Não, Esaú, é [illegible] tu não me amas, porque se me tivesses qual[illegible] amor, não me farias soffrer assim!

— Melindrezinha, [illegible] querida, perdôa-me. Esaú é, realmente, [illegible] máu para ti, ás vezes. Máu e injusto, [illegible]. Não, não chores [illegible]. Olha: teu vestido é [illegible]do e tu estás linda, [illegible]rada, mas...

— Mas, o que, Esa[illegible]nho?

— Estava tão habi[illegible]do a ver-te sempre [illegible] teu saiote de dançar[illegible] que me deixava adivinhar tanta coisa... E sen[illegible] uma grande tristeza [illegible] ver-te tão differente, [illegible]. Já nem pareces a [illegible] Melindrosa de hontem, desenvolta, ligeira, [illegible]na, parecendo um [illegible] doidinha sem o ser...

— Na alma e no cora[illegible]ção, continuarei a ser sempre a tua Melindre, amor.

— Só na alma e no co[illegible]ração?

— E tambem nas per[illegible]nas, e tambem no ma[illegible]...

ESAÚ & JACOB

OLIVEIRA LIMA

O esquecimento — eis uma das melhores cousas que Deus poz no mundo. Sem elle, nós viveriamos, eternamente, chorando. Entretanto, Alexandre Herculano, para justificar a necessidade da insistencia da recordação de um soffrimento, dizia que — «a dôr é como a materia bruta; gasta-se com o uso».

Comtudo, como poderemos olvidar os nossos antepassados, os bons amigos, os vultos que ennobreceram a historia, a historia que, no pensar do citado escriptor portuguez, é a sciencia do futuro?

Manoel de Oliveira Lima está neste caso: ha de ser, eternamente, lembrado nos centros de cultura do mundo inteiro. Diplomata, literato, jornalista, historiador, polemista, professor, o illustre sociologo soube bem aproveitar o tempo, neste peregrinar que se chama existencia humana.

Longe da patria, que lhe foi ingrata, elle vivia constantemente a

A casa onde falleceu Manoel de Oliveira Lima, em Washington, e onde residia o grande brasileiro desde 1921.

O gabinete de trabalho do saudoso escriptor.

seu lado, escrevendo a sua historia, criticando, como publicista independente, os seus acontecimentos, os seus homens, orientando-a para o firme caminho da justiça.

Muito moço, ainda, o seu nome como escriptor já tinha transposto as fronteiras da patria, sendo mais tarde ouvido e lido, como pensador erudito, em conferencias e livros, em Portugal, Inglaterra, Allemanha, Belgica, Austria-Hungria, França, Japão, Republica Argentina, Estados Unidos, etc. A Universidade Catholica da capital deste ultimo paiz, onde exercia, ultimamente, a cathedra de Direito Internacional, doára uma bibliotheca de cerca de 50 mil volumes, para cuja conservação o marechal Pires Ferreira, em meados deste anno, apresentou, no Senado, um projecto, que, por ora, não teve solução.

Tombou em pleno viço de seu robusto talento, deixando-nos um exemplo raro de altivez, em suas convicções.

O dr. Oliveira Lima, o nosso sabio patricio, nasceu em Recife, a 25 de dezembro de 1867, e falleceu em Washington a 24 de março de 1928, tendo, sempre, a seu lado sua virtuosa e incomparavel esposa, a senhora d. Flóra de Oliveira Lima, pertencente á familia dos Luiz Cavalcanti, da mais antiga e respeitada nobreza pernambucana.

De paes portuguezes, o nosso grande internacionalista fez os seus estudos em Portugal, no antigo Curso Superior de Letras, onde teve como guias as mais reputadas capacidades lusitanas.

Devido á gentileza de um nosso leitor, reproduzimos as photographias desta pagina, que lhe foram remettidas, da capital norte-americana, por d. Flóra, o anjo tutelar do querido morto.

Leito em que expirou Manoel de Oliveira Lima, a 24 de março de 1929.

PENSÃO FAMILIAR

De
FANFRELUCHE

Personagens: Dona HERMINIA E VENANCIO

DONA HERMINIA (*entrando, um pouco suffocada, no quarto de Venancio, seu pensionista*). — Fil-o esperar muito, senhor Venancio? Carmelina disse-me que o senhor desejava fallar-me... Mas como eu tinha que preparar a comida, o senhor me desculpará a demora... fazer o picadinho, descascar as batatas, lavar o arroz, catar o feijão... E ainda tinha Rita ajudando-me... Sinão... O senhor me desculpará, não é assim?...

Venancio. — Sim, dona Herminia, sim... já sei que a senhora teve que descascar o picadinho, fazer as batatas, catar o arroz e lavar o feijão... Já sei de tudo isso... Mas o caso é que a chamei ás seis horas e já são oito...

Dona Herminia. — Duas horas se passam sem a gente sentir...

Venancio. — Conforme... Diga isso áquelle que desperta ás cinco da manhã, com dôr de dente, e tem que esperar que as pharmacias se abram.

Dona Herminia. — Quá! quá! quá!... O senhor sempre engraçado!...

Venancio. — Muito!... E sobretudo em dias como o de hoje os chistes me brotam como chispas...

Dona Herminia. — Quá! quá! quá! O senhor me faz recordar o meu finado Baptista... Era homem capaz de fazer rir a uma pedra... Uma vez...

Venancio (*interrompendo-a*). — Sim, dona Herminia; conheço a historia... Mas eu não a chamei para recordarmos o respeitabilissimo e saudoso senhor Baptista, que descanse em paz, mas para outra cousa que me attinge mais directamente... A senhora está vendo estas gavetas?...

Dona Herminia. — Estão um pouco desarrumadas. Mas eu as arrumarei em cinco minutos... O senhor tinha perdido alguma cousa e quiz procural-a, não é verdade?... Quá! quá! quá!... Os homens, os homens!

Venancio (*arremedando-a*). — Quá! quá! quá!... As mulheres, as mulheres! digo eu... (*Indignado.*) Mas é que eu encontrei estas gavetas assim, ao voltar do escriptorio, dona Herminia!

Dona Herminia. — Não é possivel, senhor Venancio!... Si aqui não entrou ninguem desde que o senhor sahiu!...

Venancio. — Então devem ter sido as almas do outro mundo!... Mas eu deixei tudo em ordem e olhe como está isto... Não é para a gente perder a calma?...

Dona Herminia. — Acalme-se, senhor Venancio... Agora me lembro de que *Mustapha* entrou pela janella.

Venancio. — Mas um gato será capaz de abrir as gavetas de uma commoda?

Dona Herminia. — Ora si será... E' porque o senhor não sabe o que são esses animaezinhos... Já tivemos um, o *Memphis*, que puxava até os ferrolhos, dava volta ás chaves e abria e fechava as portas como uma pessoa.

Venancio. — Pois é estranho que, tendo um *phenomeno* assim em casa, se dedicasse a senhora á vida de dona de pensão... Porque, exhibindo-o em um circo, ganharia um dinheirão... Emfim, mudemos de assumpto, e voltemos ao que nos interessa — a mim sobretudo... Eu lamento muitissimo ter que lhe dizer, mas isto não póde continuar assim...

Dona Herminia. — Isto?... A commoda?...

Venancio. — Minha situação aqui...

Dona Herminia. — Como?

Venancio. — Está tudo tão claro, minha senhora! Eu vim para esta casa depois de ter lido o annuncio do *Jornal do Brasil*: "Aluga-se, a cavalheiro de tratamento, optimo quarto, em casa de familia distincta, tranquilla...", etc. Rio-me agora da tranquillidade e da ordem que reinam aqui!

Dona Herminia. — Mas, em que podemos incommodal-o, senhor Venancio?

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno ...... 48$000
Semestre ... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil 1$000.

—

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
82, Rua Republica do Perú, 82
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: C. 0377 Administração: C. 4156
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

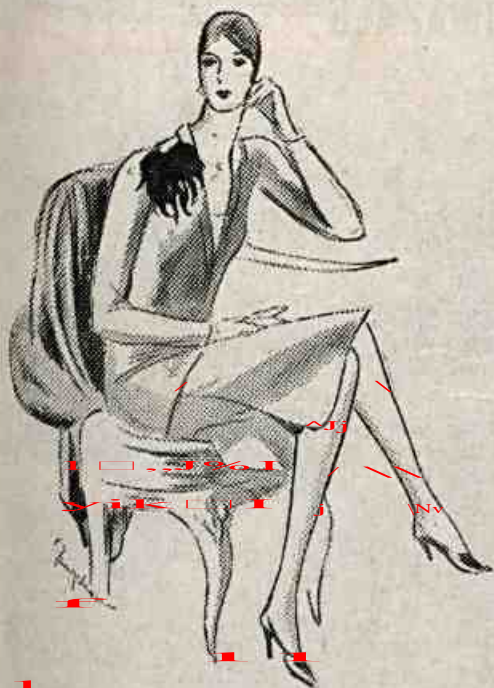
"INSTITUTO FREUDER"

"CESSATYL" CESSA QUALQUER DOR

"SYNOROL" A MELHOR PASTA PARA OS DENTES

"CAUCEON" FACILITA A DENTIÇÃO E FORTIFICA OS DENTES

"DIGESTIVO FYER" O MELHOR REMEDIO PARA O ESTOMAGO

Grupo tirado no jardim do predio proprio do «Instituto Freuder», á rua Cirne Maia, [illegible], nesta cidade, vendo-se no centro o Sr. Manoel Santos, director da secção de propaganda, com as suas dedicadas auxiliares, e nas extremidades os socios e gerente deste importante estabelecimento industrial e scientifico.

PENSÃO FAMILIAR

(CONCUSÃO)

Venancio. — Em mil coisas, minha senhora!... Desde o primeiro dia, tive que supportar as *travessuras* de Armandinho...

Dona Herminia. — Filho de minha alma!... Elle é tão caladinho!... Nem se lhe ouve a voz!...

Venancio. — Pois eu preferia ouvil-a... Estou aqui ha tres mezes e já tive que comprar doze navalhas!

Dona Herminia. — Mas porventura elle faz a barba?... Para que elle quer navalha?... Uma criança de dez annos!...

Venancio. — Leva-as para fazer ponta de lapis, para cortar pedacinhos de madeira e papelão, para abrir latas... E quando eu vou utilizar-me das minhas navalhas, ellas estão transformadas em serrote!...

Dona Herminia. — Mas o senhor deve desculpal-o... Trata-se de um menino, que não sabe o que faz...

Venancio — Muito bem... Passemos aos que *sabem o que fazem*... A senhora está vendo este frasco de loção? Comprei-o segunda-feira, e hoje é quarta... e quasi não ha mais loção!...

Dona Herminia. — Com certeza se evaporou.

Venancio. — Outro phenomeno como o de *Mustaphá*...

Dona Herminia. — Agora me lembro de que Lucy lavou hontem a cabeça... e, como tem confiança no senhor, a pobrezinha se utilizou de sua loção, que deve ter gasto muito pouco... Uma gotta...

Venancio. — Com certeza a mão a trahiu... e, em vez de uma gotta, se foi todo o frasco!... Mas, outra cousa: a senhora sabe aonde foi parar minha gravata azul?...

Dona Herminia. — A gravata azul?!...

Venancio. — Sim, senhora: a de pintinhas verdes e brancas... Porque hontem vi Rita com uma que era exactamente igual á minha.

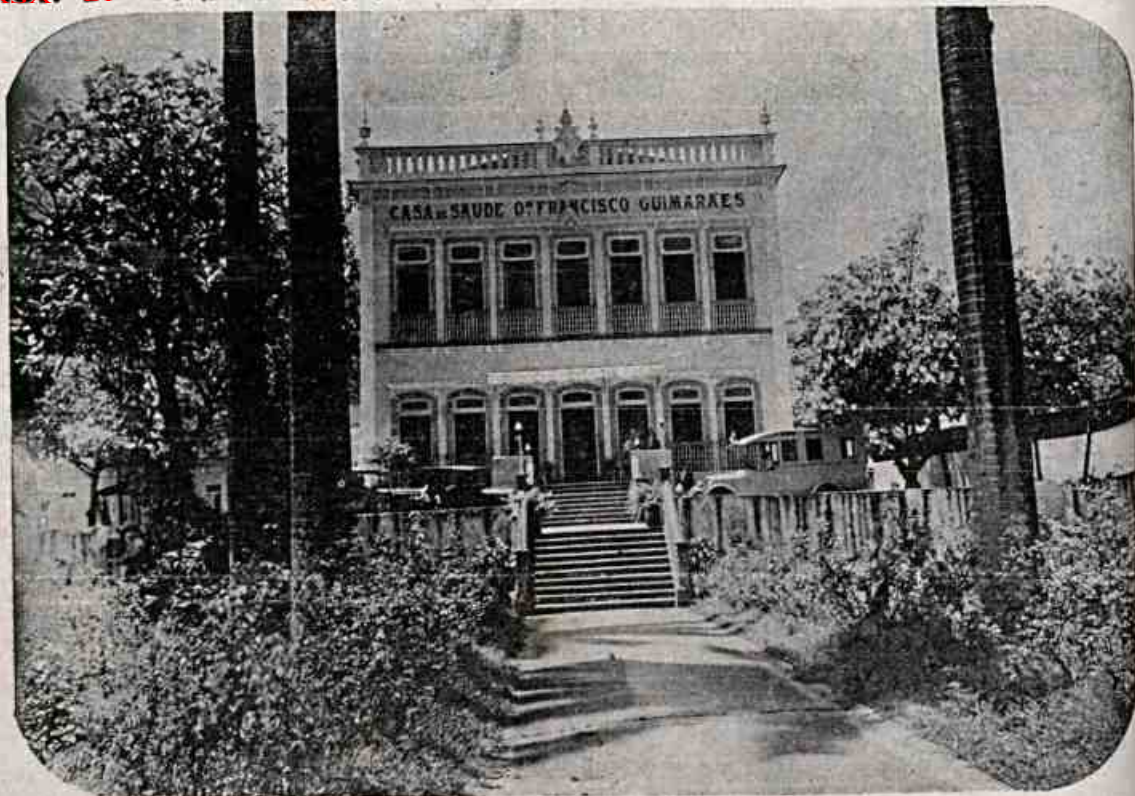
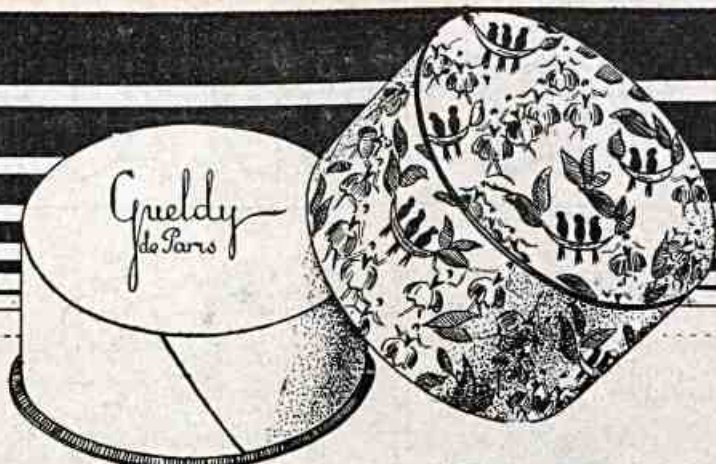
Dona Herminia. — Ah!... já me lembro... Rita retirou-a da lata de lixo...

Venancio (*suffocado*). — E como havia ido parar ali?... Uma gravata de trinta mil réis!...

Dona Herminia. — Com certeza foi o senhor mesmo quem a poz fóra, porque já não a queria, ou porque não servia mais... Ha pessoas de tão fraca memoria, que fazem as coisas e depois não se lembram de que fizeram... e os outros que levem a culpa!...

Venancio. — Bem, minha senhora, bem... Mas eu não estou disposto a residir mais em uma casa onde ha gatos que abrem e fecham as gavetas dos moveis, frascos de loção que se evaporam em dois dias e gravatas que vão parar sozinhas na lata do lixo... Por isso, lhe communico que amanhã mesmo me darei...

Dona Herminia. — Mas, senhor Venancio, isso não é correcto... O senhor se porta muito mal comnosco... O senhor sempre foi tratado, aqui como da familia, senhor Venancio...

Venancio. — Por isso mesmo é que estou resolvido a mudar-me, dona Herminia... Prefiro uma casa onde me tratem como inimigo...

Mulheres Bellas

somente usam o *finissimo Pó de arroz* BAL DES FLEURS
ultima creação do perfumista Gueldy de Paris

Caixa Rs. 7$000 a venda nas Perfumarias:

Cirio, Bazin, A Capital, Carneiro, Lopes, Mascotte, Avenida, Ramos Sobrinho, Garrafa grande, Hortense e todas no genero

Representantes S.A.B. Industrial e Commercial Quitanda 66 - Sobrado

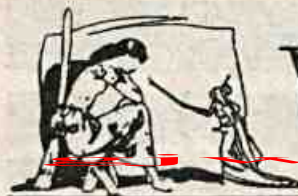
---

A Salvação das Senhoras está no Elixir das Damas.

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ, PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS. COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBERATO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS 8. RIO DE JANEIRO.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

VARINHA DE CONDÃO

VARIAÇÕES — E' muito commum ouvir um homem dizer que as mulheres, acompanhando a

(Fig. 1)

moda, escravizando-se á moda, não têm senso commum. Obedecem, commentam, a regras geraes e adoptam feitios e côres que não lhes vão bem. E terminam affirmando que a moda é um absurdo que só persiste porque as mulheres são mais absurdas ainda.

Nessa má vontade, é facil descobrir-se muitas vezes o apuro do chefe de familia, mal de finanças, que assim procura convencer sua esposa a gastar menos. Eu, até hoje, nunca pude comprehender por que motivo os homens têm um orgulho tão desarrazoado

(Fig. 2)

em questões de dinheiro. Quasi todos consideram uma vergonha confessarem á mulher — esposa, noiva ou amante — esta coisa tão singela e natural: estou sem recursos, agora, não posso. Preferem gabar o merito inverosimil de um vestido velho, preferem prégar as vantagens da economia, darem-se ares de usurarios, parecerem indifferentes ou bisonhos, recusando um passeio, do que confessarem, entre dois beijos carinhosos: tens razão, queridinha, mas perdôa-me, estou sem dinheiro. A esta

(Fig. 3)

sa suprema e indiscutivel, confessada sem atritos, nem discussões, seguida da promessa de que dará tudo assim que fôr possivel, só não se rende a mulher "verdadeiramente" leviana, interesseira, Porém, em geral, elles discutem, teimam, amol- nam a creatura para bar confessando, n explosão, entre recrimi- nações e lagrimas,

lo por onde deviam ter principiado.

A's vezes, entretanto, os homens são sinceros,

(Fig. 4)

culpando a moda dos absurdos ambulantes que lhes succede encontrar pelas ruas. Mulheres gordas mettidas em vestidos de babados, mocinhas magras engonçadas em bainhas justas como sudarios de esqueletos. Porém, assim fazendo, agem co-

(Fig. 5)

mo os que culpam a religião dos desmandos de alguns padres, ou o regimen vigente do cynismo de alguns politicos.

A moda não tem culpa do máu gosto de muitas mulheres. O thema é um só. Porém sobre elle as variações são multiplas.

Agora, por exemplo, a moda impõe os franzidos, os laçarotes, as bluzas que tenham gravatas e jabots.

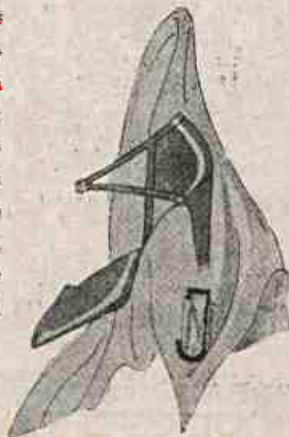
Essa é a linha, mas as accommodações existem. E' claro que as duas graciosas bluzas cujo modelo damos nas figuras 1 e 2, principalmente a segunda, não assentam sinão em mulheres altas, ou pelo menos esbeltas. Porém, já os feitios dos corpos dos vestidos da figura 3, reproduzindo o thema da moda, porém com maior discreção, isto é, pequeno laço do lado, num dos modelos, leve franzido e recortes formando pala no outro, vestirão melhor as mulheres cheias. A

(Fig. 6)

questão é estudar seu proprio typo, reconhecel-o sem pretenções e escolher bem os feitios que lhe convêm.

ACCESSORIOS MODERNOS — A moda das joias está esquecendo as perolas, para dar o primeiro plano aos diamantes e suas imitações. As joias de fantasia são de crystal talhado, muitas vezes entremeadas de strass e gos (figs. 4 e 5). aos diamantes e suas imi-

Para a tarde, o ultimo modelo de bolsa é o de antilope negro, sem nenhuma alsa, armado num fecho de marfim e cerrado com duas presilhas de marcassite (fig. 6).

O feitio mais recente de sapatos para a noite é das sandalias muito recortadas e fechadas perto do tornozello por duas correias cruzadas dentro de uma pequena fivella de "strass", que substitue as barretes de pedras

(Fig. 7)

grandes, da ultima estação. Junto do sapato, na figura 7, vê-se um grande lenço de mousseline ou voile de seda, de tom claro, simplesmente ornado por um monogramma finamente bordado á mão. (fig. 8).

Para os vestidos de sport e de sahidas matu-

(Fig. 8)

tinas, estão em moda cintos largos de couro ou tecido grosso, terminados por fivellas de madeira.

As joias verdadeiras apresentam combinações inesperadas de pedras de feitios e côres differentes; os mais recentes ostentam diamantes talhados rectangularmente, esmeraldas e e rubis não talhados (figs. 4 e 5).

CARTAS ENTREGUES — Ha muitos casos da etiqueta da bôa educação em que somente a delicadeza individual pode aconselhar a resolução que se deve tomar, pois, taes as circumstancias, tal a solução do incidente.

Noutros casos, porém,

a conducta é perfeitamente guiada pelas regras estabelecidas. Assim, no que diz respeito ás cartas entregues: Excepto no caso de carta de apresentação, a menos permissão explicita dada pelo dono da missiva, quem recebe um enveloppe para o pôr no correio deve sempre fechal-o á vista da pessoa que o remette. E' indelicado lacral-o quem escreveu a carta, pois é mostrar desconfiança em relação ao portador; e é indiscreto não o fechar esta na vista do outro, afim de corresponder á confiança manifestada.

C I N D E R E L L A

Quando o Amor Morre...

De PEPÉ

"Meu caro: — São horas mortas da noite. Paira em tudo uma poesia que enleva a nossa alma. Não se ouve o menor rumor: só a natureza falla, mudamente... Do céo, muito limpido, vem uma claridade mansa, que envade a terra. Sinto, ao contemplar tão extasiante magia, a visão da outra vida... A morte deve ser assim, como a natureza espiritualizada...

Mas, certamente, ao teres conhecimento de que te escrevo a estas horas caladas, em teu olhar brilhará um lampejo de admiração. Sim, ser-te-á motivo de espanto, porque não pódes comprehender. Dormes, naturalmente, sob a calma dos bons e dos justos... emquanto eu, cuja bondade vae ao limite de te não odiar e perdoar-te, não consigo conciliar o somno! Uma ansia, uma agonia atroz, não me permittem dormir. Pensava em ti, cheia de uma immensa magoa. Levantei-me, abri a janella do meu quarto. A poesia divinal do ceo inundou-me toda, attrahindo-me... Senti toda a pureza de minh'alma nesta natureza que contemplo. Depois, sentando-me á mesa de trabalho, o meu pensamento volveu á terra novamente, a ti...

Lembras-te deste mez? O mez em que te conheci. Lembras-te? Como eras differente! Déste-me, com as tuas palavras e acções, a delicia de viver. Jámais pensei que a vida fosse tão bella! Viviamos entregues a um delirio de felicidade. Dei-me toda, toda a ti... E dizias-me ser inteiramente meu para sempre! E, assim, desfructavamos o nosso amor, amor que me tirára a personalidade, porque eu não existia senão em ti... Apesar da elevação deste sentimento, nós o occultavamos porque a lei dos homens não o havia reconhecido ainda, nem o podia, pois eras casado, embora almas e genios, teu e de tua esposa não se unissem... Hoje, entretanto, podias apresentar-te ao mundo, podiamos mostrar aos homens o nosso amor. E's livre. Mas, logo que obtiveste a tua liberdade, mudaste para mim. Em vão me repetes, procuras me convencer que me illudo. Não! Não me illudo! Quem ama penetra no intimo da pessoa amada. Depois, ainda que me queiras demonstrar o contrario, falta aos teus carinhos, aos teus beijos, o calor e a vida da espontaneidade. Só eu posso aquilatar a tua transformação. E's bom? E's máo? Não sei. Não sei si te deva achar generoso com o sacrificio que fazes para me não desilludir, ou si és digno de repulsa por me quereres enganar...

Tomemos, pois esta resolução: usa, usa de franqueza, dizendo-me tu mesmo toda a verdade que me dilacera a alma... e não nos vejamos mais... Não podes ter idéa dos transes dolorosos por que a minh'alma passa... A's vezes, debato-me no inferno da duvida; outras vezes deliro ante a bruteza da realidade... Sei que o coração tem caprichos, não és propriamente culpado... Pensaste que podias ser fiel a tua promessa de me amares sempre. Naturalmente, amas a outrem. Isto é o certo. Não nos vejamos mais, repito, embora tenha eu que lutar em cruciante agonia por muito tempo... Depois, o meu amor morrerá... Morrerá, sim. Rir-me-ei, então, destas palavras que te mando agora e me arrependerei de ter sido tão fraca... Acharei que devia ter-te retribuido com indifferentismo, esquecida de que o amor nada disso nos permitte, de que o coração falla com mais eloquencia e força que a razão... E queres disto uma prova? — Padeço, agora que o teu amor morre uma immensa dor, uma dor que não tem limite, porque a sinto por mim e porque soffro pela dor que irás passar... Tenho uma tristeza infinda, uma immensa pena de ti, porque, mais tarde... Sim, padecerás. E' uma lei que rege os homens: hoje fazes soffrer, mas amanhã... E eu talvez seja feliz... Adeus! Guarda esta carta, e que ella te seja um lenitivo quando sentires as agruras de vêr, em um ente amado, o amor morrer... — M."

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Queres ter pelle bonita,
Alvinitente e catita?
Foge aos rigores do sól!
A não ser mulher querida
Que andes sempre prevenida
Com o sabonete EUCALOL.

Lyndoia Caldeira
(sem endereço)

Mães!

Para proteger os vossos bebés contra molestias contagiosas

Quasi todas as doenças, como a brotoeja, a variola, o sarampo, a diphteria, a coqueluche, a escarlatina, e outras molestias contagiosas são males que têm origem nas infecções resultantes da falta de cuidados sanitarios. Uma das melhores medidas preventivas é a de se usar o "Lysol" na limpeza geral. Em se lavando os assoalhos, as paredes e os moveis com uma solução de 2% de "Lysol" (ou uma colhér por litro d'agua) reduz-se ao minimo o perigo de contagio. Use-se-o tambem nas latrinas, ralos, quartos de enfermos, etc.

O "Lysol" tambem é muito bom para a desinfecção das mãos varias vezes ao dia, diluido de accordo com as direcções do rótulo. Lysol é empregado pela Saúde Publica, Hospitaes, Santa Casa, etc.

Lysol se vende nas Drogarias e Pharmacias em vidros de tres tamanhos.

PRESENTE

ideal para homens

NÃO ha homem que deixe de agradecer com sinceridade o presente de um Jogo de mesa Parker Duofold. Á sua vista e ao seu alcance acha-se a Caneta "Parker Duofold," que escreve sem pressão e suavemente.

Os pensamentos vôam, mas com a Caneta Duofold, de peso atomico e inquebravel corpo de "Permanite," é possivel registral-os, sem se cançar o cérebro e a mão.

Bases artisticas que se casam com as variegadas côres das canetas.

Só é legitima a Caneta que tem no corpo a inscripção

"Geo. S. Parker Duofold"

Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho
R. Buenos Aires, 208, loja — Rio de Janeiro

Parker Duofold

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

O GRANDE HOTEL DO BOULEVARD

Da Ufa

Cinema RIALTO — Os filmes europeus, os que se podem considerar como taes, porque são uma obra de arte que reflecte o momento europeu, teem de, pela força inevitavel dos elementos moraes e artisticos que os compõem, um trabalho completamente differente, na sua objectividade e no seu ambiente, dos filmes norte-americanos. A relatividade com que devem ser observados por nós é clara. Isto não diz respeito ao lado propriamente technico, que com esse deve ser sempre egual, quando superior, seja qual fôr o studio em que se prepare a pellicula. O filme da Ufa que motiva esta nóta é uma pellicula visceralmente européa. O enredo, o ambiente, os caracteres são profundamente europeus. A direcção foi um pouco para fóra dos limites da logica. Mas mere... perdão pela necessidade de carregar o traço p... definir o alcance moral e artistico da obra ... arte. Na interpretação, Made Christians, muit... bem.

Cotação — BOM.

O ULTIMO RECURSO

Da First

Cinema ODEON — Aqui não ha futilida... não ha trucs, não ha phantasias. Ha vida... muito natural que este film da First não agr... ás melindrosas, nem almofadinhas. Mas agrad... muito aos que veem no cinema mais do que ... pretexto de libertinagem, mas uma verdad... arte, quando por arte se entende, como é just... um reflexo da vida humana. O film tem um... situações, mormente nas ultimas partes bast... dramaticas, mas sem passarem as métas do que ... real e logico. Como argumento, vale pela ... ção. Como obra cinematographica impõe-se pel... sequencia, pela naturalidade da sua encad... e pelo valor da technica, que não é muito ... gente. Os interpretes, que não são nomes ...

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: Hors Concours. A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — FERREIRA SOUTO & C.
Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial Nº. 16, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violeta, raio solar, raio azul para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellesamento das sobrancelhas.

. . .

Becco Manoel de Carvalho nº 16-1º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

A SCIENCIA ENALTECE AS QUALIDADES DA "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

ASTRÉA é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.377 — S. Paulo

peionalmente consagrados, representam comtudo trabalhos de grande relevo, senhores da situação e transmittindo emoção ao publico.

Cotação — BOM.

O HOTEL DA FUSARCA

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Como o titulo indi cava, estavamos em frente d'um filme alegre. N'essa disposição alli entramos. Infelizmente, pelo Capitolio havia *alegria* de mais. Uns *pequenos*, que se diziam estudantes cariocas, deram-se ao desfructe pateta de fazer *graça* (e que graça!) interrompendo o filme. Isto prova apenas que o Rio é uma cidade despoliciada. O filme tem scenas dialogadas demasiado extensas, em que o espirito não é muito fertil. Mas muito menos espirito que o filme tiveram esses pseudos-estudantes, que entenderam perturbar uma exhibição, attentando abusivamente contra o direito de quantos, pagando, desejam vêr e apreciar o filme, segundo o seu criterio. A pellicula da Paramount é um espectaculo interessantissimo, exceptuando os dialogos a que acima nos referimos. A sua technica é digna de todos os elogios e marca uma grande victoria para a famosa marca.

Cotação — BOM.

DELICTOS DO AMOR

DA FIRST

Cinema CAPITOLIO — Estamos em presença d'um filme silencioso, a que se ligou musica synchronisada. Isto de filme com vitaphone e legenda em portuguez, é uma historia. E' verdade que n'este filme ha um côro de tres minutos, mas isso não justifica a designação de filme falado. Como filme silencioso o consideramos. O argumento é delicado e romantico. Logico?... Não ha logica em amor. O mais valioso da pellicula da First, que a Paramount distribue, está na realização e na interpretação. E' um filme que traduz um aspecto da sociedade que se diverte. Ha um ou outro episodio espirituoso, mas impõe-se tudo mais a interpretação de Corine Griffith que emprestou á sua figura toda a sua sensibilidade. E' uma interpretação de valor. Vem depois Edmund Love. Este artista é sempre muito vulgar nas suas interpretações. A esposa do senhor Adolpho Menjou não consegue sahir d'uma grande banalidade. O filme, considerado no seu conjuncto é agradavel.

Cotação — BOM.

OVAL

MASSO

A Aguia

FOI ha muitos annos. Os viajantes que haviamos chegado pelo ultimo trem, e, após um somno incommodo na hospedaria com honras de hotel, tomámos café na sórdida sala de jantar, fomos surprehendidos pelos rumores de uma algazarra da rua.

Hospedeiro, criados e hospedes nos precipitamos para as portas. Muita gente corria pela rua em direcção á praça principal. Grandes e pequenos, de todas as classes, passavam apressados, com o semblante cheio de ansiedade.

— Um attentado? Um incendio? A morte subita do intendente ou do chefe politico?

Nada disso. Não tardou em que nos fosse revelada a causa daquelle ajuntamento tormentoso: era que em um braço da cruz de ferro da egreja, havia pousado um passaro desconhecido.

Um passaro! Seria o fabuloso roc visto por Simbad, o marinheiro? Um albatroz? Um condor? Uma aguia? Corremos a ver o estranho passaro. Ali estava, no alto da torre, fleugmatico, como dissecado, á maneira dessas aves de museu que pousaram em seu ramo para sempre. Talvez olhasse aquella gente e escutasse o clamor daquellas vozes de baixo; mas sua immobilidade accusava uma soberba indifferença.

Devia ser uma aguia ainda nova, a menos que não fosse um pequeno abutre. Fatigado de um longo vôo se detivera ali, para descansar, e continuaria sua viagem para a costa longinqua ou para algum cume ainda mais remoto.

Iamos regressar á sala de jantar, sem comprehender aquella algazarra popular deante de um pobre bicho alado, quando ouvimos gritos que se faziam tumultuosos. Eram protestos, ameaças, explosões de raiva...

— Pobres pombas!... Ai de nossos gallinheiros!... Maldito passaro!... Isso não annuncia nada bom!... C' preciso descel-o dali, seja como fôr!

— Mas, senhores... — atrevemo-nos a objectar a alguns dos exaltados. — Essa ave continuará seu caminho dentro em breve.

Ninguém escutava razões. Não tardou em apparecerem fuzis. Soaram os disparos, m tiroteio cerrado.

De repente, a ave agitou as azas. Pareceu que ia levantar o vôo. Vacillou, e baqueou, dando voltas, até cahir nas pedras do adro.

Cem garras o esperavam. Houve um remoinho, vozes, blasphemias... Viu-se uma nuvem de pennas e meia duzia de mãos crispadas içavam no alto os restos sanguinolentos da ave estranha.

Tratava-se de um condor, de uma aguia, de um abutre? Não nos foi possivel sabel-o. Aquella gente dispersou, satisfeita, e ficou a praça vazia.

Passaram-se os annos. Perguntando, ao voltar áquella aldeia, si havia chegado outro passaro, como aquelle, todos me responderam que não. Aquella scena era unica na historia local. O céo diaphano ou sombrio que se arqueava sobre aquella terra não viu depois a silhueta negra de outras fatidicas azas, nem os braços da cruz sustentaram outra apparição sinistra.

Mas, por que o povo havia tomado tão a peito uma cousa tão simples? Os factos têm alguma explicação e aquelle devia tel-a.

UM CONTO DE

J. Garcia Diego

Tinha-a. O povo da localidade se jactava de ser uma colmeia, ou melhor, um formigueiro. Alli, todos deviam ser eguaes e não deviam ser rebaixados.

Os vizinhos praticavam o direito de derribar o tyranno, isto é, o homem superior. Si, por acaso, um elemento da nova geração tinha tendencias de elevar-se acima dos outros, era considerado réo de pedanteria e executado a bala. A'quelles que viviam de uma sciencia utilitaria era concedido que medrassem com ella, mas não que a fizessem resplandecer. Tolerava-se uma certa superioridade mental, com a condição de que [illegible] se debatesse com a fome, e vice-versa: uma certa riqueza pecuniaria, com a condição dos mais baixos quilates cerebraes. Ser mais que outros no conceito critico de alguém, era um risco de que era preciso fugir. Vigiavam-se os movimentos suspeitos de predominio. Fazia-se uma zelosa inquisição de valores e formas. O estudo, o prestigio, o amor, a virtude, a felicidade, [illegible] para que nada desentoasse. Vivia-se num mundo de receio e de inveja. Paraiso inferior.

Muitos eram obrigados a emigrar, porque não nasciam para aquelle meio. Si um de fóra procurasse aquelle pequeno mundo para se tornar maior do que os que alli viviam, tinha que fugir. Si um caracter bem dotado para a luta pretendesse quebrar a sombria cadeia de hostilidade ambiente... esse cahiria como a aguia da torre.

E haviam emigrado, e haviam cahido não poucos sob os tiros da colera indeclinavel do povoado, que não queria aguias nas alturas. A intriga, a calumnia, a negação, o vacuo, todas as difficuldades, como outras tantas balas disparadas da sombra ou do tumulto anonymo, obrigavam as aguias a continuar o vôo, ou as abatiam do cume para fazer dispersar as plumagens de sua ruina sobre as cabeças e os punhos crispados da multidão.

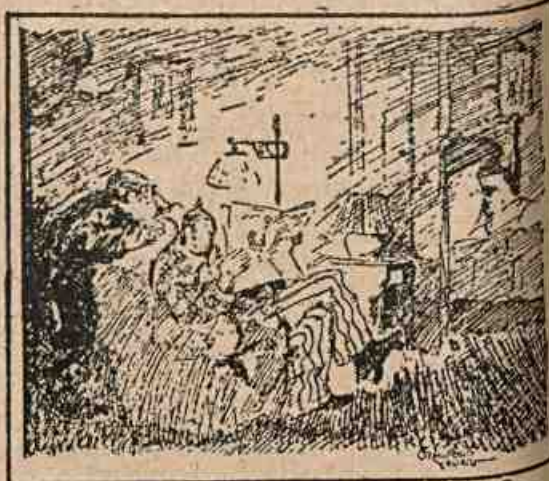
O povoado não teve mais ou não mais esperava ter aguias. Depois, os olhares torvos de alguns se dirigiam, ás vezes, para a cruz da torre.

A cruz estendia seus braços rigidos para o ar, por onde cruzava, de tarde em tarde, o bando de gaivotas ou de patos.

As aguias, quando os ventos serranos impelliam suas azas, levando-as para a região das planicies, ou quando as crystas de outras montanhas as convidavam a fundar seus ninhos e renovar seus hymeneus, ao divisar de longe o povoado hostil, se afastavam, como que obedecendo a uma força invisivel, e passavam longe, muito longe, com as pupillas fixas em frente, para não olhar o sórdido recanto onde os homens matam a quem lhes faz o bem de levar a seu pantano a poesia das cordilheiras.

E decorreram muitos annos mais. E no povoado por onde não passam as aguias tambem não florescem as rosas do [illegible] amor. Em seu horizonte não se perfilam as miragens que procuram a nuvem e o sol. O odio e a inveja dominam como reis absolutos. Só existem, alli, passaros que não vôam, porque têm as azas cortadas. Até a cruz da torre, ferida por um raio, tem os braços mutilados. Para que concertal-os, si nada tem a sustentar e a abençoar, porque não ha aguias em cima nem corações em baixo?...

ESPIRITO ALHEIO

— Eis o que desejaria ter o publico nos trens do suburbio, pelos trezentos ou quinhentos réis que paga pelas passagens...

— Ainda não me vou deitar, querida. Estou len... uma sensacional novella de ladrões.

A mãe (*ao senhor que foi empurrado á agua por seu filhinho*) — Quer ter a bondade de dar-me seu cartão, cavalheiro? Temos o costume de collecionar todas as recordações das travessuras de nosso filho.

— Para mim, o velho Jorge anda cortejando alguma pequena. Olha elle envernizando de novo sua perna de p...

O guarda. — Como! Não têm, porventura, a chave da porta?

Um dos jovens tresnoitados. — Não... E não temos outro remedio sinão esperar a avozinha, porque não sabemos a que cabaret foi.

— Meu amor é tão grande, que não tenho palav... para exprimil-o!

— Meu primeiro noivo era mudo; de sorte que enten... a linguagem por signaes.

O ALMIRANTE

COMO havia muito tempo não visitava o seu amigo Bodigon, o pintor de marinhas, Antonio foi ao atelier daquelle, e com a alegria de vêl-o puxou tão violentamente o cordão da campainha, que a metade lhe ficou na mão. Respondendo a tão energica chamada, ouviram-se passos, e a porta se abriu. Mas Antonio retrocedeu estupefacto ao ver que quem acabava de abrir a porta e estava deante delle era nada mais nada menos que um almirante em uniforme de grande gala.

Suppoz que se enganára de appartamento .

— Perdão, senhor almirante! — balbuciou Antonio. — Sem duvida me equivoquei. Eu procurava meu velho amigo Bodigon...

— Não se equivocou, não, senhor — respondeu o almirante, afastando-se para dar passagem a Antonio.

Depois o almirante deu mostras de grande inquietude.

— Não é por offender-lhe — disse — mas parece que o senhor não limpou bem os pés na entrada.

Era verdade, e embora surprehendido pela observação, Antonio voltou á escada, afim de reparar aquelle esquecimento.

Feito isto, entrou.

— Seu amigo sahiu — disse o almirante. — mas voltará dentro de pouco tempo, porque combinou commigo para fazer-me um retrato. Até me confiou a chave para o caso de se atrazar...

Antonio contemplou o retrato do almirante e exalçou a obra de seu amigo.

— E' um artista! — exclamou o marinheiro. — Mas, por Deus, o senhor está de pé! Sente-se.

E offereceu-lhe uma cadeira.

Depois, respondendo a uma fineza de Antonio, disse:

— Não, não se preoccupe o senhor, si eu não me sento. Eu descanso em pé porque passo o dia sentado...

De repente, o almirante se precipitou para o chapéo que Antonio conservava na mão.

— Cubra-se! — disse-lhe, le-

vando a amabilidade ao ponto de o pôr elle mesmo na cabeça do visitante. — Não faltava mais nada! Um resfriado se apanha quando menos se espera, e depois são as consequencias lamentaveis!

O almirante se fazia cada vez mais familiar, mais intimo.

— Não vá o senhor pensar que sou muito liberal, mas não teria um pouco de fumo?

Antonio offereceu-lhe um soberbo charuto puro.

— Isto é muito! — exclamou o marinheiro. — Fumal-o-ei após o jantar.

Respondendo a uma pergunta de Antonio, disse:

— Não. Nunca enjôei. Apenas

O Almirante (conclusão)

uma vez senti algo, quando embarcado em uma lancha do lago do parque. Mas isso não foi nada de particular.

Um momento depois, disse Antonio:

— Meu amigo está demorando muito, e eu não posso esperar mais. Voltarei outro dia.

— Eu tambem vou partir, porque está na hora de jogar uma partidinha... Mas, espere-me um momento. Volto immediatamente. E como o senhor me offereceu este charuto — ajuntou, rindo — vou convidal-o a tomar um vermouth.

Reappareceu cinco minutos depois, em traje civil, completamente metamorphoseado: um gorro de quadros na cabeça; e á cintura trazia, não a faixa de almirante, mas os cordões de um avental.

— Mas — perguntou-lhe Antonio, estupefacto — essa roupa?... Então o senhor não é almirante?

— Qual nada, senhor! — respondeu o outro. E o senhor tinha acreditado?... E' verdade que tenho presença?... Foi por isso que seu amigo me escolheu como modelo para fazer um quadro para a exposição. Mas eu, sou nada mais nada menos, do que o porteiro da casa...

Louis Tibault

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as idades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos

35, Rua dos Ourives, 37 — Rio de Janeiro

A FAMA DO

DECCA

DEVE-SE A' SUA SONORIDADE

O merito supremo de um phonographo consiste em repetir tão fielmente a terna melodia de uma canção favorita, como a complicada symphonia de uma orchestra.

O Decca toca exactamente com a vitalidade dos proprios artistas. No Decoa não se perde nem uma nota nem um diapasão. Ainda que o luxo da caixa e outros accessorios tenham sua importancia, o mérito supremo de um phonographo consiste na sua sonoridade.

DECCA

O PHONOGRAPHO PORTATIL

Informações para o commercio:

CARLOS HAERING

Rua 1.º de Março, 28

RIO DE JANEIRO

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

—::—

54

RUA DA CARIOCA

—::—

ALFAIATARIA
GUANABARA

—::—

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O Nº — 54 —

Manchas de sangue avermelhavam as camisas dos lutadores, cada vez mais encolerizados e furiosos. Néco, receiando que o pae perdesse a vida na luta, aproximou-se do grupo e, de joelhos, pediu misericordia:

— Pel'amor de Deus, moços, num matem mê pae! Dêxem mê pae vivo, pel'amor de Deus!

Tiburço, com um pontapé, atirou-o no chão:

— Sâe dahi, frangote!

O rapazola sentiu uma onda de sangue subir-lhe á cabeça. Era brioso e o insulto galvanizara-o. E elle, vibrando de cólera, atirou-se bravamente, de faca em punho, contra os encarniçados adversarios do velho Bastião.

O ataque de Néco, imprevisto e fulminante, inutilizou logo dois combatentes, Tiburço e Nastaço, que, feridos mortalmente, ficaram a escabujar, numa poça de san-

O CONTO BRASILEIRO

(CONCLUSÃO)

gue... O velho Bastião, com certeira punhalada, prostrou mais um: Nicolau.

Dos quatro irmãos, com forças para lutar restava apenas o Chico Gaivota, que, acovardado, se embrenhou no matto, a correr, buscando salvar a vida. Néco o perseguiu e, alcançando-o, gritou-lhe:

— Péra ahi, tinhoso! Vô fazê teu bucho ficá furadim que nem renda de armofada...

As facas brilharam no ar. E cada qual, negaceando, num jogo de agilidades incriveis, diligenciava cravar a lamina no peito do contendor.

A luta durou poucos instantes. Chico Gaivota, com o ventre perfurado varias vezes, tombou por terra. Néco, tambem gravemente ferido, acercou-se do inimigo e faqueou-o da cabeça aos pés, embebendo-lhe a lamina no corpo mais de cincoenta vezes...

Depois, arrastando-se penosamente, voltou ao local em que havia deixado o velho Bastião. Encontrou-o agoniznate, em consequencia dos ferimentos recebidos na peleja e, abraçando-o, disse-lhe ao ouvido:

— Dêxe 'stá, mê pae. Adonde vomecê fô, eu lh'acompanho...

* * *

ABRAÇADOS, morreram Néco e o velho Bastião. E foi assim, abraçados que os enterraram, no dia seguinte, na mesma cova, no cemiterio do arraial.

Bolbina — essa, coitada, vive á tôa, para os lados do Taubá, e diz o povo que todas as sextas-feiras vira mula sem cabeça...

A agonia do Delfim

De Affonso Daudet

O Delfim está enfermo. Muito enfermo. Em todos os templos do vasto reino o Santissimo Sacramento está exposto de dia e de noite, e cirios gigantescos ardem para obter a cura do régio menino. As ruas da cidade permanecem tristes e silenciosas. Não se ouvem os sinos nem o rumor dos coches. Os transeuntes andam devagar. Em torno do palacio, os curiosos vizinhos contemplam, através das grades do jardim, os suissos de uniformes vistosos que habitam o palacio, dando-se ares de importancia.

Todo o palacio está em movimento. Camaristas e mordomos sobem e descem pelas escadarias de marmore. As galerias estão cheias de pagens e cortezãos, que vestem trajes de seda e vão de grupo em grupo á procura de noticias e falando em voz baixa. As damas de honor, chorando, fazem grandes reverencias, enxugando os olhos com seus lindos lenços bordados.

Mais longe, ha uma numerosa assembléa de medicos que vestem o traje profissional. A gente os póde ver através dos crystaes, agitando as mangas amplas e negras e inclinando, doutoralmente, as bem penteadas perucas. O governador e o escudeiro do Delfim passeiam deante da porta, esperando as decisões da Faculdade. Dois cozinheiros passam a seu lado, sem cumprimental-os. O escudeiro renega como um condemnado. O governador recita versos de Horacio. E, entretanto, lá em baixo, para o lado das cavallariças, se ouve um prolongado e lastimoso som. E' o alazão do Delfim, esquecido pelos palafreneiros, e que relincha tristemente deante de seu presepe vazio.

E o rei? Onde está Sua Magestade o rei? O rei se encerrou, a sós com a sua dôr, em um aposento situado a um extremo do palacio. As magestades não querem que as vejam chorando. O mesmo não acontece com a rainha. Sentada á cabeceira do leito do Delfim, banhada em lagrimas a formosa face, chora aos gritos deante de todo mundo, como o faria a mais miseravel mendiga.

Em seu leito de luxo, o Delfim, mais branco que as almofadas em que repousa, descansa com os olhos fechados. Todos pensam que elle dorme. Tal, porém, não se dá. O Delfim não dorme. Elle se volta para sua mãe e, vendo que chora, lhe diz:

— Rainha e senhora, por que choraes? Julgaes, porventura, que vou morrer?

A rainha quer responder, mas os soluços lhe abafam a voz na garganta.

— Não choreis, rainha e senhora. Esqueceis de que sou o Delfim, e os delfins não podem morrer sem mais nem menos?

A rainha soluça ainda mais fortemente, e o Delfim começa de assustar-se.

— Ah! — exclama. — Vejo que a morte virá buscar-me. Mas eu impedirei que chegue até aqui! Mandem immediatamente noventa soldados, escolhidos entre os mais fortes, para montar guarda em torno de meu leito! Que cem canhões do maior calibre velem, dia e noite, ao pé de minhas janellas, com a mecha accesa! E ai da morte, si se atrever a aproximar-se de mim!

Satisfazendo á vontade do régio menino, a rainha faz um signal e, em seguida, se ouvem os grandes canhões rodando pelo pateo e quarenta soldados formidos, com a partezana no punho, se vão collocar em torno do aposento do enfermo. São os veteranos de bigodes grisalhos. O Delfim bateu palmas ao vel-os. Reconheceu um delles e chamou-o:

— Lorenés! Lorenés!

O soldado adeantou-se para o leito.

— Quero-te muito, meu velhinho! Mostra-me teu sabre gigantesco. Si a morte vier buscar-me, a matarás, não é verdade?

Lorenés respondeu:

— Sim, Alteza...

E duas grossas lagrimas rolaram por suas faces curtidas.

Nesse momento, o capellão se approximou do Delfim, falou-lhe longamente em voz baixa e mostrou-lhe o crucifixo. O Delfim escutou-o admirado e o interrompeu subitamente:

— Comprehendo muito bem o que me diz. Mas vejamos: meu amigo Beppo não poderia morrer em meu logar, si eu lhe desse muito dinheiro?

O capellão continuou falando-lhe em voz baixa e o Delfim mostrou cada vez maior assombro.

Quando o padre havia terminado, o Delfim continuou, exhalando um grande suspiro:

— Tudo o que me diz é muito triste. Mas consola-me pensar que lá em cima, no paraiso estrellado, continuarei sendo Delfim.

E, voltando-se para sua mãe, acrescentou:

— Mande trazer-me meus melhores trajes, meu espartilho de arminho branco e meus escarpins de veludo! Quero engalanar-me para os meus irmãos, os anjos, e entrar no paraiso com meu traje de Delfim.

Pela terceira vez, o capellão inclinou-se para o Delfim e falou-lhe longo tempo em voz baixa. No meio do sermão, o régio menino o interrompeu colérico:

— De maneira que ser Delfim não é ser nada!

E, sem querer mais ouvil-o, o Delfim voltou o rosto para a parede e soluçou. Soluçou amargamente...

AGUIA FERIDA

Rebramam no meu ser mil tormentas bravias!
Meu cerebro é um vulcão em crateras aberto...
No grito atroz que sáe de minhas agonias,
existe a mesma dor do mar e do deserto!

Gemem dentro de mim os torvos vendavaes
que revolvem o oceano e o deserto percorrem;
e as lagrimas de dôr, que de meus olhos correm,
têm o forte sabor de areias e de saes...

Repercuto o clamor formidavel do abysmo
na eterna agitação dos astros e dos sóes...
Trago no olhar aquelle estranho fatalismo
que dynamiza o ser potente dos heróes!...

Mas, preso á terra vil, incomprehendido, afflicto,
soluçando na voz dos furacões, das vagas,
como aguia mal ferida ensanguentando as fragas,
quedo fitando o azul, saudoso do infinito...

José Mesquita.